

The background of the entire image is a close-up of red paint that is severely peeling and cracking. The paint is chipped away in several places, revealing a greyish-blue substrate underneath. The overall texture is rough and aged.

**GEOETNOGRAFIAS DO
AGIR URBANO**

**DESLOCAMENTOS E FLUXOS DE
EXPERIENCIA NA CIDADE CONTEMPORANEA**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
MESTRADO EM GEOGRAFIA

RAFAEL HENRIQUE MENEGHELLI FAFÁ BORGES

GEOETNOGRAFIAS DO AGIR URBANO

deslocamentos e fluxos de experiência na cidade contemporânea

VITÓRIA-ES
2016

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
MESTRADO EM GEOGRAFIA

RAFAEL HENRIQUE MENEGHELLI FAFÁ BORGES

GEOETNOGRAFIAS DO AGIR URBANO

deslocamentos e fluxos de experiência na cidade contemporânea

Dissertação apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em Geografia
da Universidade Federal do Espírito Santo
como requisito para a obtenção do título de
Mestre em Geografia. Orientador: Prof. Dr.
Antônio Carlos do Ó Queiroz Filho.

VITÓRIA-ES
2016

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

B732g Borges, Rafael Henrique Meneghelli Fafá, 1990-
 Geoetnografias do agir urbano : deslocamentos e fluxos de
 experiência na cidade contemporânea / Rafael Henrique
 Meneghelli Fafá Borges. – 2016.
 166 f. : il.

 Orientador: Antônio Carlos Queiroz Filho.
 Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal
 do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais.

 1. Cidades e vilas - Avenida Jerônimo Monteiro (Vitória, ES).
 2. Cidades e vilas - Camburi, Praia de (Vitória, ES). 3. Espaço
 urbano. 4. Experiência. I. Queiroz Filho, Antônio Carlos. II.
 Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Ciências
 Humanas e Naturais. III. Título.

CDU: 91

“GEOETNOGRAFIAS DO AGIR URBANO DESLOCAMENTOS E FLUXOS DE EXPERIÊNCIA NA CIDADE CONTEMPORÂNEA.”

RAFAEL HENRIQUE MENEGHELLI FAFÁ BORGES

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Espírito Santo como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Geografia.

Aprovada em 19 de Abril de 2016.



Prof. Dr. Antonio Carlos Queiroz Do Ó Filho – Orientador – UFES



Profª. Drª. Eneida Maria Souza Mendonça. – UFES



Profª. Drª. Clara Luiza Miranda. – PPGAU/UFES



Prof. Dr. Eduardo José Marandola Júnior – UNICAMP

AGRADECIMENTOS

Ao Orientador, amigo e apaixonado pelo que faz, Antônio Carlos Queiroz Filho, que me apoiou e incentivou em todos os momentos, dando base, segurança e todo auxílio possível para o desenvolvimento deste trabalho. Dividiu cafés, almoços, angústias e alegrias ao longo deste período e, aos poucos, apresenta-me o encanto das palavras e inspira a paixão pela escrita.

A Lorena Marinho Aranha, amiga, amada e para toda a vida, que esteve comigo em todos os momentos, compartilhando as preocupações, ansiedades, apreensões e inquietudes. Minha maior incentivadora e entusiasta. Compartilhou os piores e melhores momentos. Não poupou esforços para ler, corrigir e ajudar no que fosse preciso. Amo você.

Aos Professores da banca Eduardo Marandola Jr., Eneida Maria e Clara Miranda, que fizeram intervenções contundentes e necessárias para os rumos deste trabalho.

A minha mãe Sandra, que sofreu com minhas aflições e sorriu com minhas conquistas. Dando total apoio e condições para que pudesse alcançar este objetivo.

Ao meu pai Richarddson, que, em sua tranquilidade e quietude, sempre me deu todo suporte e confiança para seguir meus sonhos.

À irmã Camila, que, junto com meus pais, proporcionou um ambiente familiar favorável aos estudos e a minha dedicação a esta pesquisa. Com seu jeito sensível, sofreu com o mau humor pelo qual, por vezes, fui acometido, porém, sempre soube do amor e carinho que tenho por ela.

Aos meus primos Leandro, Fabrício, Stênio, Kadu, Marcelo, Pedro, Leo e Fernanda, pela preocupação e incentivo.

Aos meus tios Wagner, Hermogenes e Itália, Vitor e Andrea e Ademir e Rita, que me apoiaram e me incentivaram.

Aos meus avós Wolmar e Ilza, que sofreram com alguns extensos períodos que fiquei sem visitá-los por conta dos longos dias de trabalho.

Ao amigo Fernando Coelho, pois se não fosse pelo seu incentivo, suas conversas e amizade, talvez não tivesse desenvolvido esta pesquisa.

Aos amigos Roney, Murilo, Norman e Felipe Carmelini, que sabiam o momento que eu estava passando e entendiam minhas negativas e recusas.

Ao Grupo de Pesquisa RASURAS, pelo qual tenho tanto apreço e carinho, e a todos os amigos que lá fiz e que me ajudaram e apoiaram; em especial, Ana Carolina, Fabianne Torres, Vanessa Gusmão e Carol Zechinatto.

Às secretárias e anjos da guarda do PPGG Izadora e Luciana.

Aos amigos da sala de estudo, que dividiram todos os desesperos, piadas, sorrisos, almoços e conquistas; em especial, James Ulisses, Daniel, Taty, Douglas e Rafael Maneiro.

Aos Professores do PPGG, pois se não fosse pela dedicação, insistência e muito trabalho, não teria esta oportunidade.

À FAPES e à CAPES, que financiaram e proporcionaram uma dedicação exclusiva a esta pesquisa.

A experiência,
a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque,
requer um gesto de interrupção,
um gesto que é quase impossível nos tempos que correm:
requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar,
pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar;
parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes,
suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade,
suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza,
abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece,
aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro,
calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço.

Jorge Larrosa

RESUMO

O cotidiano nas grandes cidades contemporâneas tem sido pautado pelos fluxos de velocidade, impessoalidade e insegurança, porém, autores como Hesse (1977), Oliveira Jr. (2010) e Marandola Jr. (2011) nos apontam para movimentos de resistência frente a dinâmica, de modo que “insistem em existir” (ASPIS, 2010) em meio a essa cidade funcionalista, sendo pautados pelos fluxos de sociabilidade, lentidão e segurança. Dessa forma, investigar como todos esses fluxos influenciam e se manifestam na experiência cidadina em duas localidades de Vitória-ES, a avenida Jerônimo Monteiro e a Orla de Camburi, foi o objetivo deste trabalho. Essas duas áreas foram escolhidas porque apresentam apropriações diferentes, a primeira mais voltada para o comércio e a segunda para o lazer. Dessa forma, analisamos se essa diferença interfere nas ocorrências dos fluxos investigados. Autores como Virilio (2014), Bauman (1999; 2009), Caiafa (2003) e Jacobs (2011) nos foram basilares para a discussão de como o cotidiano passou a ser pautado por esses fluxos, que Queiroz Filho denomina de “grandes marcas do viver citadino contemporâneo” (QUEIROZ FILHO et al., 2013). As investigações foram realizadas através de experiências em campo, de modo que elas foram distribuídas ao longo de quatro semanas. Os conhecimentos e dados coletados com as experiências e as observações na Jerônimo Monteiro e na Orla de Camburi foram base para a elaboração dos relatos de campo e da criação de tabelas, gráficos e mapas. Estes produtos tiveram o intuito de apresentar a variedade de dados coletados e de experiências vivenciadas ao longo das quatro semanas. Para a criação desses materiais, cada fluxo foi associado a uma cor, levando em consideração suas características e a Teoria das Cores de Goethe (1993). Concluímos fazendo uma discussão e análise sobre a influência dos fluxos de experiência nas áreas de estudo e também um paralelo entre elas, de modo a identificarmos semelhanças e alteridades.

Palavras-Chave: Experiência. Cidade. Resistência. Avenida Jerônimo Monteiro. Orla de Camburi

ABSTRACT

Everyday life in contemporary cities has been related to the flow speed, impersonality and insecurity, however, authors such as Hesse (1977), Oliveira Jr. (2010) and Marandola Jr. (2011), indicate movements in which fissures are created in this dynamic, so that "they insist on existing" (ASPIS, 2010) in the midst of this functionalist city, being guided by sociability flows, slowness and security. Thus, the aim of this paper was to investigate how all these flows influence and manifest themselves in the urban experience in two places in the city of Vitória in the State of Espírito Santo, Brazil: Jerônimo Monteiro Avenue and Camburi Shoreline. These two areas were chosen because they are used for different purposes, the first is more often used for trading the second for leisure, thus analyzing if this difference affects the occurrence of the investigated flows. Authors such as Virilio (2014), Bauman (1999, 2009), Caiafa (2003) and Jacobs (2011), were essential to the discussion of how the everyday life started to be related to this flows, which Queiroz Filho calls the "big marks to the contemporary urban living" (Queiroz Filho et al, 2013). The researches were carried out through field experiments, which happened during four weeks. The knowledge and data collected from the experiences and observations in Jeronimo Monteiro Avenue and in Camburi Shoreline, were the basis to develop the field reports and the making of charts, graphs and maps. These products intend to show the variety of data collected and the experiences we had along these four weeks. To create these materials, each flow was associated to a color, taking into account its characteristics and the Theory of Colors by Goethe (1993). We conclude by discussing and analyzing the influence of the flows in the area and also a comparison between them, in order to identify similarities and otherness.

Key words: Experience. City. Resistance. Boulevard Jerônimo Monteiro. Waterfront Camburi.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Intervenções analisadas no texto RASURAS E EXPERIMENTAÇÕES: apontamentos sobre imagem-cidade-experiência, produzido durante o período da Iniciação Científica em conjunto com o Professor Doutor Antônio Carlos Queiroz Filho e a Aluna Hadassa Pimentel Damiani, 2013.	16
Figura 2: Círculo de Cores de Goethe.....	49
Figura 3: Círculo de cores complementares e análogas.	49
Figura 4: Círculo cromático.	50
Figura 5: Tabela de Classificação dos Fluxos e cores.	54
Figura 6: Descrição das variáveis que compõe os gráficos.	55
Figura 7: Localização da calçada da direita e da esquerda segundo a direção de trânsito da via Jerônimo Monteiro.	62
Figura 8: Espacialização da Avenida Jeronimo Monteiro e as divisões de análise.....	62
Figura 9: Praça Costa Pereira.....	68
Figura 10:Cartaz do CineSesc.	80
Figura 11: Mapa da Orla de Camburi com as divisões de análise.	87
Figura 12: Mosaico evidenciando a divisão do Calçadão na Orla de Camburi.	100
Figura 13: Tabela de categorização das formas de manifestações dos fluxos.	108
Figura 14: Tabela de ocorrências dos fluxos de Velocidade e Lentidão na Avenida Jerônimo Monteiro.....	110
Figura 15: Tabela de ocorrência dos fluxos de Impessoalidade e Sociabilidade na Avenida Jerônimo Monteiro.....	110
Figura 16: Tabela de ocorrências dos fluxos de Insegurança e Segurança na Avenida Jerônimo Monteiro.....	110
Figura 17: Gráfico de Intensidade de Fluxos na Avenida Jerônimo Monteiro.	113
Figura 18: Tabela de valores absolutos de ocorrência dos fluxos (Primeira e segunda semana de campo) na calçada da direita - Avenida Jerônimo Monteiro.	114

Figura 19:Gráfico de Intensidade de Fluxos na calçada da direita na Avenida Jerônimo Monteiro.....	114
Figura 20: Tabela de valores absolutos de ocorrência dos fluxos (Primeira e segunda semana de campo) na calçada da esquerda - Avenida Jerônimo Monteiro.	117
Figura 21: Gráfico de Intensidade de Fluxos na calçada da esquerda na Avenida Jerônimo Monteiro.....	117
Figura 22: Tabela de valores absolutos de ocorrência dos fluxos (Primeira e segunda semana de campo) Praça Costa Pereira - Avenida Jerônimo Monteiro.	119
Figura 23: Gráfico de Intensidade de Fluxos na Praça Costa Pereira na Avenida Jerônimo Monteiro.....	119
Figura 24: Tabela de valores absolutos de ocorrência dos fluxos (Primeira e segunda semana de campo) Praça Oito - Avenida Jerônimo Monteiro.	121
Figura 25: Gráfico de Intensidade de Fluxos na Praça Oito na Avenida Jerônimo Monteiro.....	122
Figura 26: Tabela de valores absolutos de ocorrência dos fluxos (Primeira e segunda semana de campo) SESC -Glória - Avenida Jerônimo Monteiro....	124
Figura 27:Gráfico de Intensidade de Fluxos no SESC- Glória na Avenida Jerônimo Monteiro.....	125
Figura 28: Mapas de espacialização dos Fluxos analisados: Velocidade e Lentidão, Impessoalidade e Sociabilidade, Insegurança e Segurança com a localização das divisões analíticas na Avenida Jerônimo Monteiro.	127
Figura 29: Tabela de ocorrências dos fluxos de Velocidade e Lentidão na Orla da Praia de Camburi. Fonte:	131
Figura 30: Tabela de ocorrências dos fluxos de Impessoalidade e Sociabilidade na Orla da Praia de Camburi.....	131
Figura 31: Tabela de ocorrências dos fluxos de Insegurança e Segurança na Orla da Praia de Camburi.....	131
Figura 32: Gráfico de Intensidade de Fluxos na Orla de Camburi.....	132
Figura 33: Tabela de valores absolutos de ocorrência dos fluxos (Primeira e segunda semana de campo) na Parte não reformada – Orla de Camburi.	133
Figura 34: Gráfico de Intensidade de Fluxos na Parte não reformada da Orla de Camburi.....	134

Figura 35:Tabela de valores absolutos de ocorrência dos fluxos (Primeira e segunda semana de campo) na Ciclovía – Orla de Camburi.	135
Figura 36: Gráfico de Intensidade de Fluxos na ciclovía da Orla de Camburi.	136
Figura 37: Tabela de valores absolutos de ocorrência dos fluxos (Primeira e segunda semana de campo) no Calçadão – Orla de Camburi.....	137
Figura 38: Gráfico de Intensidade de Fluxos no calçadão da Orla de Camburi.	137
Figura 39: Tabela de valores absolutos de ocorrência dos fluxos (Primeira e segunda semana de campo) primeira faixa de areia – Orla de Camburi.	138
Figura 40: Gráfico de Intensidade de Fluxos na Primeira faixa de areia da Orla de Camburi.....	139
Figura 41: Tabela de valores absolutos de ocorrência dos fluxos (Primeira e segunda semana de campo) segunda faixa de areia – Orla de Camburi.....	140
Figura 42: Gráfico de Intensidade de Fluxos na Segunda faixa de areia da Orla de Camburi.....	140
Figura 43- Manchete de Jornal - Classificação da balneabilidade em Camburi	142
Figura 44: Mapa de espacialização dos Fluxos analisados: Velocidade e Lentidão, Impessoalidade e Sociabilidade, Insegurança e Segurança com a localização das divisões analíticas Parte não Reformada da Orla de Camburi.	144
Figura 45: Mapa de espacialização dos Fluxos analisados: Velocidade e Lentidão, Impessoalidade e Sociabilidade, Insegurança e Segurança com a localização das divisões analíticas Parte Reformada da Orla de Camburi. ...	145
Figura 46: Mapa dos Fluxos de Experiência na avenida Jerônimo Moneteiro	148
Figura 47: Mapa dos Fluxos de Experiência na Orla de Camburi.	149

SUMÁRIO

RESSONÂNCIAS.....	14
CAPÍTULO 01 O QUE NOS PASSOU	23
1.1 – O Viver Cidadino Contemporâneo	24
1.2 – Polifonia e Experiência: Pensando o Campo.....	39
1.3 – Metodologias de Análise.....	47
CAPÍTULO 02 O QUE NOS ACONTECEU.....	57
2.1 – Relatos de Campo: Primeira Semana (Avenida Jerônimo Monteiro)...	58
2.1.1 – Velocidade / Lentidão	63
2.1.2 – Impessoalidade / Sociabilidade	69
2.1.3 – Insegurança / Segurança.....	74
2.2 – Relatos de Campo: Segunda Semana (Avenida Jerônimo Monteiro)..	78
2.3 – Relatos de Campo: Primeira Semana (Orla de Camburi)	82
2.3.1 – Velocidade / Lentidão	93
2.3.2 – Impessoalidade / Sociabilidade	95
2.3.3 – Insegurança / Segurança.....	99
2.4 – Relatos de Campo: Segunda Semana (Orla de Camburi)	102
CAPÍTULO 03 O QUE NOS TOCOU	106
3.1 – Fluxos de Experiência na Avenida Jerônimo Monteiro	108
3.2 – Fluxos de Experiência na Orla de Camburi	129
3.3 – Discussões das Relações entre a Avenida Jerônimo Monteiro e a Orla de Camburi	147
REVERBERAÇÕES	154
BIBLIOGRAFIA	161

RESSONÂNCIAS

Instituição: UFES; curso: Geografia; período: sexto; primeira semana de aula; disciplina: Geografia da Mobilidade; professor responsável: Dr. Antônio Carlos Queiroz Filho. Esse foi um momento marcante em minha vida acadêmica. Lembro-me muito bem de uma frase dita pelo professor, quando se apresentava para a turma e comentava sobre a disciplina: “Vocês vão aprender a desaprender”. No momento, não me atentei, mas essa frase caminhará comigo por todos os meus estudos, investigações, experiências e aprendizados dali em diante.

Alguns meses se passaram e o final do semestre chegou. Enquanto cursava a disciplina, interessei-me pelas discussões, atividades e exercícios que o professor havia proposto. Eles se diferenciavam, em certo grau, dos comumente feitos até então. Em todos, discutíamos atitudes, pensamentos, ações, conceitos, concepções, visões e quais eram suas reverberações no experienciar, pensar e fazer cidade.

Em um dos últimos dias, quando a aula já estava para terminar, o professor fez uma pergunta referente às discussões que ocorreram naquela manhã, e percebi que eu havia sido o único da classe a não ter entendido aonde ele queria chegar com as questões colocadas e debatidas. Quando ele encerrou, fui até sua mesa para conversar, queria fazer algumas perguntas com intuito de conseguir entender o objetivo das discussões que ocorreram. Estas minhas questões ficaram sem respostas na hora, porém me foi feito um convite. Ele comentou que se eu tivesse interesse mesmo em entender, que poderia participar de seu grupo de pesquisa; lá, essas minhas dúvidas seriam tiradas, conforme as reuniões fossem acontecendo e eu fosse assimilando algumas discussões basilares do grupo. Falei que pensaria no assunto e que, se decidisse que sim, compareceria à reunião.

Duas semanas depois, era uma quarta-feira, dia da reunião para a qual tinha sido convidado. Lembro-me de ter ficado na dúvida entre ir ou não. Era uma área de pesquisa muito diferente da que eu me imaginava estudando. Tinha acabado de terminar um curso técnico em geoprocessamento, e tinha

uma pretensão de seguir nessa área. Fiquei durante toda a manhã pensativo, comecei a lembrar as atividades da disciplina, as discussões que foram feitas e minha vontade de participar de algum grupo de pesquisa. Porém o ponto determinante para resolver ir à reunião foi aquela frase do primeiro dia, que ainda ressoava em meus pensamentos toda vez que pensava na disciplina ou em algo relacionado a ela.

Tomado pelo nervosismo, curiosidade e felicidade, fui para a reunião. Lembro-me de o professor ter ficado satisfeito em ver que eu havia aceitado o convite e tinha comparecido. Como era final do ano, fui a mais três ou quatro reuniões, e a universidade entrou de recesso. Esses poucos encontros foram suficientes para as discussões, pesquisas e atividades ali realizadas me tomarem. Fui permeado pelo ambiente, pelas pessoas, pelas conversas, pelos textos e pelos conhecimentos ali produzidos e para mim inaugurados.

Lembro-me da ansiedade que fiquei para que as reuniões retornassem. Depois de longa espera, enfim, voltaram. No primeiro encontro, foram delimitados os cronogramas de pesquisa, de prazos de atividades que cada um realizaria e se comprometeria a cumprir ao longo do ano. Eu ainda não estava desenvolvendo nenhuma pesquisa, com isso, achei que não entraria nessa lista, porém estava enganado. O professor me deu dois meses para desenvolver um projeto que seria submetido ao edital PIBIC/PIVIC daquele ano. Os dois meses se passaram, o projeto foi submetido, aprovado, e meus estudos sobre a cidade contemporânea tiveram início.

Nessa iniciação científica, estudamos como o coletivo *Street Art Utopia*, através da apropriação de diversos objetos urbanos, tensiona as formas e funções estabelecidas da cidade, chamando atenção para uma vida urbana padronizada, em que nosso olhar, muitas vezes acostumado a ser pouco artístico e poético, não enxerga além do que nos dão a ver. Com as obras, os artistas buscam, além de libertar os objetos de seu lugar comum, fazer uma apropriação criativa dos espaços urbanos. Desprendidos de um olhar viciado, um poste vira uma perna de óculos, uma câmera de videomonitoramento transforma-se em cabeça de avestruz (Figura 01) e, dessa maneira, inúmeros outros objetos são apropriados e têm suas formas e funções modificadas.



Figura 1 – Intervenções analisadas no texto RASURAS E EXPERIMENTAÇÕES: apontamentos sobre imagem-cidade-experiência, produzido durante o período da Iniciação Científica em conjunto com o Professor Doutor Antônio Carlos Queiroz Filho e a Aluna Hadassa Pimentel Damiani, 2013.

Fonte: (QUEIROZ FILHO; BORGES; DAMIANI, 2013)

Essas intervenções criadas pelo *Street Art Utopia*, muitas vezes, fazem-nos, por alguns instantes, desviar o olhar, observar o entorno, perceber locais, situações e objetos que antes passavam despercebidos na cidade, causam em nós uma experiência, deixam uma marca. Por breves momentos, tiram-nos da rotina, constituindo-se em linhas de fuga de uma vida pautada pelas “grandes marcas do viver citadino contemporâneo: individualismo, impessoalidade, insegurança, velocidade/pressa, padronizações e automatismos de todos os tipos” (QUEIROZ FILHO; BORGES; DAMIANI, 2013).

Nessa pesquisa tive contato com autores como Massimo Canevacci (2004), Zygmunt Bauman (1999; 2001; 2008), Marc Augé (2001), Guy Debord (1997), Jorge Larrosa (2002), Doreen Massey (2008), Queiroz Filho (2010; 2012), Oliveira Jr. (2009) e Gianni Vattimo (1992), que, aos poucos, foram me fazendo entender o que significava “aprender a desaprender” e foram me inspirando e me instigando a querer estudar mais sobre a cidade. Eles me mostraram que a verdade é plural, que os diversificados pontos de vista potencializam versões múltiplas.

Com as discussões feitas pelos autores e inspirado pelo coletivo *Street Art Utopia*, que olha para a cidade como campo de possibilidades para suas intervenções, transformando objetos urbanos em obras de arte, dando novos sentidos, significados e versões para eles, minha relação com a cidade mudou.

Comecei a olhá-la como a geógrafa Doreen Massey nos sugere, de modo a entendê-la “como uma simultaneidade de estórias-até-agora” (MASSEY, 2008, p. 29), uma forma de pensá-la em que os vários pontos de vistas, os vários discursos não entram numa disputa dicotômica entre o certo e o errado, e sim enriquecem e potencializam sua verdade, seu entendimento.

O filósofo italiano Gianni Vattimo também nos foi basilar nessa discussão, quando argumenta que “é ilusório pensar que existe um ponto de vista supremo, global, capaz de unificar todos os outros...” (VATTIMO, 1992, p. 9). Cada outra versão que surge adiciona outro fator que antes não era visto ou percebido, outros pontos de vista, outros elementos. Cada versão carrega “consigo as marcas de um modo de apontar para as coisas, de dizer sobre elas, evidenciando intencionalmente determinados aspectos, apagando outros” (QUEIROZ FILHO, 2010, p. 36).

Passou-se um ano e o PIBIC acabou, mas as reverberações que ele produziu ainda pulsavam. Estudar e pesquisar a vida nas grandes cidades e os vários elementos que medeiam e interferem em nosso dia a dia, que atravessam nossas experiências citadinas havia me fascinado, seduzido-me. No projeto de pesquisa, investiguei como as intervenções urbanas criam linhas de fuga no cotidiano da cidade, pautado pelas “grandes marcas do viver citadino” (QUEIROZ FILHO *et al*, 2013). Queria, porém, me aprofundar na pesquisa e na exploração desses fluxos em nosso cotidiano, o que eles nos furtam, suas interferências e influências em nossas experiências e vivências citadinas, como e por que eles pautam nossas vidas, como eles se manifestam. Enfim, queria mergulhar nessas ressonâncias que ficaram de minha pesquisa.

Neste momento, porém, meus anseios de continuar com essas pesquisas tiveram que ser deixados um pouco em suspenso, pois estava nos momentos finais da licenciatura e precisava desenvolver um trabalho de conclusão de curso para formar. Isso era por volta de agosto de 2012. Durante a construção do TCC, as discussões, pensamentos e autores pesquisados e lidos no PIBIC falavam alto em minha maneira de investigar, de olhar e de me relacionar com as problemáticas e questões discutidas e debatidas no âmbito escolar.

No meio desse segundo semestre de 2012, diversas universidades federais entraram em um período de greve de 4 meses, aderida também pela

UFES, prolongando, dessa forma, minha defesa para meados de abril de 2013. Após a defesa, estava num estado em que as discussões, a vida acadêmica, o ato de escrever, de pesquisar, as reverberações que tinham ficado do PIBIC estavam mais latentes que nunca. Queria, de alguma forma, continuar esse movimento, as investigações, discussões e debates que os autores me instigavam e, concomitante a isso, também alteravam minha relação com a cidade, com as pessoas que nela habitam, com os casos e acasos que ela oportuniza, com a forma de me relacionar com o urbano.

Alguns amigos e professores com os quais conversei sobre esses anseios, me indicaram e incentivaram tentar a seleção para o mestrado, pois ele seria uma oportunidade de dar continuidade a esse desejo. Comecei a desenvolver um projeto, e tinha a certeza de que gostaria de tentar com o professor Carlos Queiroz, pois, tinha gostado muito dos temas trabalhados por ele e eles me desafiavam, me estimulavam a querer cada vez pesquisar mais e me aprofundar nos estudos.

Fiz um projeto, me inscrevi para a seleção e fui aprovado, porém, o projeto inicial sofreu uma série de alterações e ajustes, mudamos objetivos, mudamos objeto de análise, até que conseguíssemos chegar a essa pesquisa que foi desenvolvida, que teve como objetivo investigar como os fluxos de velocidade, lentidão, impessoalidade, sociabilidade, insegurança e segurança se manifestam na avenida Jerônimo Monteiro e na Orla de Camburi, ambas localizadas na cidade de Vitória, capital do Espírito Santo.

A avenida Jerônimo Monteiro tem esse nome em homenagem a um antigo Governador do estado do Espírito Santo chamado Jerônimo de Souza Monteiro. Ele governou o estado entre os anos de 1908 e 1912, era natural de Cachoeiro de Itapemirim e, além de Governador, foi senador, deputado estadual e federal. Antes de ter esse nome, a avenida era chamada de Rua da Alfândega. Em 1872, ela mudou de nome e passou a se chamar Rua Conde D'Eu e assim permaneceu até a proclamação da República, em 1889, quando voltou a ser Rua da Alfândega (ELTON, 1986). Apenas em 1920, seu nome mudou para avenida Jerônimo Monteiro e assim permanece até hoje.

Esta avenida sempre foi palco de grandes eventos e local de importantes lojas e equipamentos urbanos. Em uma de suas extremidades está localizada a escadaria do Palácio Anchieta, antigo Colégio dos Jesuítas que,

desde o século 18, é a sede do governo estadual, sendo uma das mais antigas do país. Recebeu, em 1917, a primeira sede do Banco do Brasil do Estado e abrigava importadoras, armazéns de cafés, grandes lojas, cinemas, teatros e o antigo Mercado Municipal (ELTON, 1986).

A Jerônimo Monteiro fica totalmente em área de aterro e, segundo dados da prefeitura, ela tem 1052 m de extensão, sendo uma das principais avenidas do bairro e da cidade de Vitória. Nela não há nenhum imóvel exclusivamente residencial, são 78 pontos de comércio, dez pontos mistos (comércio e residência) e só há apenas duas árvores ao longo de sua extensão, que conta também com seis semáforos.

A orla de Camburi fica na parte continental da capital capixaba, sendo a maior praia da cidade, com um pouco menos de seis quilômetros de extensão. Ela abarca três bairros, sendo eles Jardim da Penha, Mata da Praia e Jardim Camburi, podemos encontrar na avenida que margeia toda sua extensão, a Dante Micheline, uma grande rede hoteleira. Camburi tem uma boa faixa de areia, proporcionando para os moradores da cidade um ótimo local para a prática de esportes.

Ela sedia, anualmente, alguns torneios nacionais e internacionais de vôlei de praia e futebol de areia. Seu calçadão é um dos locais preferidos da cidade para a prática de corridas, caminhadas, ciclismo, *skate* e patins, além de ser, frequentemente, palco de diversas corridas de rua. Na Orla, podemos encontrar quiosques, atividades físicas ofertadas pela prefeitura, além de ser procurada por diversas pessoas para o lazer.

Essas duas localidades foram escolhidas como áreas de estudo deste trabalho, justamente por essa diferença de finalidades que elas apresentam. Uma é mais voltada para o comércio, com a presença de diversos escritórios, empresas e lojas; e a outra inclinada para o lazer e a prática esportiva. Dessa forma, poderemos analisar como os fluxos se manifestam em locais de apropriações e atividades variadas, verificando, também, as semelhanças e diferenças dessas ocorrências.

Esta investigação será feita através de pesquisa de campo, entendida, aqui, como “um momento importante do processo de compreensão de uma dada problemática que se pretende estudar. Nem melhor, nem pior, apenas importante” (QUEIROZ FILHO, 2015, p. 17). Queiroz Filho faz uma discussão

sobre essa metodologia de pesquisa e pensa “o ir à campo como um gesto circunstancial que passa, necessariamente, pelos ‘pés’ e pelo ‘pensamento” (QUEIROZ FILHO, 2015, p. 17). Dessa forma, pensar e fazer campo, nos termos que ele nos apresenta, passa por “uma questão de velocidade e ritmo, portanto, de sensibilidade, que é tanto dos pés, quanto do pensamento” (QUEIROZ FILHO, 2015, p. 17). Ele nos desperta a pensar uma forma e ritmo de vivenciar o campo, de modo a potencializar essa sensibilidade.

Propomos ir a campo nesta pesquisa, pois pretendíamos um conhecimento baseado na experiência, nas vivências, que o lugar fosse proporcionando situações, acontecimentos, casos e acasos que nos dessem pistas e indícios de como os fluxos de velocidade e lentidão, impessoalidade e sociabilidade e insegurança e segurança, nele, se manifestam. Dessa forma, o filósofo espanhol Jorge Larrosa (2015) é categórico quando afirma:

Do ponto de vista da experiência, o importante não é nem a posição (nossa maneira de pormos), nem a “o-posição” (nossa maneira de opormos), nem a “imposição” (nossa maneira de impormos), nem a “proposição” (nossa maneira de propormos), mas a “exposição”, nossa maneira de “ex-pormos”, com tudo o que isso tem de vulnerabilidade e de risco. Por isso é incapaz de experiência aquele que se põe, ou se opõe, ou se impõe, ou se propõe, mas não se “ex-põe” (LARROSA, 2015, p. 26)

Esta será a função do campo neste trabalho, vamos nos expor na avenida Jerônimo Monteiro e na Orla de Camburi, em busca de um conhecimento da experiência.

Os conhecimentos e dados coletados durante esse momento da pesquisa, serão trabalhados e darão base para os relatos de campo e as diversas tabelas, gráficos e mapas, que terão o intuito de apresentar, de formas variadas, o conhecimento que ele nos proporcionou.

Para a criação desses materiais, cada fluxo foi associado a uma cor, levando em consideração a Teoria das Cores, formulada no século XIX, pelo alemão, Johann Wolfgang von Goethe. Segundo ele, cada uma delas estimula

um sentimento quando entramos em contato e faz uma catalogação dessa relação cor/sensação. Apoiamos-nos, também, nas discussões feitas pela psicologia das cores, que vem atualizando e aprofundando estudos nessa área do conhecimento.

Sendo assim, os capítulos deste trabalho ficaram divididos em três grandes momentos. O capítulo um foi destinado para as discussões pré-campo; o capítulo dois apresentará os relatos de campo; o capítulo três, as discussões pós-campo.

No capítulo um, faremos, num primeiro momento, uma discussão sobre os fluxos que este trabalho pretende estudar, com autores como Virilio (2014), Hesse (1977), Bauman (1999, 2009), Marandola Jr. (2011), Caiafa (2003), Jacobs (2011), que estudam a cidade e debatem as influências, as manifestações, as implicações e as formas que agravam as “grandes marcas do viver citadino contemporâneo” (QUEIROZ FILHO *et all*, 2013). Também, iremos

Em um segundo momento, faremos um debate sobre a metodologia de campo, a forma de ser e estar nas áreas de pesquisa, trazendo autores como Canevacci (2004), Larrosa (2015), Queiroz Filho (2010), Skliar (2014), que nos ajudarão a pensar esse momento de modo a potencializar as possibilidades de experiência.

O terceiro e último momento do capítulo um foi destinado a debater a metodologia que utilizamos para apresentar os dados coletados em campo. Serão discutidas as construções das tabelas, dos gráficos e dos mapas, que nos ajudarão na parte pós-campo. Neste momento, também faremos uma discussão sobre as cores e suas características e como relacionamos os fluxos de impessoalidade, sociabilidade, velocidade, lentidão, insegurança e segurança a uma cor específica cada um.

O capítulo dois foi reservado para os relatos de campo. Será uma maneira de apresentar uma descrição das áreas de estudo, bem como contar de detalhes, acontecimentos, situações, sentimentos, sensações, experiências e casualidades que nos aconteceram.

No capítulo três, serão feitas as discussões dos dados e conhecimentos adquiridos durante as experiências na Avenida Jerônimo Monteiro e na Orla de Camburi. Serão apresentados: o número de recorrências

de cada fluxo, a intensidade de cada um deles, a espacialidade, além de discutirmos suas relações, suas formas de manifestação, suas influências nas experiências locais e sua distribuição ao longo das áreas. Esses debates serão feitos com base nos relatos de campo, nas tabelas, gráficos e mapas que foram construídos com base na pesquisa de campo. Será o momento, também, de fazermos um paralelo entre as duas localidades escolhidas, de modo a identificar as divergências e semelhanças que os fluxos causam na relação dos cidadãos com o lugar e com quem os anima.

CAPÍTULO 01

O QUE NOS PASSOU

“o sujeito da experiência é um ponto de chegada, um lugar a que chegam as coisas, como um lugar que recebe o que chega e que, ao receber, lhe dá lugar” (LARROSA, 2015, p. 25).

1.1 – O Viver Citadino Contemporâneo

“Consideráveis parcelas da nossa população atualmente vegetam numa apatia triste e sem amor. Espíritos mais refinados consideram opressivas e dolorosas nossas formas de vida pouco artísticas, afastando-se para o ostracismo”.

“A pressa como razão mais importante da nossa vida, é sem dúvida o inimigo mais perigoso da alegria”

“Parece triste mas inevitável que essa pressa da vida atual nos tenha influenciado profunda e efetivamente, desde os começos da nossa educação. Infelizmente essa pressa da vida moderna tomou conta também do nosso mínimo lazer; nossa maneira de gozarmos algo é quase tão nervosa e desgastante quanto a execução dos nossos trabalhos. ‘O máximo rendimento possível, com a maior rapidez possível’, é a solução”.

“Quando pela manhã vou ao meu trabalho, seguem apressados, comigo ou em direção oposta a mim, inúmeros trabalhadores, mal emergindo do sono e da cama, correndo friorentos pelas ruas. A maioria deles anda depressa e mantém os olhos fixos na rua ou, no máximo, nas roupas e rostos dos passantes”.

Essas são passagens do texto *Pequenas Alegrias*¹, do escritor alemão, naturalizado suíço, Hermann Hesse, datado de 1899. Sim, final do século XIX. Nesses trechos, ele nos apresenta uma vida urbana, na qual tanto o trabalho quanto os momentos de lazer estão envoltos por uma urgência de velocidade, com as pessoas cada vez mais reclusas e impessoais, mingando-se o olhar artístico, criativo, vívido sobre a vida.

Mais de um século depois, estudiosos da cidade continuam a investigar e a constatar que esses fluxos ainda atravessam o cotidiano dos cidadãos que vivem em uma grande cidade. O filósofo e urbanista francês Paul Virilio é um

¹ Texto contido no livro *Pequenas Alegrias*, de 1977.

desses autores. Ele se debruça em discutir como a velocidade e a vida apressada têm reverberado e influenciado em nossa experiência cidadina. Em seu livro *O Espaço Crítico*, argumenta que, assim como as poluições que atingem o ar, as águas, os solos, existe também uma degradação do espaço-tempo de nosso planeta, a “poluição dromosférica” (VIRILIO, 2014). Nesta, o meio geofísico é “reduzido progressivamente a nada pelos diversos meios de transporte e comunicação instantâneos” (VIRILIO, 2014, p. 124). Ele “sofre uma inquietante desqualificação de sua ‘profundidade de campo’ que degrada as relações entre o homem e seu ambiente” (VIRILIO, 2014, p. 124).

Dessa forma, podemos falar que a poluição dromosférica é a poluição das distâncias, causada pelo excesso de velocidade, causando “rupturas de escala tanto em relação ao território e à unidade de vizinhança quanto em relação ao outro, ao familiar, ao amigo, ao vizinho imediato” (VIRILIO, 2014, p. 136).

Apesar da intensas mudanças nas cidades, desde a publicação deste livro de Paul Virilio, datado de 1984, percebemos que suas discussões continuam contundentes após os grandes avanços tecnológicos que ocorreram nos últimos 32 anos, aumentando a mobilidade de pessoas, produtos e, principalmente, de informações, ideias e pensamentos. Entre esses progressos, podemos destacar a massificação da *internet* e a popularização dos *smartphones*.

O antropólogo francês Marc Augé denomina esses novos fluxos que esses avanços trouxeram para as cidades de “mobilidade sobremoderna” (AUGÉ, 2010). O prefixo “sobre” que ele utiliza no termo “deve ser entendido no sentido que ele possui em Freud e Althusser, na expressão ‘sobredeterminação’, o sentido do inglês ‘over’; ele designa a superabundância de causas que complicam a análise dos efeitos” (AUGÉ, 2010, p. 15). Dessa forma, ele discute que pensar a cidade é levar em consideração essa profusão de atravessamentos e de circunstâncias que complexificam seu entendimento e seu estudo, levando em conta as novas conexões, contradições, ambiguidades, incoerências, os novos relacionamentos e vínculos que eles inauguram no cotidiano urbano.

Com a mobilidade sobremoderna e os avanços tecnológicos, temos a sensação de que num piscar de olhos podemos saber ou interagir com

qualquer coisa de qualquer parte do planeta. É neste ceio de problematizações que Virilio tece sua crítica, refletindo sobre uma poluição gerada por essa instantaneidade.

Fernando Rosa Dias (2005), em seu texto *A "dromologia" de Paul Virilio e a arquitetura contemporânea: reflexões sobre a crise da "Polis" e da "Domus"*, debruça-se sobre os estudos do filósofo e urbanista francês e argumenta que:

até ao advento da revolução dos transportes na cultura industrial, a viagem era experiência e conhecimento, que não se decidia apenas pelos polos de partida (origem) e chegada (destino), para se determinar em todo um percurso como história intrometida na espessura da demora dessa mesma viagem. O percurso era duração, ou mesmo espera, por vezes aceitando desvios para se estender em busca dessa experiência e história da viagem (DIAS, 2005, p. 234).

Esses novos equipamentos que nos conectam a qualquer lugar ou pessoas em instantes ajudam a intensificar o processo que Virilio chama de "perda da narrativa do trajeto" (VIRILIO, 2014, p. 128). O entre se dissolve e agora o foco está nos polos (partida e chegada), o caminho e todos os encontros, contatos, relações, trocas, conversas, olhares, curiosidades, casos e acasos que ele proporcionava e que integravam e potencializavam a experiência da viagem, agora, perdem espessura.

Com o progresso das tecnologias de comunicação, a cidade se tornou "um espaço de extensão de fronteiras móveis" (AUGÉ, 2010, p. 87). Elas, antes bem demarcadas, agora são voláteis, desenhadas e redesenhadas constantemente, pois temos a possibilidade de estarmos fisicamente em um lugar, mas em pleno contato com outro. O sociólogo polonês Zygmunt Bauman encorpa o número de autores que discutem essa nova relação que as telecomunicações proporcionam, argumentando que:

estamos grudados na poltrona e passando na tela os canais de TV via satélite ou a cabo, saltando para dentro e para fora de espaços estrangeiros com uma velocidade muito

superior à dos jatos supersônicos e foguetes interplanetários, sem ficar em um lugar tempo suficiente para ser mais do que visitantes (BAUMAN, 1999, p. 85).

Essa dinâmica se aplica também aos celulares e computadores, ou qualquer outro aparelho em que possamos acessar a *internet*. Esses aparatos tecnológicos nos causam um tipo de “descentramento” (AUGÉ, 2010, p. 93), tanto da moradia, quanto do ser. Eles tomam, em certa medida, o lugar do lar, onde se convive, interage e se relaciona com os conhecidos. Os indivíduos em posse desses aparelhos acabam por estar em contato constante com o exterior e, por assim dizer, fora dele (AUGÉ, 2010).

O local de sociabilidade da casa, na grande maioria das vezes, não é mais a sala de estar, mas os aparelhos de comunicação que nos permitem criar locais de socialização virtual. Nas palavras do português Fernando Rosa Dias, Design de Comunicação, “é mais directa a ligação a uma telecomunicação com um ponto exterior do globo do que a uma deslocação de contacto corporal no interior da casa” (DIAS, 2005, p. 244). Atrofiar o trajeto nesta escala de análise, a do território e da unidade de vizinhança, está ligado a nos relacionarmos com os pontos turísticos, cidades, países, pessoas que desejamos conhecer ou nos conectar, através de uma tela de computador, celular, televisão, ou qualquer outro aparelho que nos permita esse tipo de interação.

O aqui e agora da presença, como deslocação (que é a localização “no” trajeto) de um corpo vivo, é substituído por esse “lugar nenhum” da intermitência do corpo virtual. Verificando-se uma perda do sujeito e do objecto... uma atrofia do trajeto e uma “desagregação das condições da experiência sensível” (DIAS, 2005, p. 235)

Agora, se pensássemos, em outra escala de análise, esse excesso de velocidade causa uma ruptura, da nossa relação com o outro, familiar, amigo, vizinho imediato, em nossos vários deslocamentos diários que não podem ser substituídos pela telepresença. O que significaria dizer que o trajeto tem sido

dissolvido? O que significaria essa desagregação das condições da experiência sensível? A perda da narrativa do trajeto, nesse âmbito, não se dissolve porque suprimimos essa etapa, mas sim porque, muitas vezes, não vivenciamos a rua de maneira aberta às experiências que podem surgir, de forma a enriquecer os relatos de nossas viagens diárias com os contatos, relações, acontecimentos e casualidades que a vida urbana nos proporciona. O andar está tão centrado e veloz, que pouco desviamos o olhar para o entorno, somente quando acontece algo extraordinário.

A rua, nessa relação, torna-se basicamente algo que liga os lugares que frequentamos diariamente e não mais um desses lugares frequentados. O geógrafo Eduardo Marandola Jr. reforça essa ideia ao dizer que “As pessoas trafegam por grandes distâncias sem estabelecer nenhum contato com o longo espaço metropolitano que fica entre os dois pontos. Às vezes, nem mesmo o contato visual...” (MARANDOLA, 2011, p. 101). Essa forma impessoal e distante de se relacionar com a cidade foi um dos motes que fez o sociólogo polonês Zygmunt Bauman, estudioso da cidade contemporânea a das reverberações que os fluxos de velocidade, insegurança e impessoalidade causam em nosso cotidiano, afirmar que os espaços urbanos “estão perdendo a capacidade de gerar e negociar sentidos” (BAUMAN, 1999, p. 8), estão perdendo sua potência de propiciar conversas, encontros, sociabilização.

Em grande parte, essa forma de ser e estar na cidade está relacionada à maneira produtivista e rodoviarista a qual ela tem sido pensada e produzida, dando prioridade aos automóveis, ao escoamento do trânsito e à solução da problemática dos engarrafamentos. O geógrafo sino-americano Yi-Fu Tuan afirma que “o pedestre recebe pouca consideração em uma cidade do automóvel” (TUAN, 2012, p. 263), pouco se pensa em como construir cidades que priorizem os contatos, as relações pessoais, o andar a pé, a criação de esquinas culturais. Essas últimas, o arquiteto e urbanista Alexandre Delijaicov descreve que são esquinas “de encontro, convivência e confiança das diferenças. Seria na verdade a matriz do urbanismo lento que promove o caminhar, o pedalar, pelos passeios públicos, que devem ser arborizados, espaços de convite e recepção” (DELIJAICOV, 2014).

Ai invés das calçadas serem pensadas e entendidas como nos apresenta o urbanismo lento, elas estão à margem de ruas barulhentas, onde

“os tímpanos dos pedestres são golpeados pelo ruído surdo do tráfego dos carros. O rimbombar das jamantas, o rugido das motocicletas e as sirenas das ambulâncias e da polícia ao atender aos acidentes de trânsito” (TUAN, 2012, p. 262). Esse fator só influencia, ainda mais, as pessoas quererem passar pelas ruas de maneira rápida, não permanecendo por muito tempo nesses locais que não são agradáveis e acolhedores para os pedestres, que não os convocam a vivenciar de forma intensa e demorada esses espaços urbanos.

No texto *Mapeando o Viver Contemporâneo*², os autores Andréa Havt Bindá, Eduardo Loureiro Junior e Fabiano dos Santos também se mostram incomodados com essa cidade pensada para os automóveis e dizem que:

Nas grandes cidades, as ruas, locais tradicionalmente dedicados às trocas, à residência, às relações humanas informais, perderam sua função, cedendo lugar aos trevos, viadutos, estacionamentos subterrâneos, pelos quais apenas se passa e raramente a pé. Estabeleceu-se a prioridade de circulação rápida em direção aos grandes centros comerciais, à zona industrial, à região das grandes escolas, através de largas avenidas em que o soberano é sempre o automóvel (BINDÁ; LOUREIRO JR.; SANTOS, 2004).

Dentro de um carro, o contato com a cidade é limitado, não estamos totalmente expostos à sua dinâmica e agitação, ao espaço da coletividade, das trocas. A relação que temos com a cidade, quando em nossos veículos, é através da janela, observando os vultos produzidos pela velocidade dos automóveis.

A antropóloga Janice Caiafa diz que nessas condições “o espaço público não é um meio ocupável coletivamente. Em geral, só se o ocupa no automóvel particular, o que configura um uso privado da via pública” (CAIAFA, 2003, p. 93). Essa forma de se lançar na cidade minimiza os contatos. Os pedestres ou a vida que acontece nas calçadas pouco interferem ou reverberam na experiência cidadina.

² Esse texto está inserido em uma experimentação hipertextual, resultado de uma produção de tese coletiva dos autores Andréa Havt Bindá, Eduardo Loureiro Junior e Fabiano dos Santos, defendida no ano de 2004.

Eduardo Marandola Jr. Propõe, como base para investigarmos o porquê a cidade está sendo vivenciada nestes termos, pesquisarmos o “espaço de vida” (MARANDOLA JR., 2011) de seus habitantes. “O espaço de vida é composto por todos os lugares e itinerários que a pessoa percorre diariamente” (MARANDOLA JR., 2011, p. 103). Ele apresenta essa proposta por levar em consideração que “a distribuição espacial da população envolve direta e indiretamente todos os processos que animam a vida social e promovem interações espaciais nas várias escalas” (MARANDOLA JR., 2011, p. 96). Então, ao analisarmos essas mobilidades diárias dos cidadãos, estaremos investigando a cidade e as interações espaciais que nela acontecem, com todas as interferências e reverberações.

O autor nos alerta para não ficarmos capturados somente pelo binômio casa-trabalho, para observarmos e explorarmos caminhos outros que as pessoas fazem ao longo de seu dia, atentos em “em sua riqueza de durações, direções, motivos, etc.” (MARANDOLA JR., 2011, p. 98). Ele instiga a conhecermos não só as várias mobilidades diárias que os cidadãos realizam, como atentar para as linhas de fuga que são abertas e que nos possibilitam revelações sobre:

aspectos particulares e circunstanciais (ligados ao lugar, à comunidade, às características demográficas, ou a outros círculos coletivos que a pessoa está inserida). [...] Assim, fenômenos apreendidos na escala regional ou da cidade são complementados com um olhar da escala micro, permitindo incrementar as informações quantitativas com dados qualitativos, um dos maiores desafios que se apresenta para os pesquisadores atualmente (MARANDOLA JR., 2011, p. 97).

Algo que ele chama atenção é o fato de, no passado, a escala que envolvia essas mobilidades era proporcionalmente menor, isso porque as cidades eram estruturadas em ambientes reduzidos. Logo, o espaço de vida dos cidadãos daquela época era mais circunscrito e baseado na escala local. (MARANDOLA JR., 2011). Agora, com o grande crescimento e urbanização

das cidades, o aumento e mistura de seus limites, acarretando uma interligação, um encadeamento entre elas, em alguns casos, se não fosse pelas placas de boas-vindas e volte sempre, não conseguiríamos distinguir onde uma termina e a outra começa. O espaço de vida dos cidadãos passou da escala local para a regional, aumentando consideravelmente os locais e as distâncias percorridas cotidianamente (MARANDOLA JR., 2011).

Muitos moram em uma cidade, mas estudam e trabalham em outra e ainda buscam por *shoppings* ou grandes áreas comerciais numa terceira. A possibilidade ou obrigatoriedade do movimento urbano se expandiu, assim também como o tempo e a distância percorrida. Os locais de serviço, divertimento, trabalho, estudo, lazer se encontram centralizados em áreas da cidade, em locais privilegiados para o comércio, onde a circulação de pessoas e de carros são maiores. Esses equipamentos urbanos aos poucos vão se distanciando da morada, da casa, do âmbito local das pessoas e, com isso, há uma tendência “cada vez maior dos bairros serem unicamente locais residenciais, as pessoas passam a utilizar os serviços longe de casa, perdendo o convívio de vizinhança e, conseqüentemente, o senso de bairro e de comunidade” (MARANDOLA JR., 2011, p. 105-106). Segundo Marandola Jr., houve um “esgarçamento no espaço de vida” (MARANDOLA JR. 2011, p. 102) dos cidadãos.

Essa especificidade que cada espaço da cidade vai adquirindo, Jane Jacobs (2011), em seu livro *Morte e Vida de Grandes Cidades*, publicado originalmente em 1961, alerta-nos para a grande insegurança populacional que essa distribuição e forma organizacional podem gerar. A autora discute que áreas urbanas que contenham apenas um fator de atração populacional terão momentos do dia de grande movimentação, e outros nos quais o vazio tomará conta das calçadas. Ela sustenta a hipótese de que esses locais não conseguem garantir uma movimentação e utilização das ruas e calçadas durante todo o período do dia e que esse fator é de suma importância para a área ser mais segura.

A primeira coisa que fica clara é que a ordem pública – a paz nas calçadas e nas ruas – não é mantida basicamente pela polícia, sem com isso negar sua necessidade. É mantida

fundamentalmente pela rede intrincada, quase inconsciente, de controles e padrões de comportamento espontâneos presentes em meio ao próprio povo e por ele aplicados (JACOBS, 2011, p. 32)

Isso quer dizer que, “devem existir olhos para a rua, os olhos daqueles que podemos chamar de proprietários naturais da rua” (JACOBS, 2011, p. 35), as pessoas que ali estão passando, a fachada dos prédios e todos os seus moradores que a olham de suas janelas e sacadas. Um grande número de pessoas na rua ou voltadas para ela tem um forte poder de inibição de ações ou atos de violência e criminalidade, porém essas ruas devem ser movimentadas, pois “ninguém gosta de ficar na soleira de uma casa ou na janela olhando uma rua vazia. Quase ninguém faz isso” (JACOBS, 2011, p. 36). Dessa forma, se no local há apenas um fator de atração, essa relação cidadina não correrá em todos os momentos do dia, deixando o lugar, durante a parte dia em que sofre esse esvaziamento, desassistido dessa dinâmica.

Outro fator para o qual Jane Jacobs (2011) também chama atenção, quando discute esse tema, é a questão da iluminação. Ela sempre insiste na relação e na potencialização que os dispositivos urbanos têm para garantir a segurança, quando agem de forma conjunta com a grande utilização e olhos voltados para as ruas. “A boa iluminação é importante, mas não se pode atribuir apenas a escuridão a efemeridade grave e funcional das áreas apagadas, a Grande Praga da Monotonia” (JACOBS, 2011, p. 43), isso porque “as luzes não têm efeito algum se não houver olhos e não existir no cérebro por trás dos olhos a quase inconsciente reconfirmação do apoio geral na rua para a preservação da civilidade” (JACOBS, 2011, p. 43). Isso tudo, somado ao fato que a boa iluminação aumenta o alcance de enxergar desses olhos que vigiam as ruas.

Bauman (1999), quando discute a construção de Brasília, com todos os seus setores separados, onde cada atração populacional urbana estava disposta de forma concentrada em uma área da cidade, aponta-nos para mais uma problemática que essa especificidade que vários espaços urbanos assumiram. Para ele, Brasília “revelou-se um pesadelo” (BAUMAN, 1999, p. 51) para seus moradores, e os sintomas disso

eram a ausência de multidões e ajuntamentos, as esquinas vazias, o anonimato dos lugares, as figuras humanas sem rosto e a entorpecente monotonia de um ambiente desprovido de qualquer coisa que intrigasse, excitasse ou causasse perplexidade. O plano de Brasília eliminava a possibilidade de encontros fortuitos em quaisquer lugares que não os poucos especificamente destinados a reuniões com um propósito. Marcar um encontro no único “fórum” projetado, a enorme praça dos três poderes, era o mesmo, segundo uma piada corrente, que marcar um encontro no deserto do Gobi (BAUMAN, 1999, p. 52)

Cidades pensadas e construídas tendo como base essas premissas são cidades que pouco geram ou proporcionam a diversidade, pois os locais de especificidade atraem, quase que em sua totalidade, pessoas com uma finalidade apenas, com um propósito. Pouco acontece a mistura de interesses, de intenções distintas, uma combinação de usos. Há pouca potencialidade para a inauguração de casualidades, de acontecimentos que façam desviar as finalidades demarcadas, os olhares, os caminhos, que instiguem a se aventurar e a se expor a cidade e todos os riscos e experiências que essa atitude possa gerar.

Jane Jacobs é enfática quando afirmava “ruas impessoais geram pessoas anônimas” (JACOBS, 2011, p. 61), e completava dizendo que não se tratava da “qualidade estética nem de um efeito emocional místico no campo da arquitetura. Trata-se do tipo de empreendimento palpável que as calçadas possuem e, portanto, de como as pessoas utilizam as calçadas na vida diária, cotidiana” (JACOBS, 2011, p. 61). Como elas e os empreendimentos que nela existem possibilitam a mistura, a diversidade, os casos e acasos, os contatos, a utilização diversificada desses lugares.

A especificação dos lugares para os quais Bauman (1999) chama atenção traz para a cidade uma série de problemáticas, que também são apontadas por Jane Jacobs (2011). Outro autor que contribui para essa discussão e traz outro ponto para o debate é Marandola Jr.. Ele, citando o urbanista e sociólogo francês François Ascher, afirma que:

a vizinhança está cada vez mais enfraquecida, enquanto o homem metropolitano perde as referências que lhe eram tradicionais. Em primeiro lugar, o local de trabalho deixa de ser uma referência social. Com a flexibilização dos horários e as distâncias cada vez maiores entre casa-trabalho, fica cada vez mais difícil desenvolver laços com pessoas que se veem de forma mais esporádica, que moram longe demais para visitas frequentes, ou que tem modos de vida distintos (ASCHER, 1998 *apud* MARANDOLA JR., 2011, p. 105)

As pessoas passam menos tempo no bairro, no convívio local, dificultando, assim, a criação de laços afetivos, de sociabilidade com os vizinhos. A população, em grande parte, acorda muito cedo e volta muito tarde para casa, leva muito tempo nos deslocamentos urbanos, portanto, esses laços de vizinhança e familiaridade local, no bairro, vão sendo atenuados. Concomitante a isso, as ruas estão cada vez mais impessoais e menos atrativas e convidativas, fazendo com que a relação com o caminho seja, em grande medida, de forma fria e distante, apenas de passagem. Sendo assim, as pessoas acabam procurando por alternativas para esse contexto e acham amparo nos espaços urbanos privatizados.

Esses locais dizem [re]criar em ambientes monitorados, seguros e propícios ao convívio, trocas, relações e contatos, porém esse fato “conduz a um circuito fechado onde a experiência com o estranho, o estrangeirismo como devir não acontece. Aqui a cidade perde toda a sua capacidade de revide, a sua aventura própria” (CAIAFA, 2005, p. 13). Esses circuitos, porém, não são pensados para gerir esses fluxos que eles expressam e indicam [re]criar, eles estão voltados para a atividade economicamente interessada.

Bauman (2009), no livro *Confiança e Medo na Cidades*, discute que tanto essas construções que buscam cercar e remontar espaços coletivos em ambientes fechados, quanto as construções mais recentes que são feitas nas grandes cidades contemporâneas são “‘espaços fechados’, concebidos para interceptar, filtrar ou rechaçar os aspirantes a usuários” (BAUMAN, 2009, p. 42). Ele complementa dizendo que “a intenção desses espaços vetados é

claramente dividir, segregar, excluir, e não de criar pontes, convivências agradáveis e locais de encontro, facilitar as comunicações e reunir os habitantes da cidade” (BAUMAN, 2009, p. 42).

Em decorrência de todos esses elementos que interferem no “espaço de vida” (MARANDOLA JR., 2011) das pessoas, nas relações e contatos com a cidade e com quem a anima, nos processos de afetividade, de relações imediatas, de sociabilidade, a afirmação de Yi-Fu Tuan de que “a maneira como as pessoas respondem às cenas de rua depende de muitos fatores” (TUAN, 2012, p. 240) ganha potência. Esses autores que estudam as reverberações dos fluxos de impessoalidade, insegurança e velocidade nas grandes cidades contemporâneas nos instigaram a pesquisar e investigar como os moradores da cidade de Vitória estão reagindo a esses aspectos, como estes fluxos interferem e condicionam o viver na cidade e o cotidiano de seus cidadãos.

Bauman (2009, p. 46-47) nos chamou atenção para um fato intrigante:

Todos sabem que viver numa cidade é uma experiência de ambivalência. Ela atrai e afasta; mas a situação do cotidiano torna-se mais complexa por que são exatamente os mesmos aspectos da vida na cidade que atraem e, ao mesmo tempo ou alternativamente, repelem. A desorientadora variedade do ambiente urbano é fonte de medo, em especial entre aqueles de nós que perderam seus modos de vida habituais e foram jogados num estado de grave incerteza pelos processos desestabilizadores da globalização. Mas esse mesmo brilho caleidoscópico da cena urbana, nunca desprovido de novidades e surpresas, torna difícil resistir a seu poder de sedução.

Concordamos quando ele relata a ambivalência da experiência urbana, porém entendemos que a atração está intimamente ligada à procura e à crença que frente a essa dinâmica cidadina discutida, ainda existam contraexemplos, ainda existam movimentos de resistência. Resistência, aqui, entendida como nos apresenta a filósofa Renata Lima Aspis, em seu texto *Resistências nas sociedades de controle: um ensino de filosofia e sub-versões*. Ela discute esse

conceito como sendo uma maneira de “re-existir, insistir em existir. [...] Resistência como constante movimento de afirmar a vida que nos está sendo constantemente subtraída” (ASPIS, 2010, p. 11).

Herman Hesse, em seu texto citado no início deste capítulo, ao fazer a descrição da vida urbana da época, não estava disseminando uma visão cética da cidade e das relações que ela proporciona, mas sim a fez para revelar que, apesar de tudo, ainda era possível resistir ou, como ele fala, “experimentar de pequenas alegrias” (HESSE, 1977). Para isso, porém, precisamos de um ritmo mais lento, demorar mais em nossas atividades, não termos pressa para saber, ver, conhecer. Ele clama por comedimento.

Ao hábito do comedimento, liga-se intimamente a capacidade de saborear as “pequenas alegrias”. Pois essa capacidade, originalmente inata a cada homem, pressupõe coisas que na vida cotidiana moderna foram em grande número perdidas e atrofiadas, isto é, certa medida de alegria, amor e poesia (HESSE, 1977, p. 10).

As pequenas alegrias a que o autor se refere coabitam a cidade ao mesmo tempo que os fluxos de velocidade e impessoalidade. Essa forma de resistir é a mesma que o geógrafo Wenceslao Oliveira Jr. (2010) discute. Ele defende que esses movimentos e ações, que combatem esses fluxos que estão deixando a cidade cada vez mais impessoal, veloz e insegura, “resistem não propriamente por negá-los, mas por criar linhas de fuga a partir de muitos elementos neles presentes. Os negam em seu interior, não em oposição a eles” (OLIVEIRA JR., 2010, p. 173). Por esse motivo, este trabalho é atraído pela investigação dos fluxos de impessoalidade, velocidade e insegurança, para, dessa forma, descobrirmos os fluxos de sociabilidade, lentidão e segurança que resistem, que insistem em existir nos dois locais de análise deste trabalho. Para pesquisarmos as linhas de fuga que se abrem na relação e experiência citadina contemporânea.

As investigações neste trabalho estão relacionadas à proposição feita pelo geógrafo Eduardo Marandola Jr., de olhar para as mobilidades urbanas, pois, “é um dos fenômenos que operacionaliza a fragmentação do eu

(dimensão existencial) e da comunidade (MARANDOLA JR., 2011, p. 101). Nosso foco, porém, não será o “espaço de vida” (MARANDOLA JR., 2011), mas sim locais específicos. Nossa investigação será direcionada para entender como a mobilidade das pessoas, nas duas áreas de análises, inaugura ou é influenciada pelos fluxos que este trabalho se propôs a estudar.

Como ele mesmo salienta, esta análise deve levar em consideração tanto aspectos quantitativos quanto qualitativos, eles devem ser relacionados e analisados de forma conjunta. Assim, esta pesquisa primará tanto pelas observações quanto pelas experiências que serão vividas em campo, aproximando-se muito do trabalho etnográfico.

Segundo Janice Caiafa, no relato de campo, o etnógrafo “deverá dar conta não só do que viu e viveu, falando em seu próprio nome, mas também do que ouviu no campo, do que lhe contaram, dos relatos dos outros sobre a sua própria experiência” (CAIAFA, 2007, p. 138), aproximando-se muito das pretensões deste trabalho.

A pesquisa etnográfica, “diferentemente de métodos quantitativos, ou mesmo daqueles qualitativos mais objetivos, retilíneos, baseados em geral na entrevista” (CAIAFA, 2007, p. 138), está mais voltada a lidar com dados diversos, “que mobilizam diferentes sentidos – embora se fale da predominância do visual na maioria dos trabalhos. A pesquisa etnográfica leva em conta toda a profusão de impressões e informações que espocam nos encontros de campo” (CAIAFA, 2007, p. 138-139), por isso declaramos que este trabalho se aproxima de investigações etnográficas, pois os propósitos e metodologias, quando em campo, assemelham-se.

Essa etnografia, porém, que nos aproximamos, é em específico a etnografia urbana, que Michel Agier (2011), em seu livro *Antropologia da Cidade*, nos apresenta muito bem. Para o autor, “o antropólogo encontra na investigação urbana uma fonte inesgotável de problemáticas híbridas e complexas” (AGIER, 2011, p. 36), porém, para isso, deve lançar mão de um movimento, que também foi realizado nesta pesquisa e que será melhor apresentado e discutido no próximo subtópico, que consiste em:

se emancipar de qualquer definição normativa e a priori de cidade para poder procurar a sua possibilidade por

toda a parte, trabalhando para descrever o processo. É essa posição que dá ao saber antropológico um lugar à parte e reconhecível no conjunto dos conhecimentos *da e sobre a cidade*, disponibilizando-os para todos. Cidade vivida, cidade sentida, cidade em processo... (AGIER, 2011, p. 37-38)

Tomamos assim emprestado essas preocupações, esse contato com a cidade e esses conhecimentos, saberes e experiências das pesquisas antropológicas na cidade, para poder nos auxiliar e potencializar nossas análises geográficas dos fluxos de experiências investigados neste trabalho, nas duas áreas de estudos escolhidas. Uma zona de contaminação entre as duas ciências, uma conversa, um campo de mistura, uma geoetnografia.

Essa relação de proximidade e de contato íntimo que a etnografia urbana nos proporciona, através das experiências e das vivências com a e na cidade, nos ajuda num processo de significação das áreas de estudos. Esse movimento possibilita a transformação de uma dada porção do espaço em Lugar geográfico, no sentido que os geógrafos Yi-Fu Tuan e Livia de Oliveiras nos apresentam (OLIVEIRA, 2014). Em seu texto *O Sentido de Lugar*, Livia de Oliveira argumenta que “não importa se é um local natural ou construído, a pessoa se liga ao lugar quando este adquire um significado mais profundo e mais íntimo” (OLIVEIRA, 2014, p. 12). Esse sentido que o lugar ganha, torna-se possível, pois, quando falamos em experiência, significa que pretendemos um conhecimento que seja capaz de surgir de uma “capacidade de aprendermos a partir da própria vivência. Experienciar é aprender; significa atuar sobre o dado e criar a partir dele” (TUAN, 2013, p. 18).

Assumir essas premissas para esta pesquisa, é corroborar com as discussões que o geógrafo Edward Relph faz em seu texto *Reflexões Sobre a Emergência, Aspectos e Essência de Lugar*, quando ela problematiza o papel da geografia no estudo do Lugar, pois, sua afirmação muito se alinha ao objetivo deste trabalho. Para ele:

geografia como estudo de lugares se refere à descrição e comparação de diferentes partes específicas do mundo; geografia como estudo de lugar baseia-se (e ao mesmo tempo

transcende), naquelas observações particulares para esclarecer as maneiras como os seres humanos se relacionam com o mundo (RELPH, 2014, p. 22).

1.2 – Polifonia e Experiência: Pensando o Campo

As experiências de campo neste trabalho não tiveram o intuito de confirmação, de ir ao local verificar o que anteriormente havíamos estudado ou visto em jornais, revistas, televisão ou *internet*. Pretendíamos experiências que fossem inauguradoras de conhecimentos, que, aos poucos, o lugar e seus habitantes fossem nos dizendo sobre o que estávamos estudando. Esse tipo de relação foi um desafio, pois sempre morei na cidade de Vitória e a avenida Jerônimo Monteiro e a Orla de Camburi são vias importantes da capital, portanto locais por onde passo com frequência. Como experienciar os lugares sem todos os estereótipos e preconceitos que vamos aprendendo e acumulando ao longo dos dias?

Neste momento, encontramos acolhimento em autores que nos ajudaram a refletir sobre o processo, a forma de entrar em contato e potencializar nossa maneira de ser e estar na cidade. O antropólogo italiano Massimo Canevacci foi um dos autores basilares para pensar as experiências de campo. Em seu livro *A Cidade Polifônica* (2004), ele discute como experienciar lugares de grande familiaridade, de modo a ter conhecimentos outros, que não os habituais.

Em seus escritos, percebemos que o fato de morar em Vitória e fazer o campo desta pesquisa em dois importantes locais da cidade, de modo a não se deixar influenciar pelos contatos e conhecimentos prévios, seria possível. Canevacci (2004, p. 30) argumenta que “a coisa mais opaca de nossa cultura contemporânea é a que nos é mais familiar, justamente por que nos envolve diretamente com toda a vida cotidiana, bem como com a onírica”. O fato de um lugar ser habitual, de estarmos acostumados a passar por ele, por vezes,

acaba enuviando nosso olhar, fazendo com que percebamos sempre as mesmas coisas, olhando sempre de um mesmo ângulo.

O historiador Roberto Moses Pechman, no livro *Olhares Sobre a Cidade* (1994), também discute que existem muitas coisas que não conhecemos e experienciamos pelo fato de olharmos os lugares, quase sempre, de maneira acostumada. Isso porque “a cidade não se dá a conhecer naquilo que ela explicita, desnuda aos olhares de todos – o espetáculo das ruas. Ao contrário, é na sua ‘visibilidade’ que ela esconde seus segredos” (PECHMAN, 1994, p. 1). É nas ligações, conversas, relações, contatos, no comedimento, no que transcende a visibilidade que podemos descobrir, que podemos entrar em contato com versões, conhecimentos e saberes sobre a cidade que quase não temos a oportunidade de entrar durante nosso cotidiano apressado, com nosso olhar acostumado e nosso modo veloz de passar pelas ruas da cidade.

Essa pluralidade de possibilidades que podem ser inauguradas na experiência cidadina, Canevacci chama de “Polifonia” (CANEVACCI, 2004). Para ele, “a cidade em geral e a comunicação urbana em particular comparam-se a um coro que canta com uma multiplicidade de vozes autônomas que se cruzam, relacionam-se, sobrepõem-se umas às outras, isolam-se ou se contrastam” (CANEVACCI, 2004, p. 17), um coro de vozes que dizem sobre a cidade, que mostram as várias facetas e versões que podem existir.

Para Canevacci, “a cidade se apresenta *polifônica* desde a primeira experiência que temos dela” (CANEVACCI, 2004, p. 15), basta estarmos abertos e dispostos a escutar o coro que dela emana. Por isso que ele ressalta que “a *polifonia* está no objeto e no método” (CANEVACCI, 2004, p. 15), porque existem várias versões. Porém devemos ter uma metodologia que nos permita dar voz a essas várias vozes que existem, “experimentando assim um enfoque polifônico com o qual se pode representar o mesmo objeto” (CANEVACCI, 2004, p. 17-18).

Pensando numa maneira de potencializar as experiências com os locais habituais e, ao mesmo tempo, dar visibilidade aos vários atores que dizem sobre a cidade, pensamos incorporar em nossa metodologia pensamentos e escritos do antropólogo italiano, quando nos sugere que sejamos estrangeiros nesses lugares costumeiros. Isso porque “muitas vezes o

olhar desenraizado do estrangeiro tem a possibilidade de perceber as diferenças que o olhar domesticado não percebe, interiorizado e demasiadamente habituado, pelo excesso de familiaridade” (CANEVACCI, 2004, p. 17).

Essa proposta metodológica é baseada em “estranhar toda a familiaridade possível com a cidade e, ao mesmo tempo, familiarizar-se com suas múltiplas diferenças” (CANEVACCI, 2004, p. 30). A tudo o que é costumeiro, devemos lançar um olhar curioso, investigativo, um “olhar oblíquo” (CANEVACCI, 2004), como se fosse a primeira vez que estivéssemos tendo contato com o lugar, carregando conosco todos os anseios de conhecer de um estrangeiro. Tentar, dessa maneira, observar e ter contato com versões outras desse lugar que não tínhamos a oportunidade de explorar por conta da habitualidade.

O processo de familiarizar-se com as múltiplas diferenças passa por começarmos a prestar atenção nas coisas que no cotidiano passam despercebidas, não são notadas. É se aproximar do que antes era distante, estranho, com os mesmos anseios e vontades do processo anterior. Essa proposta dupla que o autor faz tem como intuito uma sedução do pesquisador por toda a cidade, uma relação com o urbano de forma a estar aberto, a todo momento, às múltiplas vozes que falam sobre a cidade.

Dessa forma, ao realizar o campo na avenida Jerônimo Monteiro e na Orla de Camburi, o primeiro esforço seria voltado a não ficar apenas na visualidade, mas também tentar sentir, observar, ouvir, vivenciar as relações, as interações, o passar das pessoas, os casos e acasos, os vários sujeitos que possam nos ajudar na investigação de como os fluxos de impessoalidade, sociabilidade, velocidade, lentidão, insegurança e segurança se manifestam e agem na experiência das pessoas com o lugar. Em conjunto, olhar para os aspectos que, de antemão, já conhecemos, de maneira a repensá-los, considerando variáveis que até então não eram ponderadas, fazendo novas ligações e relações, explorando as várias possibilidades que o lugar pode oportunizar.

Jorge Larrosa (2015) aponta que o excesso de informações que temos atualmente sobre qualquer lugar ou objeto dificultam experienciar a cidade nos termos que Canevacci nos sugere. Ele é enfático quando afirma “a

informação não deixa lugar para a experiência, ela é quase o contrário da experiência, quase uma antiexperiência” (LARROSA, 2015, p. 18). A experiência é “aquilo que ‘nos passa’, ou que nos toca, ou que nos acontece, e ao nos passar nos forma e nos transforma” (LARROSA, 2015, p. 28). Podemos ler uma revista, livro, jornal, assistirmos à televisão ou a palestras, navegarmos na *internet*, fazermos uma viagem e, ao final dessas atividades, saberemos de coisas que antes não sabíamos, teremos mais informações sobre algo. Porém pode acontecer de não termos nenhuma experiência, pois, durante essas ações, nada nos tocou, nada aconteceu a nós, não reverberou. Apenas passamos por esses momentos adquirindo saberes advindos de informações e não de experiências.

Neste momento, percebo que os contatos e conhecimentos sobre a avenida Jerônimo Monteiro e a Orla de Camburi, que tínhamos receio que interferissem no trabalho de campo, eram saberes originados de informações e não de experiências. Era algo que havia lido, que haviam me contado ou informações de quem passa por esses lugares, quase sempre, de carro, de maneira rápida, desinteressada, distraída, não prestando muita atenção às intensidades do lugar. Para este trabalho, deveríamos nos esforçar por saberes sobre os lugares que fossem formados em experiências de campo, referências sobre as “marcas do viver citadino contemporâneo” (QUEIROZ FILHO et al., 2013) que fossem fruto de ressonâncias da vivência no local.

Antônio Carlos Queiroz Filho é um grande estudioso da interferência que as informações causam em nossas experiências. Em seu texto *A Edição dos Lugares: sobre fotografias e a política espacial das imagens* (2010), ele dá ênfase aos conhecimentos prévios que temos através da linguagem fotográfica, e como eles medeiam nossas experiências, argumentando que, nas imagens,

há um conjunto de intencionalidades pelas quais elas foram compostas, o que nos permite lidar com a ideia de que as fotografias deixam de ser tidas como uma verdade sobre, para serem assumidas como sendo uma versão sobre, carregando consigo as marcas de um modo de apontar para as coisas, de dizer sobre elas, evidenciando intencionalmente

determinados aspectos, apagando outros (QUEIROZ FILHO, 2010, p. 36).

O autor aponta que a linguagem fotográfica é apenas uma das vozes, como discute Canevacci (2004), que falam sobre a cidade, e que este dizer está carregado de intencionalidades e edições, trazendo à luz alguns aspectos e deixando de expor outros. Assim também funcionam os jornais, revistas, televisões, *internet*, histórias contadas por familiares, amigos, entre outras formas que podemos ter informações sobre algo. Sempre será uma versão sobre, um ponto de vista.

Queiroz Filho (2010) aponta que, quando as informações são assimiladas como o que há para ser visto e conhecido do lugar, caímos numa armadilha de que, quando visitamos estes locais, acabamos, apenas, confirmando o que já sabíamos antecipadamente. Ele cita Susan Sontag para dizer que essas práticas “modificam e ampliam nossas ideias sobre o que vale a pena olhar e sobre o que temos o direito de observar. Constituem uma gramática e, mais importante ainda, uma ética do ver” (SONTAG, 2004, p.13 apud QUEIROZ FILHO, 2010, p. 36).

A geógrafa Fabianne Torres Oliveira adensa as discussões sobre esse tema ao discutir que essas informações, “uma vez edificadas em nossas memórias, acabam apresentando um modo de se conhecer e pensar o lugar” (OLIVEIRA, 2014, p. 11). Como Canevacci (2004), ela argumenta que é preciso questionar essas versões, essas familiaridades com os lugares. Ao fazer tal ação, “ao repensar e questionar o pensamento hegemônico lançamos problemáticas, teorias e inquietações que ampliam as trajetórias espaciais e descentralizam os olhares disciplinados que temos sobre os lugares e suas imagens” (OLIVEIRA, 2014, p. 25).

Essas discussões nos auxiliam a ir a campo atentos a não repetir ou reafirmar apenas o discurso que é proferido pelos veículos de comunicação de massa, os saberes prévios, as versões hegemônicas desses lugares. Tentar criar fissuras, linhas de fuga no olhar disciplinado deve ser uma das ações em campo para podermos escutar o coro que emana das ruas e não apenas uma voz para, dessa forma, “concebemos os lugares a partir das coleções variantes das suas trajetórias” (OLIVEIRA, 2014, p. 25).

Outro fator que Larrosa (2015) argumenta como sendo complicador da experiência é a velocidade e a pressa que tomaram conta das nossas ações na contemporaneidade. Queremos informações em tempo real, deslocamentos mais rápidos, conectividades instantâneas, produtividade ágil. A sensação de falta de tempo que acompanha os cidadãos durante o cotidiano afeta a forma como nos relacionamos com a cidade, a forma como nos relacionamos com o próximo. “Tudo o que se passa, passa demasiadamente depressa, cada vez mais depressa. E com isso, se reduz o estímulo fugaz e instantâneo, imediatamente substituído por outro estímulo ou por outra excitação igualmente fugaz e efêmera” (LARROSA, 2015, p. 22). Não há tempo para assimilarmos o que acontece, de pensarmos e realizarmos ligações, aproximações. Recebemos um estímulo, logo em seguida outro e outro. Eles vão se substituindo no imaginário, no pensamento das pessoas e não se somando e misturando.

O acontecimento nos é dado na forma de choque, do estímulo, da sensação pura, na forma da vivência instantânea, pontual e fragmentada. A velocidade com que nos são dados os acontecimentos e a obsessão pela novidade, pelo novo, que caracteriza o mundo moderno, impedem a conexão significativa entre acontecimentos. Impedem também a memória, já que cada acontecimento é imediatamente substituído por outro que igualmente nos excita por um momento, mas sem deixar qualquer vestígio (LARROSA, 2015, p. 22).

A experiência demanda um tempo lento, um tempo para poder criar uma relação, um contato mais íntimo, um momento mais demorado para que as ações e os acontecimentos reverberem de alguma forma no nosso passar por aquele lugar. Uma calma e paciência para poder perceber o que está contido nos processos citadinos que não identificamos de maneira instantânea, que reivindicam uma atenção maior, um “olhar oblíquo” (CANEVACCI, 2004).

Carlos Skliar (2014) diz que o imperativo da aceleração do tempo transformou nossas conversas, nossas trocas, em repetidos monólogos. Estamos pouco disponíveis a ouvir o “coro polifônico da cidade” (CANEVACCI,

2004). Skliar (2014, p. 150) segue dizendo que “é questão de escutar, não de concordar. Concordar ou não com algo que não pensávamos ou não olhávamos antes não tem a menor importância”. A importância está na metodologia de entender que as várias versões coexistem e de tentar dar voz a elas, “como se cada um dos desconhecidos encarnasse a possibilidade de uma verdade” (SKLIAR, 2014, p. 151).

Para escutarmos, para nos dedicarmos às novidades que um desconhecido nos apresenta, precisamos nos colocar em silêncio, porém um silêncio ativo, de quem se cala para prestar atenção, para poder observar ao redor o passar das pessoas, as conversas, o trânsito, o vai e vem das calçadas, os cumprimentos, a vida. Manoel de Barros, em seu poema *Uns homens estão silenciosos* (2010), e a antropóloga Jacine Caiafa (2005), em seu texto *Comunicação e Expressão nas Viagens de Ônibus*, discutem sobre o silêncio que a experiência reivindica.

Uns Homens Estão Silenciosos

Eu os vejo nas ruas quase que diariamente.

São uns homens devagar, são uns homens quase que misteriosos.

Eles estão esperando.

Às vezes procuram um lugar bem escondido para esperar.

Estão esperando um grande acontecimento.

E estão silenciosos diante do mundo, silenciosos.

Ah, mas como eles entendem as verdades

De seus infinitos segundos.

*Manoel de Barros*³

Podemos identificar dois tipos de silêncio que coabitam a cidade. Janice Caiafa (2005, p. 133) argumenta que, assim “como as situações de conversação variam, também haverá talvez diferentes ocasiões do silêncio”: o primeiro, sinônimo de passividade, produzido pelas grandes marcas do viver citadino, um silêncio não somente da fala, mas também um silêncio com o corpo, um silêncio de atitudes e do ver, um silêncio do pensar a cidade. O segundo é o que nos apresenta o poeta Manoel de Barros, que é o silêncio da

³ (BARROS, 2010, p. 40)

espera e dos homens devagar, que escolheram estar silenciosos diante do mundo, observando, problematizando.

É interessante porque, nesta perspectiva, o silêncio não decorre de uma ausência de motivação para falar – por exemplo, pelo fato de não se estar entre conhecidos. Ao contrário, esses estranhos seriam tão interessantes, no contexto dos fluxos das relações e conversações na cidade, que teríamos que provocar o silêncio. [...] O silêncio não é imposto às pessoas, ele é criado por elas mesmas, mesmo “cuidadosamente”, é um silêncio ativo (CAIAFA, 2005, p. 128).

Percebemos que os autores apresentam formas de se relacionar com a cidade para potencializar os vínculos, a possibilidade de que algo nos passe, toque-nos, e não modelos ou fórmulas de como se ter experiências cidadinas. As proposições estão mais voltadas para certa passividade, uma maneira de estar disponíveis, visto que “o sujeito da experiência é um ponto de chegada, um lugar a que chegam as coisas, como um lugar que recebe o que chega e que, ao receber, lhe dá lugar” (LARROSA, 2015, p. 25), dá sentido.

o sujeito da experiência se define não por sua atividade, mas por sua passividade, por sua receptividade, por sua disponibilidade, por sua abertura. Trata-se, porém, de uma passividade anterior à oposição entre ativo e passivo, de uma passividade feita de paixão, de padecimento, de paciência, de atenção, como uma receptividade primeira, como uma disponibilidade fundamental, como uma abertura essencial (LARROSA, 2015, p. 25-26).

Pensando nas discussões e proposição dos autores, percebemos que a postura, quando em campo, passa pelo desafio de estarmos acessíveis às casualidades, sensações, ocorrências, incidentes, casos e acasos que o lugar e seus habitantes possam nos proporcionar, transformando-nos e nos modificando, causando-nos “experiências” (LARROSA, 2015).

Quando adotamos esses comportamentos discutidos até aqui para pensarmos a cidade, isso “implica dizer, em grande medida, que não somos mais meros observadores da cidade-palco. Somos, da cidade, parte indissociável. Somos vozes, olhos, bocas, palavras, desejos, pensamentos [...]” (QUEIROZ FILHO et al., 2010, p. 05). Escutamos e criamos versões sobre a cidade, assistimos e fazemos parte dessa dinâmica que a anima, movimentamos, discutimos e problematizamos a forma como ela está sendo pensada e vivida.

1.3 – Metodologias de Análise

Após as investigações em campo terem sido feitas e com os dados coletados em mãos, precisávamos de uma maneira de apresentá-los de forma a deixar explícita a intensidade, quantidade e espacialidade de ocorrências observadas em campo para cada fluxo. Decidimos, dessa forma, valer-nos de relatos de campo, tabelas, gráficos e mapas.

Os relatos de campo apresentam algumas experiências, situações e acontecimentos que vivenciamos nessas quatro semanas imersos nos períodos da manhã, tarde e noite na avenida Jerônimo Monteiro e na Orla de Camburi. Eles nos ajudaram a entender um pouco da dinâmica, atividades e movimentações que acontecem nas áreas de estudo.

As tabelas e gráficos serão uma maneira de ajudar a visualizar a intensidade com que os fluxos acontecem e se repetem ao longo da Jerônimo Monteiro e da Orla de Camburi. Os mapas nos ajudarão, pois eles apresentam os dados especializados, mostrando em qual parte eles são mais percebidos e sentidos e em quais eles são mais brandos, amenos.

O Mapa dos Fluxos de Experiência será uma maneira de exibir, em um único mapa, todos os fluxos juntos. Poderemos observar as misturas, intensidades e relações de cada fluxo nos locais espalhados pelas áreas de estudo. Ele terá como propósito apresentar as experiências, conhecimentos, saberes que tivemos durante o campo, espacializando o que nos aconteceu, tocou-nos, passou-nos.

Larrosa (2015, p. 32) já bem disse que

a experiência não é o que acontece, mas o que nos acontece, duas pessoas, ainda que enfrentem o mesmo acontecimento, não fazem a mesma experiência. O acontecimento é comum, mas a experiência é para cada qual sua, singular e de alguma maneira impossível de ser repetida.

Por isso, este mapa não tem como objetivo criar uma normativa da experiência na avenida Jerônimo Monteiro e na Orla de Camburi e sim mostrar tendências, apresentar uma versão sobre em meio a esse grande coro polifônico que emana da cidade.

Para a construção dos gráficos e dos mapas, foi utilizada a teoria das cores, que começou a ser formulada pelo alemão Johann Wolfgang von Goethe, em 1810, que estudou a sensação que cada cor nos remete, nos causa.

Goethe afirma que as cores têm caráter próprio, que cada cor tem uma atuação característica sobre o psiquismo humano: elas nos causam estados anímicos específicos e provocam em diferentes indivíduos sensações, reações e comportamentos similares (POSSEBON, 2011, p. 15).

Diferentemente do Disco de Newton, que tem sete cores dispostas de acordo com a sequência que o prisma decompõe, quando é atravessado por um feixe de luz branca, Goethe construiu um Círculo de Cores (Figura 2) em que identificou:

seis cores que compõem duas tríades de cores fundamentais: vermelho, verde e violeta (o RGB - red, green, blue -, usado desde as primeiras telas de TV e que hoje utilizamos nos programas gráficos de computador), e azul, púrpura e amarelo (o CMY – cyan, magenta, yellow -, dos processos de impressão) (POSSEBON, 2011, p. 23).

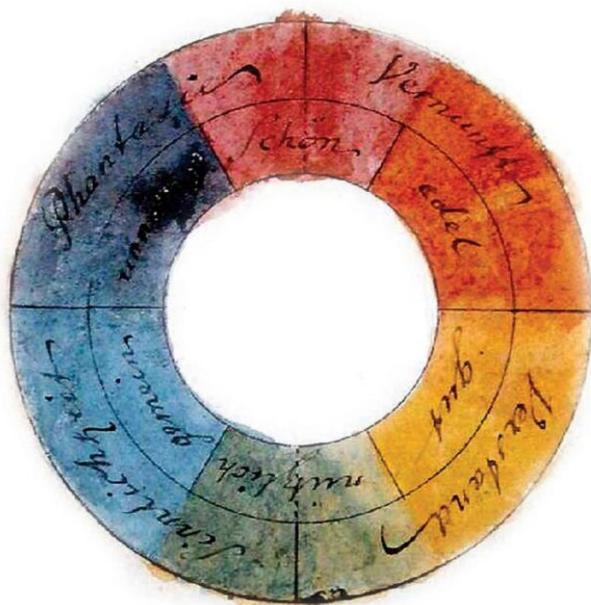


Figura 2: Círculo de Cores de Goethe.
 Fonte <http://www.sab.org.br/portal/artes/277-teoria-das-cores-de-goethe>

No Círculo goetheano, as cores estão dispostas de forma que as primárias fiquem na direção oposta de suas complementares, ou seja, de forma que uma cor primária esteja oposta à cor correspondente à mistura das outras duas primárias. Essa cor formada pela junção de duas primárias se chama secundária. Existem também as cores terciárias, que formam as análogas, produzidas pela mistura de uma cor primária com uma secundária. No Círculo de Cores de Goethe, elas não estão visíveis, mas, em seus textos, ele contempla essas cores quando descreve as sensações que elas ativam. Essas relações entre as cores podem ser observadas na Figura 3.

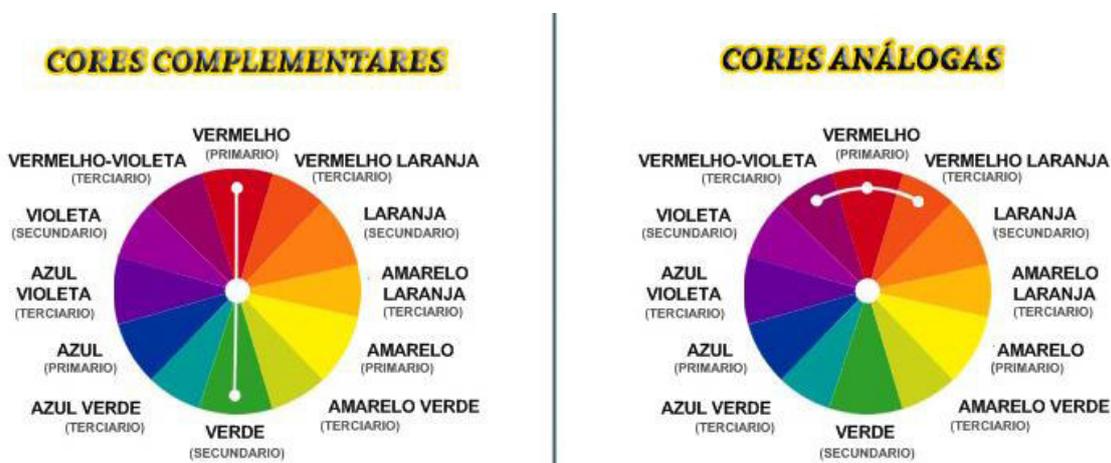


Figura 3: Círculo de cores complementares e análogas.
 Fonte: <http://cp2artessetimoano2013.blogspot.com.br/2013/04/cores-analogas-e-complementares.html>

Além dessa divisão de cores apresentadas, elas ainda apresentam outra divisão: as quentes e as frias. As quentes são associadas à sensação de calor, à excitação, ao sol, ao fogo, sendo basicamente o amarelo, o vermelho e o laranja. Já as cores frias estão associadas ao gelo, à passividade, à água, à lua; são cores que transmitem a sensação de frio, portanto, o azul, o verde e o violeta (roxo ou púrpura). Podemos observar essa divisão no círculo cromático (Figura 4).

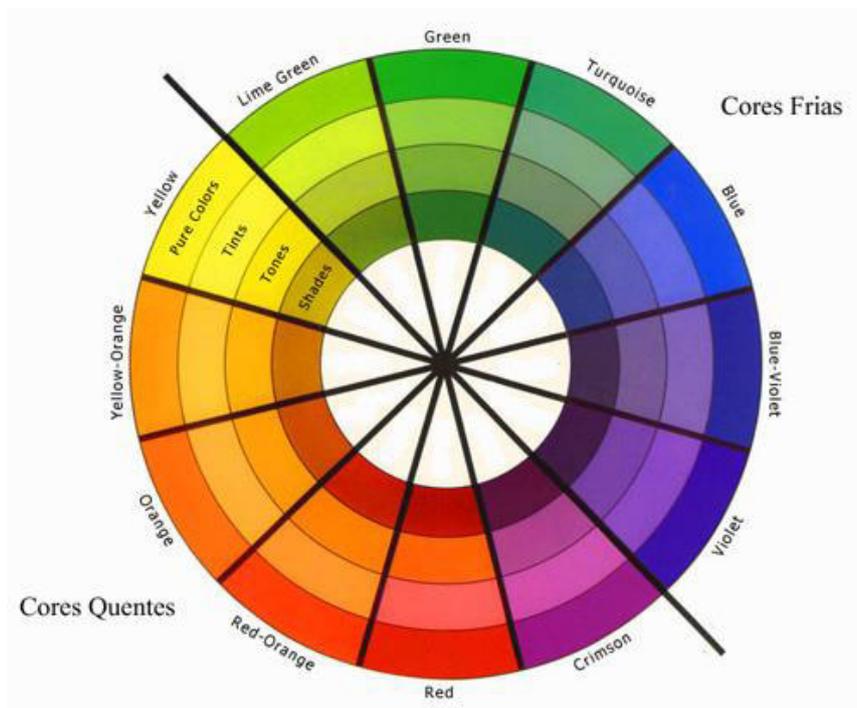


Figura 4: Círculo cromático.

Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/262475484509799875/>

Os indivíduos que tendem a ter preferências pelas cores quentes

se caracterizam por uma relação muito íntima com o mundo percebido; são receptivos e abrem-se facilmente às influências exteriores. Possuem calor humano, sugestionam-se facilmente, são afetivos e o que caracterizam suas funções mentais é a rapidez. [...] Os indivíduos que se inclinam às cores frias nunca se adaptam espontaneamente ao ambiente, possuem sempre uma atitude de distância em relação ao mundo. Emocionalmente são frios (SANTOS, 2000, p. 15)

Para desenvolvimento da análise e apresentação dos dados de campo, buscamos na teoria das cores fundamentação metodológica para relacionar cada fluxo estudado a uma cor, de maneira que esta seja potencializadora das reverberações daqueles. Levamos em consideração tanto essas divisões até aqui apresentadas e a significação de cada uma delas quanto a relação entre cada cor e a sensação que ela instiga.

Durante as pesquisas sobre a relação cor/sensação, identificamos que havia uma grande variação na categorização entre os diferentes autores, *sites*, imagens e artigos que pesquisamos. Uma coisa até compreensível, pois, essas relações não são regras, elas são tendências, passíveis de divergências, pois são estudos que levam em consideração as sensações. Pensando nisso, escolhemos, então, utilizar a categorização cor/sensação feita pelo próprio Goethe em seus escritos, haja vista que ele foi o precursor desses estudos.

Levamos em consideração, portanto, para a escolha das cores que seriam utilizadas neste trabalho, três fatores: 1) a relação de complementariedade entre elas, que são as cores que oferecem mais contraste entre si, assemelhando-se aos fluxos estudados, que são os pares inversos, indo de um extremo ao outro; 2) a relação entre cores quentes e frias, distribuindo os fluxos de lentidão, sociabilidade e insegurança para as cores quentes, estimuladores de excitação, alegrias, criatividade, relacionamento, calor humano e os fluxos de velocidade, impessoalidade e segurança, distribuídos entre as cores frias, relacionadas à passividade, à frieza, ao distanciamento; 3) a relação feita por Goethe entre as cores e as sensações:

- O **AZUL** foi “como cor, é uma energia, [...] na sua mais alta pureza, é por assim dizer um nada estimulante” (GOETHE, 1993, p. 143). Além disso, “uma superfície azul também parece recuar diante de nós. O azul nos dá uma sensação de frio. [...] Quartos revestidos com papel azul puro, parecem de certo modo amplos, embora vazios e frios” (GOETHE, 1993, p. 143). Essa sensação de frieza, de longínquo, de distante, de vazio que o azul nos remete foi o que o fez ser ligado ao fluxo de **impessoalidade**, que também está relacionado ao afastamento, ao não contato, ao distanciamento.

- O **LARANJA**, ou, como Goethe chama no livro, amarelo-avermelhado, proporciona “ao olho uma sensação de calor e contentamento, na medida em que representa a cor [...] da incandescência. [...] também é agradável em ambientes; na roupa, é em maior ou menor grau alegre e suntuoso” (GOETHE, 1993, p. 142). Apesar dos vários autores apresentarem algumas mudanças nas categorizações das cores e sensações, o laranja era constante nas ligações com relacionamento e ao estímulo amigável, desta forma, sendo associado ao fluxo de **sociabilidade**.
- O **ROXO**, ou vermelho-azulado, é o azul que “inquieta mais do que anima. [...] Tal inquietude aumenta à medida que a intensificação progride” (GOETHE, 1993, p. 143). Além disso, “a presença de um papel de parede vermelho-azulado puro e saturado é insuportável” (GOETHE, 1993, p. 143-144). Essa inquietação e agonia que o roxo incita foi o que o determinou como sendo o representante da **velocidade**.
- O **AMARELO** “é a cor mais próxima da luz. Surge à mais leve moderação desta [...]. No mais alto grau de pureza tem sempre consigo a natureza do claro, possuindo um aspecto sereno, animado, levemente estimulante” (GOETHE, 1993, p. 140-141). Porém, apesar dessas características agradáveis e reconfortantes, esta é uma cor “extremamente sensível e produz um efeito bastante desagradável ao se sujeitar ou inclinar para o lado negativo” (GOETHE, 1993, p. 141), assim como o fluxo que está relacionado a ela, a **lentidão**. O silêncio e a vagarosidade dos homens devagar são formas estimulantes e animadas de se vivenciar a cidade, maneiras de se colocar ativamente na cidade como espectadores dinâmicos. Se esse silêncio e lentidão, porém, forem efeitos de reverberações das marcas do viver citadino contemporâneo, acabam gerando mais automatismos,

inclinando para o lado menos potente dessas maneiras de ser e estar na cidade.

- O **VERMELHO** está relacionado à insegurança, haja vista que, através de um vidro vermelho, “uma paisagem bem iluminada se apresenta com uma luz terrível. É bem possível que no dia do Juízo Final essa tonalidade se espalhe pelo céu e pela terra” (GOETHE, 1993, p. 145). Esse terror e indeterminações que esta cor nos remete fizeram com que a atribuíssemos ao fluxo de **insegurança**. Assim como o laranja foi o mais constante nas pesquisas em outros autores, o vermelho foi o mais volátil, indo da excitação, coragem e paixão, ao medo e pânico.
- E, por último, a cor **VERDE**, formada pela mistura das cores primárias amarelo e azul.

Nosso olho tem uma satisfação real com essa cor. Se ambas as cores primárias mantêm um equilíbrio perfeito na mistura, de modo que não se note uma antes da outra, o olho e a alma repousam nessa mistura como se fosse algo simples. Não se deseja, nem se pode ir além: é por isso que na maioria das vezes se escolhe papel de parede verde para aposentos muito utilizados (GOETHE, 1993, p. 145).

Essa condução à estabilidade, à constância que a cor proporciona, em função da calma e serenidade do amarelo, com a pouca ousadia e solidez do azul, tornam o verde a cor destinada ao fluxo da **segurança** nos gráficos, tabelas e mapas.

Com essas três variantes sendo levadas em consideração, nossa aproximação fluxo/cor ficou decidida da seguinte maneira:

FLUXOS	CORES
Impessoalidade	Azul

Sociabilidade	Laranja
Velocidade	Roxo
Lentidão	Amarelo
Insegurança	Vermelho
Segurança	Verde

*Figura 5: Tabela de Classificação dos Fluxos e cores.
Fonte: Elaborada pelo autor*

Após decididas as cores que seriam utilizadas como referência aos fluxos que estão sendo investigados, o próximo esforço foi no sentido de decidir qual gráfico atenderia melhor às nossas necessidades. Procuramos por um que pudesse demonstrar, de forma clara, qual fluxo era mais corrente nos lugares estudados e qual a sua intensidade. Portanto, precisávamos de um gráfico que aceitasse três dados de entrada: fluxo, quantidade e intensidade.

Após pesquisar uma variedade de gráficos e realizar alguns testes, optamos por utilizar o estilo explosão solar. Ele permite a entrada de todos os dados que precisamos apresentar, além de sua forma visual facilitar no entendimento dos elementos.

Como os dois locais de investigação são muito extensos, foi decidido que eles seriam seccionados para ajudar nas discussões das experiências e observações em campo. Essas divisões, porém, seriam pensadas e decididas durante a vivência nas áreas de estudo. Dessa forma, foram criados gráficos apresentando a intensidade e a predominância de cada fluxo, tanto na avenida Jerônimo Monteiro e na Orla de Camburi como um todo quanto nas divisões que assumimos em campo para melhor espacializar os dados. Essa metodologia foi adotada para podermos analisar em qual parte das áreas de estudo atuam com maior proporção os fluxos de sociabilidade e impessoalidade, velocidade e lentidão, insegurança e segurança.

A criação dos gráficos procedeu-se da seguinte maneira: o primeiro dado de entrada são os fluxos, dividindo o gráfico em seis partes. O segundo dado é a quantidade absoluta de fluxos registrados, gerando, assim, o tamanho de cada uma das parcelas dos fluxos. Quanto maior o número de ocorrências, maior o tamanho da porção. O último dado de entrada é o índice de intensidade, calculado fazendo a divisão do número de processos observados de um único fluxo, dividido pelo número total de ocorrência de todos os fluxos.

Multiplicando esse resultado por 100, temos, também, a porcentagem referente a cada um. O resultado dessa expressão matemática dirá quantas camadas cada divisão terá no gráfico, assim como podemos observar na Figura 6.

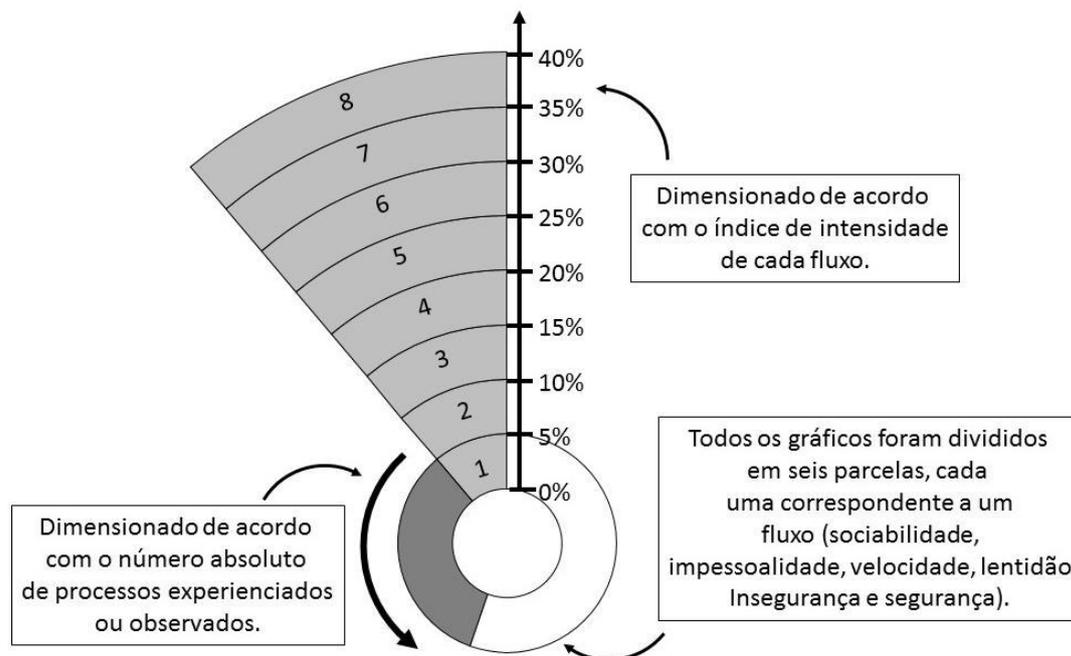


Figura 6: Descrição das variáveis que compõe os gráficos.
Fonte: Elaborada pelo autor

Como dito anteriormente, cada fluxo estudado foi associado a uma cor, segundo suas características e a teoria das cores. Dessa forma, elas serão utilizadas nos gráficos, nas tabelas e nos mapas, para representar o fluxo ao qual a cor foi relacionada.

Para a criação dos mapas, utilizamos o *software ArcMap*, presente no grupo de programas que compõem o *ArcGIS*. Nele, adicionamos uma imagem aérea das áreas de estudo e criamos um *shape* de ponto para cada fluxo. Para deixar a visualização mais clara e os objetivos com os mapas sejam alcançados, os dados de entrada no programa foram divididos por 10. Isso foi necessário, pois tanto a Jerônimo Monteiro como a Orla de Camburi são pequenas na imagem aérea e, quando inserimos todas as ocorrências, elas foram totalmente tomadas pelos pontos e não cumpriram o papel que estamos desejando de mostrar como os fluxos se espalham ao longo das áreas. Nesta etapa foi feito um mapa para cada fluxo estudado.

A próxima etapa consistiu em criar o Mapa dos Fluxos de Experiência. Esse mapa apresenta todos os fluxos juntos. Diferente dos anteriores, que foram feitos espacializando pontos, para este foram criadas nuvens de palavras (ou *Cloud Tags*, em inglês). Esse recurso consiste em apresentar as palavras que mais se repetem em um texto, deixando maior as mais recorrentes e menor as menos. Neste trabalho, porém, ela não foi criada a partir da repetição de palavras em um escrito, e sim da repetição de um fluxo em um determinado local das áreas de estudo. Foi construída uma nuvem de palavras para cada divisão da Jerônimo Monteiro e da Orla de Camburi. Nelas, as palavras que serão utilizadas são os tipos de fluxos que acontecem naquele local. Para a criação dessa nuvem utilizamos o *site* <<https://tagul.com/>>.

CAPÍTULO 02

O QUE NOS ACONTECEU

“Quando fazemos coisas com as palavras, do que se trata é de como damos sentido ao que somos e ao que nos acontece, de como correlacionamos as palavras e as coisas, de como nomeamos o que vemos ou o que sentimos e de como vemos ou sentimos o que nomeamos” (LARROSA, 2015, p. 17).

As investigações em campo aconteceram entre 16 de novembro de 2015, uma segunda-feira, e o dia 20 de dezembro de 2015, um domingo. A primeira semana, de 16/11/2015 até o dia 22/11/2015 foi dedicada à Avenida Jerônimo Monteiro; a segunda semana, de 23/11/2015 até 29/11/2015, o campo foi realizado na Orla de Camburi. Na semana entre os dias 30/11/2015 e 06/12/2015, não realizamos atividades nas áreas de estudo, utilizamos para organizar os dados coletados nessas duas primeiras semanas e, também, para espaçar mais o segundo momento em campo do primeiro. Nas duas semanas que se seguiram, 07/12/2016 a 13/12/2016 e 14/12/2016 a 20/12/2016 foram feitas novas imersões na Jerônimo Monteiro e na Orla de Camburi, respectivamente.

O campo foi dividido dessa maneira para verificarmos a recorrência, variabilidade e intensidade dos fluxos de impessoalidade, sociabilidade, velocidade, lentidão, insegurança e segurança, tanto entre os dois lugares quanto entre dois momentos de uma mesma área de estudos.

2.1 – Relatos de Campo: Primeira Semana (Avenida Jerônimo Monteiro)

Dos dois locais escolhidos para serem realizados os trabalhos de campo, decidimos nos aventurar primeiro na Avenida Jerônimo Monteiro. Por morar em Vitória, já tinha algumas concepções e conhecimentos sobre tal avenida, que foram formulados pelas rápidas passagens dentro de um ônibus ou de um carro, nas idas a algumas apresentações no Teatro Carlos Gomes ou até mesmo por passar a pé por ela em algumas aulas de campo feitas na graduação, no centro histórico de Vitória. Era algo muito superficial, distante, somente passagem, mas, dessa vez, seria diferente, viveria esse lugar durante uma semana de forma intensa.

No primeiro dia, os esforços estavam voltados para fazer uma grande descrição da avenida, direcionados para sua dinâmica, para as coisas que saltassem aos olhos, que chamassem a atenção, para as formas, as funções, as quantidades, os processos que podem ser abarcados por esta relação:

observar e descrever. Nesse primeiro exercício, pode-se perceber que a Avenida Jerônimo Monteiro tem três grandes momentos durante o dia. O primeiro período antes das 7h30 da manhã, o segundo entre as 7h30 e as 18h e o terceiro após as 18h.

O primeiro período é quando a avenida começa a ficar movimentada. As lanchonetes e bares, que são os primeiros pontos comerciais que abrem, começam a levantar suas portas, os moradores da região começam a aparecer para tomar seu café da manhã e seguem para as atividades diárias. Neste momento, os pontos de ônibus ficam com uma quantidade considerável de pessoas, que só não é maior por conta da avenida ser de mão única, o que faz várias pessoas passarem direto por ela para chegarem até a outra, a Avenida Princesa Isabel, que é somente uma mão também, porém contrária à Jerônimo Monteiro. O número de pessoas que os ônibus pegam é bem maior do que a quantidade de pessoas que eles deixam.

No segundo período, que comporta o horário entre 7h30 e 18h, a movimentação da Avenida Jerônimo Monteiro muda totalmente. Os ônibus, que antes pegavam mais passageiros do que deixavam, já começam a deixar mais do que pegar, pois os lojistas e trabalhadores das empresas e escritórios que existem ao longo da via começam a chegar. Há uma preferência pelo transporte coletivo entre os trabalhadores do centro da cidade de Vitória, pois é um local onde há um número pequeno de vagas de estacionamento. Outro fator determinante para essa escolha foi a recente implantação do estacionamento rotativo, com permanência máxima de três horas, impossibilitando grande parte dessas pessoas de utilizar seu automóvel particular, pois teriam que parar muito longe, onde não há esse tipo de cobrança ou teriam que, de três em três horas, sair de seu trabalho para comprar mais tempo de estacionamento.

No início desse segundo período, antes mesmo de as lojas abrirem, os comerciantes de rua (conhecidos como camelôs) e ambulantes começam a montar suas bancas. Percebemos que essa é uma atividade comercial intensa em alguns pontos da avenida, diversos comerciantes de rua começam a retirar suas mercadorias, mostruários e ferragens de seus depósitos para montar suas barracas na calçada da Avenida Jerônimo Monteiro.

As quadras são muito grandes e as construções são coladas umas nas outras, porém existem alguns becos entre elas, nos quais muitos se instalam. Há, também, os que preferem ficar na calçada mesmo, disputando com a entrada das lojas. Os que dispõem de uma estrutura um pouco maior, localizam-se em duas grandes aberturas que existem entre as construções, como uma passagem ou ligação da Avenida Jerônimo Monteiro com a Princesa Isabel.

Perto de 9h, quase todas as lojas já estão abertas e as pessoas que vão ao centro da cidade em busca de comércios e escritórios começam a chegar, movimentando intensamente o local. As lojas são massivamente de roupas, em geral a um preço popular, contando, também, com algumas grandes lojas de departamento, como a Riachuelo e a C&A. Outro comércio que se destaca é o de produtos em geral, formado de lojas que vendem um pouco de tudo: artigos para copa e cozinha, brinquedos, canetas, ferramentas, decoração, utensílios domésticos. Ali, também, podemos encontrar relojarias, lojas de móveis, eletrodomésticos, CDs e LPs, lojas de calçados, farmácias, lanchonetes, restaurantes e bancos.

No horário do almoço, o número de pessoas na rua aumenta de forma expressiva, pois todos os trabalhadores dos prédios ao longo da avenida descem para almoçar e se somam à grande quantidade de pessoas que já se encontram ali. O sol nesse horário começa a incomodar bastante, pois, no seu auge, ultrapassa os prédios e se localiza bem em cima da avenida, fazendo a falta de arborização ser bastante sentida. Com o fim do almoço e o sol intenso, as praças Costa Pereira e Oito são locais de abrigo para quem quer descansar um pouco antes de voltar ao trabalho e para os que procuram um local mais fresco, com bancos para se refugiar do forte calor.

Durante a tarde, o fluxo cai um pouco, uma vez que muitos voltam para o serviço. Entretanto, o número de pessoas andando pela avenida é maior que no período da manhã. Em relação ao trânsito, o número de carros vai aumentando à medida que o dia vai passando. Em alguns momentos, o sentimento é de estar em um grande e apertado corredor, pois na pista se forma uma longa parede de ônibus e no outro as lojas, separados apenas pela estreita calçada. O trânsito tem seu ápice um pouco depois das seis horas da tarde.

No terceiro período, após as 18h, é quando a movimentação começa a acalmar novamente, porém, antes disso, há um período de grande movimentação nas calçadas, dado que: começam a voltar os moradores que saíram cedo; os trabalhadores começam a sair de seus serviços e a se amontoarem nos pontos de ônibus; os transeuntes, com o fechamento das lojas, também se direcionam para os pontos, gerando uma grande quantidade de pessoas paradas nas finas calçadas, dificultando muito o deslocamento. Agravando esse intenso fluxo, os comerciantes de rua e ambulantes começam a recolher as coisas, a desmontar as bancas e barracas e a querer passar com grandes sacolas e ferragens no meio disso tudo.

As lojas fecham e as lanchonetes e farmácias permanecem abertas por mais um tempo, mas entre 19h e 19h30 elas também encerram seu expediente, ficando a movimentação noturna a cargo do SESC-Glória e do Theatro Carlos Gomes, quando em noites de espetáculos e apresentações. Outro atrativo, porém com menor força, são as barraquinhas que são armadas na Praça Costa Pereira, vendendo comidas e artesanatos. Esse tipo de atividade atrai mais os moradores, diferente dos dois pontos culturais (SESC-Glória e Theatro Carlos Gomes), que atraem tanto moradores locais como pessoas de toda a cidade.

Algo interessante de se perceber é a diferença de fluxo de pessoas nas duas calçadas da avenida. Em um determinado local, entre a Praça Costa Pereira e a Escadaria do Palácio Anchieta, onde no lado direito⁴ há uma intensa circulação de pessoas por causa das lojas, do lado esquerdo há diversos prédios comerciais e grandes paredes, tornando o trânsito de pessoas bem reduzido. Passam por ali pessoas que estão com pressa e sabem aonde querem ir, fugindo da multidão do outro lado. Do início da avenida até este ponto, as duas calçadas apresentam uma movimentação parecida, pois as lojas se distribuem de forma parecida em ambos os lados, dividindo o espaço com os prédios de escritórios e empresas.

⁴ Como a avenida Jerônimo Monteiro é mão única, foi levada em consideração a direção do fluxo de carros para decidir qual calçada era à direita e qual era à esquerda.

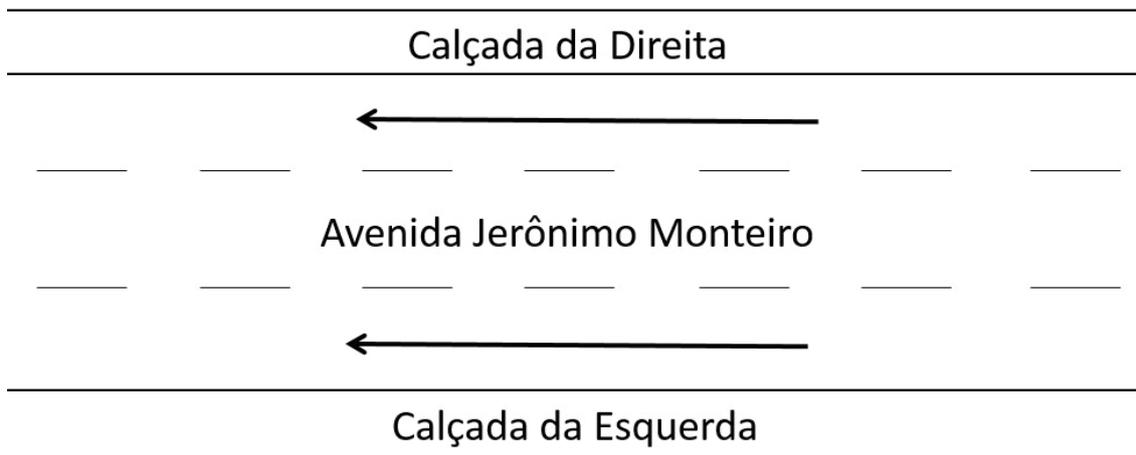


Figura 7: Localização da calçada da direita e da esquerda segundo a direção de trânsito da via Jerônimo Monteiro.

Com base nessas observações feitas no primeiro dia, dividimos esta área de estudos em cinco partes: calçada da direita, calçada da esquerda, Praça Costa Pereira (compreendendo também o Theatro Carlos Gomes), Praça Oito e SESC-Glória (Figura 8).

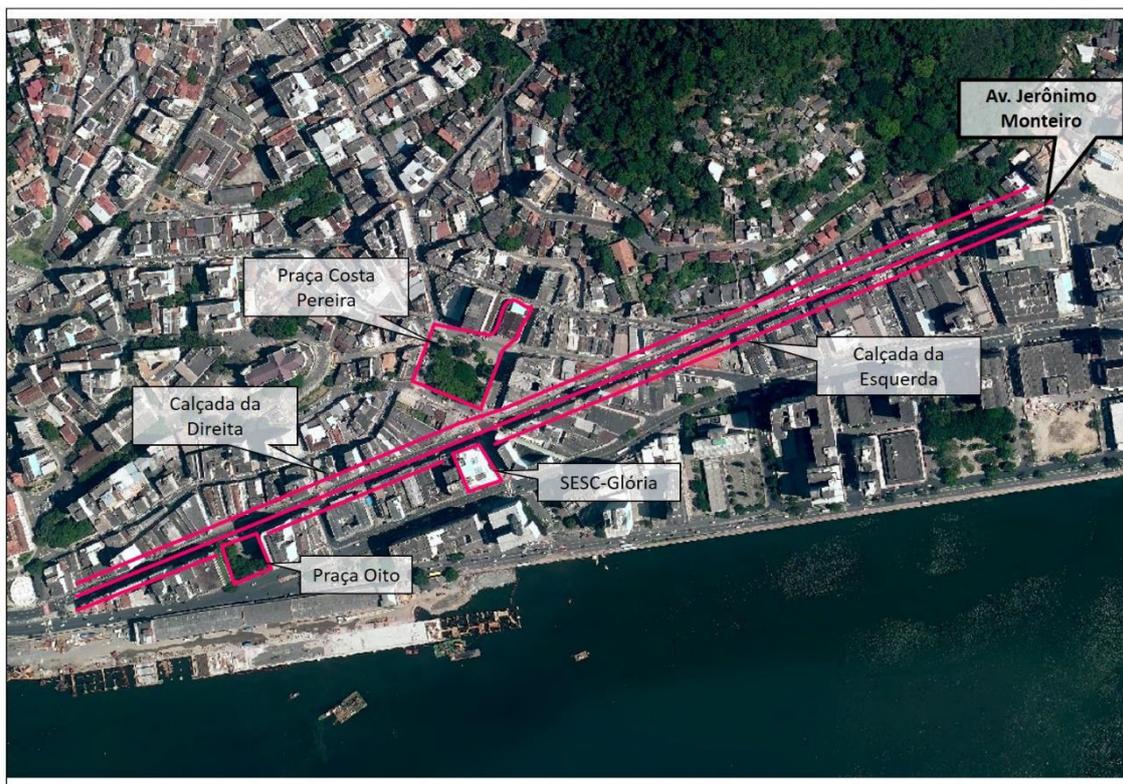


Figura 8: Espacialização da Avenida Jerônimo Monteiro e as divisões de análise
Fonte: Elaborado pelo Autor

A partir do segundo dia, após a descrição feita, comecei a vivenciar a Jerônimo Monteiro como qualquer outro frequentador, como alguém que estivesse atrás de todos os atrativos que existem nela. Dessa maneira, deixando surgir as experiências e os conhecimentos para poder descrever os fluxos de sociabilidade e impessoalidade, velocidade e lentidão, insegurança e segurança que surgissem dessa experiência. Iria chegar, tomar café em uma de suas lanchonetes ou bares, almoçar em seus restaurantes, andar pelas calçadas e lojas olhando mercadorias variadas, conversaria com as pessoas, participaria de atividades no Centro Cultural SESC-Glória, assistiria a espetáculos no Theatro Carlos Gomes e seria um frequentador de suas praças e galerias.

Após essa mudança, comecei a perceber outros detalhes que minha descrição inicial não havia abarcado, comecei a olhar de outras formas para aquilo que estava acostumado, passei a observar de outros ângulos a Avenida Jerônimo Monteiro e o que nela existe. Passei a olhá-la “com a mesma ingenuidade com que se observa um panorama exótico, com a mesma vontade de imersão nessa sedutora diferença. Mas também com a mesma seriedade com que se contempla uma obra de arte (CANEVACCI, 2004, p. 31).

Com essa outra forma de ser e estar na avenida, os fluxos de sociabilidade e impessoalidade, velocidade e lentidão, insegurança e segurança foram surgindo naturalmente, de situações diárias, de sentimentos e sensações que foram me tomando durante os dias, de observações, relatos e histórias que me foram sendo contadas pelas pessoas com quem conversei.

2.1.1 – Velocidade / Lentidão

A Avenida Jerônimo Monteiro é conhecida pela sua intensa circulação de carros e pessoas. Ela é uma das principais avenidas do centro da cidade de Vitória e também conta com inúmeras lojas, lanchonetes, restaurantes, empresas e escritórios ao longo de toda sua extensão. Essas atividades geram uma grande movimentação no período da manhã e da tarde nesse local.

Após a abertura das lojas é o momento em que o movimento de pessoas começa a se intensificar. Nessa multidão, a maioria dos transeuntes

está sozinha ou acompanhada de outra pessoa, grupos de três ou mais quase não são identificados. A movimentação de um lado para o outro da avenida é constante, os poucos que se encontram parados nos pontos esperando o transporte coletivo público são ocultados pela massa ou quase carregados por ela. Percebemos que há um grande esforço das pessoas para não se esbarrarem, porém, o pedido de licença pouco é utilizado. Muitos se contorcem, apressam o passo, seguram o passo, espremem-se entre duas pessoas, dão a volta por dentro das lojas. Enfim, utilizam diversas estratégias para poderem andar e ultrapassar as pessoas mais lentas que estão à sua frente.

Quando o número de pessoas se eleva consideravelmente, andar pelas calçadas da Avenida Jerônimo Monteiro se torna algo trabalhoso e com muitas obstruções, pois ali dividem as calçadas: comerciantes de rua, pessoas que param para olhar os produtos, que param para olhar vitrines, que param no ponto de ônibus, que param para atravessar a rua, para mexer no celular e conversar. A calçada da direita é o local de maior movimentação da avenida e onde as pessoas parecem estar com mais pressa, porém, com o grande número de pessoas que circulam pelas estreitas calçadas, este local acaba deixando o fluxo inevitavelmente mais lento.

Um dia pela manhã, mais precisamente às 7h, cheguei à avenida e logo procurei um local que pudesse comer algo. Nesse horário, as lanchonetes são os únicos locais comerciais que se encontram abertos. Muitas são bem estreitas, tendo um balcão de um lado, ocupando a metade de sua largura, e o que sobra é o espaço onde as pessoas ficam para comer. A grande maioria tinha apenas bancos rodeando o balcão. As lanchonetes que são um pouco mais espaçosas colocam mesas encostadas na parede, porém tomam muito de seu espaço, sobrando pouco para a circulação de clientes. Uma das maiores lanchonetes fica em frente à Praça Oito, na calçada oposta. Ela é de esquina, com duas grandes portas, uma para cada lado, mas, mesmo assim, ela não tem mesas, apenas bancos ao longo do balcão em “L”. Apesar dos bancos existentes, seus clientes não costumam sentar.

Minha escolha foi por essa lanchonete em frente à Praça Oito. Ao chegar, percebi uma infinidade de cartazes com preços, promoções, a imensa variedade de sucos e salgados que eles tinham, uma explosão de informações

que a essa hora da manhã não me atraía. Abaixei a cabeça e decidi escolher pelo que estava exposto na estufa de salgados. A atendente me abordou com a seguinte frase: o que o senhor deseja? Pedi uma coxinha e um suco de laranja. O suco era feito na hora, mas todos ali trabalhavam de maneira tão ligeira para liberar os pedidos que o suco chegou quase na mesma hora em que a coxinha. A moça que me atendeu precisou somente abrir o vidro do expositor, pegar, colocar em um prato e me entregar. Decidi me sentar para comer em um dos bancos ao longo do balcão. Havia sete bancos e apenas o meu e mais dois estavam ocupados, porém outras pessoas estavam ali, mas comendo e bebendo em pé. Terminei de lanchar, paguei e, quando saí, percebi que não havia ficado cinco minutos na lanchonete.

Quando terminei de comer, tentei aguardar um pouco ali sentado, ver o tempo passar, observar o movimento da lanchonete, visto que as lojas só começavam a abrir depois das 8h, hora em que o fluxo de pessoas também começava a aumentar. Essa tentativa foi frustrada. Não consegui ficar um minuto ali sentado depois de comer. A circulação de pessoas ao meu redor naquele pequeno espaço, o entrelaçamento de braços, pratos e copos que aconteciam em cima do balcão à minha frente, a rapidez com que os atendentes liberavam os mais diversos pedidos, a falação que isso gerava, a rapidez com que os outros clientes comiam para irem trabalhar, para escola ou saírem dali, em conjunto com o constante som dos carros passando na rua me fizeram levantar e sair. Isso tudo me gerou um desconforto que não consegui continuar sentado depois de tomar o café da manhã.

O som dos carros passando gera um incômodo, é algo muito presente, pois as calçadas são muito estreitas e não há estacionamento nos cantos da avenida, fazendo com que a distância entre as pessoas e os carros que passam em alta velocidade seja mínima. Esse barulho é amplificado graças ao tipo de construção que existe ali. São conservados diversos casarões antigos de dois pavimentos, que eram construídos rentes um ao outro, pois também tinham a função de forte para a cidade. Eles se misturam com prédios de épocas mais recentes, criam grandes paredes, deixando o som mais alto para os que ali se encontram.

Ao andar pelo lado esquerdo da via, na parte onde as grandes paredes predominam, o som do trânsito ganha mais presença, mais força, mais

intensidade, pois não temos o volumoso fluxo de pessoas e as lojas com suas promoções e atrativos que existem do outro lado. Ao andar por esse lado, o trânsito é o que distrai, o que chama atenção e, pela proximidade, por vezes parece que estamos dentro dele, parece que os carros estão vindo em cima de quem ali passa.

No outro dia, decidi que iria mudar o local do café da manhã. Cheguei à avenida novamente às 7h e fui até um bar que fica ao lado do Theatro Carlos Gomes. Esse bar não se localiza na Avenida Jerônimo Monteiro, mas fica bem perto; andando, não dá um minuto de distância. Ao chegar, havia dois rapazes sentados nas cadeiras que rodeavam o balcão, local onde também me sentei (nesse bar, no final da tarde, o dono coloca algumas cadeiras e mesas na calçada para seus clientes, mas, pela manhã, apenas os bancos em volta do balcão estão disponíveis). Os outros clientes que ali estavam assistiam ao jornal matinal em uma pequena televisão. O dono do bar e único atendente me atendeu com um bom dia e perguntou-me do que gostaria. Antes que eu pudesse responder, ele completou dizendo que havia terminado de passar o café e que estava quentinho. Então, aceitei a sugestão e pedi um café e uma coxinha. Colocou à minha frente o pires e a xícara, voltou, pegou a garrafa de café e me serviu colocando, também à minha frente, o açúcar e o adoçante. Depois, pegou um prato, colocou a coxinha e me entregou. Ao me servir o café, percebeu que um dos outros clientes estava com a xícara quase vazia e aproveitou para enchê-la com mais um pouco de café de cortesia.

Durante um gole e outro, o jornal noticiava alguns acontecimentos recentes sobre casos de corrupção no Brasil, o que foi o suficiente para um cliente fazer uma exclamação, em tom de indignação. Esse fato gerou uma grande conversa de insatisfação entre todos os clientes e o dono do bar, sobre o atual cenário político brasileiro. Quando a conversa sobre esse assunto acabou, meu café já havia terminado e minha coxinha também. Paguei e saí. Os dois rapazes que estavam sentados quando cheguei permaneciam ainda ali, assistindo ao jornal e comentando algumas notícias. Ao olhar no relógio, eram 7h32.

Algo que me chamou a atenção durante essa primeira semana que estive em campo na Avenida Jerônimo Monteiro foi a dificuldade de conseguir que alguém, no meio daquele vai e vem de pessoas, parasse para conversar

comigo. Mesmo num dia em que fui com uma camisa estampada com o nome da Universidade Federal do Espírito Santo, do curso Geografia e com uma prancheta na mão, para parecer algo mais formal e censitário, as pessoas não paravam. Faziam sinais de não com as mãos, passavam direto, fingiam que não estavam vendo ou escutando. Muitos alegavam estar atrasados, outros que não tinham tempo ou que não queriam conversar. Os locais mais acolhedores para conversas e em que pude ouvir um pouco das pessoas que ali estavam sobre a avenida foram as duas praças.

A Praça Oito está entre duas grandes avenidas do centro da cidade de Vitória: a avenida Jerônimo Monteiro e a avenida Princesa Isabel. Em sua área contém algumas árvores, bancos e um grande relógio. Ali muitos se sentam e interrompem o ritmo acelerado da avenida. Uns leem, outros conversam, dão risadas, escutam músicas e assistem ao intenso fluxo de carros e pessoas que transitam pelas avenidas. Nessa praça podemos observar certa cordialidade entre os que ali escolhem se sentar, descansar ou se abrigar por um tempo na sombra de uma árvore.

Apesar de estar às margens da Avenida Jerônimo Monteiro e de a praça não ser muito grande, ao se sentar em um de seus bancos e contemplar os que ali passam, as árvores ou o relógio, logo nos distraímos. Aqueles sons constantes de pessoas falando, vendedores gritando, tentando chamar a atenção e de carros passando, buzinando e freando vão se perdendo na calma que o lugar nos traz. O relógio que fica no centro da praça não tem o ponteiro dos segundos, o que faz parecer que ele está quebrado, mas ao no distrairmos com algo e voltarmos a atenção para ele, percebemos que está em pleno funcionamento.

Já a praça Costa Pereira é mais estruturada, maior, mais arborizada e conta com mais bancos e está localizada mais perto dos pontos culturais e das áreas onde há moradias. Muitos moradores idosos do Centro de Vitória vão para passar uma parte de seus dias ali, sentados, apreciando calma e sossegadamente a grande movimentação que acontece ao seu redor. No interior da praça, o tempo parece ser outro, os carros não são ouvidos, não há pessoas abordando as outras para entregar panfletos, para vender *chip* de operadora telefônica móvel, nem gritando promoções no seu ouvido. O som mais alto e constante da praça é das conversas e do vento que ali sopra. O

burburinho ali é outro, é das conversas, dos jogos de dominó e dama, da socialização

Saindo da Costa Pereira e atravessando a avenida, chegamos ao Sesc-Glória. Com o interior todo reformado, ar condicionado em todos os andares, este é um local de grande procura entre estudantes e pessoas que ali passam e buscam uma boa cafeteria, ou um bom local para fugir do calor e beber algo. Os estudantes gostam desse lugar, pois nele há uma grande biblioteca, com computadores, jogos de dama e xadrez, além das constantes exposições que o local recebe. As exposições normalmente são pagas e, para visitar, é cobrado o valor de R\$ 5,00, porém a biblioteca é livre.

Dentro do Sesc-Glória o tempo é outro. Local tranquilo, calmo, bem iluminado, fresco, nem parece que acabamos de sair de tanto barulho e do intenso calor da Jerônimo Monteiro. No último andar, há o terraço panorâmico, de onde podemos ver quase toda a avenida que está sendo estudada. Do alto, fica clara a quantidade de carros que passa a toda hora pelo local e como as pessoas se amontoam nas pequenas calçadas. Apesar de podermos observar toda essa movimentação da avenida ali de cima, o intenso barulho que o comércio local e o trânsito causam não chega tão alto. De cima, também podemos notar como a Praça Costa Pereira se destaca entre os prédios. Suas grandes árvores encobrem tudo e todos que estão presentes ali (Figura 9).



Figura 9: Praça Costa Pereira
Fonte: fotografada pelo autor

Na parte da noite, a avenida é um local tranquilo, em algumas partes até demais. Na parte que compreende o Sesc-Glória, a praça Costa Pereira e o Theatro Carlos Gomes, há uma movimentação de moradores que estão retornando do trabalho, fazendo compras em um supermercado que fica à margem da praça ou comendo em lanchonetes dessa região. Quando há algum *show* ou apresentação no Theatro ou no Sesc-Glória, o local fica mais movimentado, pessoas de vários outros bairros vão para aproveitar o programa cultural.

Afastando-se um pouco dessa região, após o fechamento das lojas, por toda sua extensão, vemos locais vazios de pessoas e de iluminação. As calçadas, antes abarrotadas de pessoas, agora estão completamente livres, porém, não há quem queira circular ali agora. Uma coisa, porém, que não cessa é o grande ruído que vem do trânsito. Cai a noite e os carros continuam passando em alta velocidade, agora um pouco menos movimentada, mas com um número considerável ainda de carros circulando.

2.1.2 – Impessoalidade / Sociabilidade

A mudança de postura após o primeiro dia de campo foi fundamental para conseguir perceber a intensidade e as potencialidades dos fluxos de sociabilidade que se manifestam na Avenida Jerônimo Monteiro. A observação de longe, seguida pela descrição, não conseguiria apreender algumas nuances desse ponto da pesquisa. Alguns fluxos de sociabilidade só são percebidos quando nos permitimos ser frequentadores da Jerônimo Monteiro, como qualquer outro que passa por ali no dia a dia.

A avenida amanhece com suas calçadas vazias, os carros que começam a movimentar o local. As primeiras pessoas que aparecem são as que tomam café da manhã nas lanchonetes e os usuários dos transportes públicos. Esses últimos vão formando aglomerados ao longo dos pontos distribuídos pela avenida. Muitos com expressões mais fechadas, com fones de ouvido, mochila nas costas e alguns bocejos. Aos poucos, os ônibus vão desfazendo os grupos e a rua torna a ficar pouco movimentada. Já são 7h15.

Por volta das 7h40, começam a se formar outros grupos de pessoas, que costumam estar descontraídas, sorridentes e falantes, apesar da cara de sono de algumas. São os trabalhadores dos escritórios e empresas que têm sede na Jerônimo Monteiro. Eles vão se aglomerando em frente ou perto de seus locais de trabalho até dar a hora de entrarem para começar a jornada diária, minutos antes das 8h. Após adentrarem nos prédios, a rua é tomada mais uma vez pelo vazio das calçadas, porém não por muito tempo, pois logo começam a chegar os comerciantes de rua, lojistas e os primeiros clientes.

Após os comerciantes de rua se instalarem, as lojas abrirem e a movimentação nas calçadas começar, as interações nesse local se dão entre os clientes e atendentes das lojas; entre os transeuntes e as pessoas que ficam panfletando para restaurantes e clínicas dentárias; e entre os funcionários de lojas que abordam os passantes, tentando atraí-los para suas lojas. Algo sempre de forma comercialmente interessada. Os locais em que essa dinâmica se altera são as duas praças e o Centro Cultural SESC-Glória.

Ao ficarmos um tempo sentados na Praça Oito, podemos perceber que os bancos vão sendo ocupados até todos terem uma pessoa sentada. Após isso, é comum observar que pessoas que não se conhecem começam a dividir o mesmo banco. Alguns, quando chegam à praça e se deparam com todos os bancos ocupados por uma pessoa, ficam receosos e preferem desfrutar da sombra em pé, porém a grande maioria não se importa de se sentar ao lado de quem não conhece. Percebe-se uma grande quantidade de cumprimentos antes de se sentarem, como “bom dia”, “com licença”, “opa”, “olá”, ou até mesmo um pequeno e singelo aceno com a cabeça.

Algumas conversas acabam surgindo nessa divisão do banco, principalmente quando há uma pessoa mais velha envolvida. Quanto aos assuntos que surgem, não pude fazer um levantamento mais preciso, pois os bancos são espaçados e não dá para ouvir o que as pessoas nos outros bancos estão falando. Entretanto as conversas que tive quando ali sentado foram sobre o BANESTES (Banco do Estado do Espírito Santo), seu atendimento, lotação, serviços, sobre a localização de lojas e pontos comerciais, sobre a impaciência dos motoristas, principalmente os dos ônibus e, em um caso, uma senhora que esperava o banco abrir acabou me contando o que a levava a ter que ir até o banco naquele dia. Disse que o dinheiro da

aposentadoria havia atrasado, depois, quando recebeu, haviam sido descontados alguns valores e ela gostaria de saber o porquê. Relatou que tentou ir no dia anterior, porém estava demasiadamente cheio e naquele dia ela preferiu chegar antes de abrir para ser uma das primeiras,

Na Praça Costa Pereira, a disposição dos bancos é diferente, eles são compridos, rodeando os canteiros que ornaram a praça e em vários pontos esses bancos ficam bem próximos. O número de pessoas que a utiliza é substancialmente maior do que o da Praça Oito. Logo cedo, seus bancos começam a receber os primeiros frequentadores, chegam junto com os trabalhadores das empresas e escritórios. Quando o meio dia vai se aproximando, a praça já está completamente tomada, podemos encontrar pessoas deitadas e aproveitando o momento de folga no trabalho, os taxistas jogando dominó, pessoas que estão ali para ver a movimentação do Centro, pessoas que vão atrás de uma boa conversa, pessoas que estão fugindo por um momento do forte calor que faz no Centro, ambulantes vendendo frutas, picolés, salgados e sucos.

Entre a praça e o Theatro Carlos Gomes, há uma banca de cocadas, o dono comentou que trabalha naquele ponto há quase 20 anos. Muitos passam e cumprimentam o vendedor e sua mãe, alguns param, sentam para conversar, abraçam, comem uma cocada. Ao perguntar sobre o Centro para ele, a resposta foi direta: amigos. “Mais do que trabalhar e sustentar minha família, eu conquistei muitos amigos aqui no centro vendendo cocada”. É nítido o número de pessoas que ele conheceu por meio desse serviço, pois durante o momento que fiquei ali me deliciando com uma cocada de maracujá e conversando com ele, populares, comerciantes vizinhos, trabalhadores de lojas ao redor, policiais passaram e o cumprimentaram sempre de forma carinhosa e alegre.

Em uma determinada manhã, cheguei à Costa Pereira e me sentei perto de diversos rapazes e senhores, em silêncio. Havia cerca de oito pessoas, sendo que um era vendedor de picolé e, de vez em quando, timidamente, anunciava seu produto. Passou um casal querendo comprar um picolé, custava R\$2,00 cada um e quiseram pagar com uma nota de R\$20,00. O vendedor não tinha troco e indicou que eles tentassem comprar em uma moça que mais à frente vendia picolé também. Quando esse casal saiu, um senhor que estava perto comentou com ele que era um absurdo o deixarem

sem troco, que os patrões deveriam assistir melhor as pessoas que vendem os picolés nas ruas. Então, outro rapaz falou algo concordando com o comentário feito e, em seguida, todos que estavam ali perto começaram a comentar e contar relatos e ocorrências em seus trabalhos, que remetiam à ajuda ou assistência a um amigo ou patrão.

A sensação é que muitos vão ali e se sentam perto de alguém e ficam esperando apenas uma abertura para iniciar uma conversa. Na Costa Pereira, quando participando dessas conversas, surgiram assuntos sobre a vida no Centro antigamente, sobre as melhorias que agora ele tem recebido; sobre a situação política, financeira e social do Brasil e do Estado; muitas vezes o assunto era futebol; coisas que aconteciam ao redor e na praça. Quando pessoas idosas participavam, muitos se lembravam de sua mocidade e de seus serviços, contando memórias e relatos. Não houve um dia que cheguei à Praça Costa Pereira e não encontrei grupos conversando.

Percebe-se, também, que, nessa praça, há a presença de grupos que já se conhecem, pessoas que estão ali com frequência, moradores da região que se encontram ali quase todos os dias, grupos de trabalhadores de lojas ou empresas, situadas ali perto, estudantes e grupos de turistas.

Outro fator de atração para a Costa Pereira é o fato de ali ser uma zona de internet livre através de um sinal *Wi-Fi* que a prefeitura disponibiliza. Na verdade, em vários pontos da Avenida Jerônimo Monteiro há a possibilidade de acessar o sinal *Wi-Fi* cedido pela prefeitura de forma gratuita, porém, ali foi onde pude observar uma maior quantidade de pessoas ao celular. O sinal é um pouco instável e, por vezes, quando estava com o celular na mão, alguém chegava para me perguntar se eu estava conseguindo me conectar à rede. Apesar das pessoas que estavam utilizando o celular não estarem conversando como outros frequentadores da praça, muitos utilizavam a rede de *internet* que a prefeitura instalou para se comunicarem com outras pessoas, via mensagens eletrônicas.

O Centro Cultural SESC-Glória, com a quantidade de atrações que atualmente tem, é algo recente, porém já se destaca como um dos principais pontos culturais da cidade de Vitória. Ele tem salas de cinema, um teatro, biblioteca, espaço para exposições, salas para palestras, *workshops*, seminários, minicursos. Durante essa primeira semana de campo, estava

sendo exposta a Primeira Mostra de Arte Contemporânea em Literatura Infantil (1ª MACLI) e, por conta disso, diversas palestras e minicursos com ilustradores e escritores de histórias infantis eram realizadas.

Em uma palestra de que participei, pude observar uma grande quantidade de professores do ensino fundamental da rede municipal da cidade de Vitória. Em relatos durante as conversas, muitos se diziam surpresos com o SESC-Glória, pois nunca tinham ido e não imaginavam a grandeza e a potencialidade cultural que havia naquele espaço. Estavam encantados. Essas descobertas e maravilhamentos por esse novo espaço ainda são pouco abrangentes. Não é difícil encontrar pessoas, na Jerônimo Monteiro mesmo, que não saibam das atividades que agora são disponibilizadas neste espaço, pessoas que ficam surpresas quando comento que ali há cinema, teatro, biblioteca e todos os eventos que são sediados.

Quando a noite cai, as lojas se fecham, as calçadas já estão quase vazias, mas um ponto da avenida permanece movimentado: o eixo SESC-Glória, Praça Costa Pereira e Theatro Carlos Gomes. Esse movimento é resultado das apresentações musicais da Orquestra Sinfônica do Espírito Santo (OSES) ou dos alunos ou integrantes da Orquestra da Faculdade de Música do Espírito Santo (FAMES). Essas duas Orquestras têm um programa anual, que é lançado logo no início de cada ano, de apresentações tanto no Theatro Carlos Gomes quanto no SESC-Glória, sempre a preços populares, cerca de R\$6,00 a inteira, quando não é gratuita a entrada.

As apresentações costumam começar às 19h30, com cerca de duas horas de duração, variando dependendo do programa. Esses acontecimentos geram uma grande movimentação nesse ponto da Jerônimo Monteiro, principalmente na Praça Costa Pereira, por abrigar os espectadores antes de as apresentações começarem. Um grande número de pessoas concentra-se na praça ou na frente desses lugares, beijos e abraços de encontros vão surgindo. As apresentações geralmente não têm ampla divulgação, fato que colabora com a socialização de pessoas já conhecidas, ou seja, aqueles que já sabem do evento convidam seus amigos para as apresentações e, assim, na frente do teatro, há um grande murmurinho de conversas e intimidades, sorrisos e falas vão tomando conta desse ambiente.

Em conversa com pessoas que frequentam o Centro há muito tempo e viveram um pouco da época áurea de diversão e movimento da região, comentam que ver esse ambiente assim, repleto de pessoas se divertindo e alegres provoca uma sensação nostálgica e de felicidade. Comentam que é maravilhoso ver que existem boas iniciativas para revitalizar o Centro Histórico de Vitória.

Nesta primeira semana de imersão na Avenida Jerônimo Monteiro, pude perceber que a hora do almoço é um momento conturbado, isso porque, além de todo o movimento que já se formou nas calçadas, os trabalhadores dos escritórios e empresas começam a sair em grupos para almoçar e movimentam mais ainda as calçadas. Nos restaurantes, as mesas vão se juntando, trabalhadores que se conhecem, mas trabalham em locais diferentes vão se encontrando, e o silêncio que escritórios e empresas pregam como boa conduta no ambiente de trabalho é a última coisa que acontece nesses locais. Todos estão muito falantes, agitados e “conversativos”, aproveitando o horário do almoço para colocar o papo em dia. Após terminarem o almoço, muitos se concentram nas duas praças para relaxar e aproveitar os últimos minutos antes de voltarem ao trabalho.

Ao longo das agitadas calçadas, um fato que irrita as pessoas são os constantes pingos dos aparelhos de ar condicionado das empresas e escritórios. Alguns gotejam ininterruptamente, quase como um fio de água, criam poças, criando mais um obstáculo nessa caminhada que já tem o grande número de pessoas, os comerciantes de rua instalados ali e os pontos de ônibus.

2.1.3 – Insegurança / Segurança

Em conversas durante o campo, um ponto de reclamação que sempre aparecia era a falta de segurança quando as lojas fecham. Como a Avenida Jerônimo Monteiro é amplamente dominada por pontos comerciais, quando eles abaixam as portas no final do dia, seus clientes vão embora, deixando a avenida quase vazia. O único ponto de movimentação na parte da noite é a

faixa que compreende a Costa Pereira, o SESC-Glória e o Theatro Carlos Gomes.

Após as 20h, momento em que até as farmácias e lanchonetes já fecharam, os moradores que saíram cedo já retornaram e o fluxo de pessoas nos pontos de ônibus indo para a faculdade ou escolas no período noturno também já acabou, podemos perceber o esvaziamento das calçadas da avenida. Uma fraca e ineficiente iluminação tenta clarear as solitárias calçadas, que raramente presenciam o caminhar de alguém.

Durante o período matutino e vespertino, a Avenida Jerônimo Monteiro é bem policiada, não é difícil encontrar guardas ao longo dela. Eles costumam estacionar um carro de apoio às margens da Praça Costa Pereira. Durante essa primeira semana de campo, pude constatar estacionadas viaturas de carros populares e de carros maiores, como *sprinters*. Durante uma tarde, sentado na praça e em conversa com um senhor que estava no meu lado, percebemos uma movimentação atípica à nossa frente, todos estavam se voltando e olhando fixamente para algo que acontecia atrás de nós. Tomados pela curiosidade, voltamos nosso olhar para a mesma direção e observamos uma mulher, aparentemente desesperada, batendo nas costas de uma criança, virando-a de cabeça para baixo, como quem estivesse tentando desengasgá-la. Sem sucesso e ficando cada vez mais aflita, correu até a *sprinter* da Polícia Militar pedindo socorro. Rapidamente eles a colocaram dentro do carro e saíram para o local mais próximo onde pudessem socorrer a criança.

Nas noites de espetáculos ou apresentações musicais das orquestras do Estado ou da Faculdade de Música do Espírito Santo, há sempre carros de polícia parados na calçada que divide a Jerônimo Monteiro e a Costa Pereira, fazendo a segurança da região. A movimentação é concentrada nesse ponto da avenida, não se espalhando muito. Quanto mais nos afastamos dessa área de concentração, mais vazio fica e mais forte vai sendo a sensação de insegurança. Como as quadras são muito grandes, existem alguns becos entre as construções para passagens de pedestres, porém, à noite, eles não são iluminados, aumentando ainda mais a sensação de medo quando passamos por eles, pois são extremamente escuros e não conseguimos enxergar direito.

Durante essa primeira semana, andei muito pela avenida na parte da noite, observando o diminuto fluxo existente e em nenhum momento fui

abordado ou senti qualquer ameaça por parte de outra pessoa. Porém as histórias que nos contam e a cultura do medo do escuro e dos locais vazios durante a noite nos são o bastante para nos fazer temer e nos sentirmos inseguros na Jerônimo Monteiro nesse horário.

Durante as conversas, alguns relataram que uma parte da Avenida, mais para perto da Escadaria do Palácio Anchieta, era reduto de moradores de rua e garotas de programa quando a noite caía, que havia brigas, gritarias e constantemente tinham que chamar a polícia por conta de confusões geradas por essas pessoas. Agora, eles não estão mais ali, e as pessoas com as quais conversamos contam que esse fato ajudou consideravelmente a diminuir a insegurança no local.

Ao questionar pessoas que trabalham até mais tarde, em farmácias, escolas, mercados e até mesmo os próprios donos das barraquinhas que são montadas na Costa Pereira no período da noite, muitos dizem ser evidente o aumento da segurança e ocupação do centro depois dos incentivos e programas que a prefeitura de Vitória tem feito para revitalizar o Centro Histórico. Dizem que ao sair à noite do serviço, encontram muito mais pessoas na rua do que antigamente, veem mais policiamento e menos moradores de rua. Vale ressaltar que esses estabelecimentos que ficam abertos até mais tarde estão próximos à Praça Costa Pereira, local onde se concentra a movimentação na parte da noite. Ao serem perguntados sobre os locais mais distantes, dizem que não se arriscam a ir nessas direções, mas que não veem mais moradores de rua ou garotas de programa como antigamente.

Algo a ser considerado e que fica evidente quando conversamos com uma grande quantidade de pessoas é a disparidade das respostas e das percepções sobre o Centro, hoje, entre as pessoas de diferentes idades. As pessoas mais novas estão satisfeitas com as recentes iniciativas e locais culturais que existem atualmente na região. Disseram que movimentou muito mais a área e que agora visitam com maior frequência o bairro, que está mais seguro e que o número de policiais fazendo rondas, patrulhas e guardando o local aumentou. Essas respostas demonstram que as iniciativas para revitalizar o Centro Histórico de Vitória têm surtido efeito. Porém, ao conversar com pessoas mais velhas, que viveram um pouco da época áurea desse local, dizem que o Centro não é mais o mesmo, que antigamente tinha muito mais

peças, as praças viviam cheias, os bares lotados, não havia toda essa insegurança, dizem que o Centro está morrendo aos poucos.

A visão do Centro para as pessoas de diferentes idades está muito atrelada às comparações que são feitas com o Centro que conheciam, com as experiências anteriores. Os mais novos, com a visão perigosa, de local completamente vazio, onde só há movimento durante o dia, quando as lojas estão abertas, percebem e estão satisfeitos com os progressos que estão acontecendo na região, com o intuito de revitalizar a área. Já os mais antigos, que viveram uma época quando o Centro não era centro só no nome, mas também nas atividades culturais, de lazer, de comércio, da vida civil e pública, mesmo com todas essas ações e com a notável mudança que vem ocorrendo, ainda acham que a região não é movimentada, é muito parada e vazia.

As poucas pessoas com que consegui conversar nas movimentadas calçadas no período da manhã ou da tarde alegaram que o local é bem policiado e que não se sentem inseguras. Tomam as precauções que tomariam em qualquer local que tivesse uma grande circulação de pessoas, como andar com a bolsa para frente, não ficar mexendo em dinheiro, não ficar com celular na mão. Perguntei o que achavam daquele local na parte da noite, e foi unânime a resposta de que não sabiam, pois não costumam ir à noite ao Centro, mas que já ouviram falar que é muito vazio e perigoso.

Outro fator de insegurança na Avenida é a falta de locais seguros e sinalizados para atravessar a rua, ou seja, faixas de pedestres. Elas só estão presentes onde há semáforos e, dos seis que ali existem, dois estão localizados em suas extremidades, restando apenas quatro pontos de travessia ao longo de toda a avenida. Por isso é comum observarmos pessoas que não querem andar até uma faixa e atravessam em meio aos carros, ou quando percebem uma pequena intermitência no fluxo. Essa atitude se intensifica no horário do almoço, devido ao aumento de pessoas nas ruas e por que os restaurantes se localizam, na grande maioria, na calçada da direita; e os escritórios e empresas, em grande parte, na calçada da esquerda. No final da tarde, quando o trânsito começa a congestionar, esta atitude é algo comum de acontecer também, pessoas atravessando fora da faixa de pedestre em meio aos carros parados. Neste período, o fluxo novamente é da calçada da esquerda para a da direita, onde estão localizados os pontos de ônibus.

2.2 – Relatos de Campo: Segunda Semana (Avenida Jerônimo Monteiro)

A segunda vivência na Avenida Jerônimo Monteiro começou dia sete de dezembro. Neste período do ano, muitas pessoas estão à procura de presentes, enfeites e decorações para a época natalina. Como essa avenida tem uma grande concentração de comércios, com ramos variados, indo de lojas pequenas a grandes lojas de departamentos, a movimentação neste período do ano se torna ainda maior do que a ampla quantidade de pessoas que encontramos normalmente. Apesar desse aumento, a dinâmica da avenida muito se assemelha ao primeiro contato que tivemos para este trabalho, pouco foi alterada.

Percebemos que o número de ambulantes ao longo de toda a avenida aumentou. Muitos desses novos vendem pisca-pisca, Papai Noel dos mais variados estilos e tamanhos, gorros e bonecos de neve. Ao longo de toda a avenida, apenas uma loja estava totalmente voltada para a comercialização de produtos para essa época do ano.

Na Praça Costa Pereira, passaram a ser montadas barracas vendendo artesanatos, produtos de cama, mesa e banho, bordados, pintados, de crochê, vagonite; vendiam, também, incensos, artigos natalinos e guirlandas. Essas barracas estavam localizadas na borda da praça, do lado oposto ao Theatro Carlos Gomes. O surgimento desse comércio temporário atraiu mais pessoas para a praça. Se, anteriormente, a praça era local de descanso, tranquilidade, conversa e relaxamento, foi adicionado a essas ações um grande vai e vem de pessoas que circulavam pelas barracas. Observar essa movimentação passou a ser a distração de alguns frequentadores.

No dia nove de dezembro, uma quarta-feira, a praça recebeu, além da feira de artesanato, pessoas do Ministério Público, que montaram uma barraca no meio dela e estavam colhendo assinaturas para um ato contra a corrupção. Essa atividade estava sendo realizada em várias partes do Brasil e do mundo, haja vista que, neste dia, comemorava-se o dia Internacional Contra a

Corrupção. Eram cerca de cinco pessoas: duas delas ficavam embaixo da barraca recebendo os curiosos que se aproximavam, e três delas ficavam andando pela praça perguntando se as pessoas que passavam poderiam contribuir com uma assinatura.

Além dessas novas apropriações da Costa Pereira, na parte da tarde da mesma quarta-feira, havia uma mulher pregando “a palavra de Deus”, aos gritos, também no meio da praça. Ela estava bem próxima da barraca do Ministério Público. Caminhava em círculos dando testemunhos e citando passagens bíblicas, convidando quem passava para ir aos cultos de sua religião. Nesse dia, a dinâmica local foi alterada. Quem procurava a praça para descansar, mexer no celular, conversar ou apenas ver a movimentação e o tempo passar, era abordado pelos agentes do Ministério Público Estadual ou pela senhora que pregava na praça. O vai e vem de pessoas da feirinha, que antes não alterou a dinâmica local, somado a todos esses fatores, ajudou a transformar a praça em um local bem conturbado e com grande movimentação de pessoas.

Com o aumento do número de pessoas na avenida, a calçada da direita, próxima à concentração de lojas, estava extremamente cheia. Muitas pessoas no ponto, outras olhando vitrines, muitos ambulantes, diversas pessoas querendo andar rápido, muitas bancadas na calçada dos comerciantes de rua. O vai e vem de pessoas já não acontecia com tanta rapidez e intensidade, porque não se conseguia, apesar da vontade.

Naquela semana, seria realizada a última apresentação da Orquestra Sinfônica do Estado do Espírito Santo em 2015. Esse fato movimentou a bilheteria do Theatro Carlos Gomes. Muitos estavam atrás de ingressos para prestigiar o adeus ao ano que se passou. Como o preço do ingresso é simbólico, desta vez sendo R\$4,00 a inteira, os ingressos se esgotam rapidamente quando são colocados à venda.

Uma coisa comum de se acontecer nas noites de espetáculo, e nesse dia não foi diferente, é que as pessoas que não conseguiram comprar entradas para a apresentação começam a chegar e formar uma fila na porta do Theatro. Elas ficam à espera de alguém que tenha um ingresso sobrando ou de faltarem pessoas e a entrada ser liberada para esses desejosos, ou como costumam ser chamados: “a galera do chorinho”. Durante as duas semanas em que estive

na Jerônimo Monteiro, essas pessoas que ficam à espera sempre conseguiram entrar sem maiores problemas. Eles esperam todas as pessoas que têm ingresso e que chegaram até um determinado horário entrarem. Depois, sobrando espaço, a organização os deixa entrar sem custo algum.

Muitos que compram ingressos para amigos e parentes, e esses não podem ir por algum motivo ou contratempo, chegam para os primeiros dessa fila e oferecem os ingressos que estão sobrando, sem nenhum custo. Este é um hábito nesse local. Há uma grande cordialidade, simpatia e educação entre as pessoas que frequentam o Carlos Gomes.

Naqueles dias, além da orquestra, também estava acontecendo o Projeto CineSesc (Figura 10), movimentando a agenda cultural da Jerônimo Monteiro. Essas sessões de cinema no Sesc-Glória, apesar da entrada franca, recebem poucas pessoas, pois não são muito divulgadas, apenas no próprio local e em sua página do *facebook*. Outro fato que contribui é que poucas pessoas sabem que ali existem salas de cinema.



Figura 10: Cartaz do CineSesc.

Fonte: <http://www.sesc-es.com.br/main.asp?link=indep&id=358>

Na calçada localizada entre a Jerônimo Monteiro e a Costa Pereira, estava um artista de rua durante toda a semana. Ele atuava como estátua viva,

todo pintado de bronze, em cima de uma caixa de madeira e com um pote à sua frente para as pessoas colocarem as doações. Quando alguém depositava algum dinheiro, ele, em gestos suaves, fazia reverência, agradecendo a contribuição. Parei por um tempo para observar a relação das pessoas com esse novo integrante da avenida. Muitos passavam sem perceber que ali estava um artista, nem dirigiam o olhar ou atenção. Alguns que passavam distraídos e desatentos, quando alguém colocava uma moeda, até se assustavam com ele se mexendo.

Algo que pude reparar foi que quase todas as crianças que passavam ficavam admiradas, encantadas e curiosas com aquela pessoa toda pintada no meio da rua. Elas até tentavam parar para observar e descobrir algo, porém, sempre de mãos dadas com algum adulto, eram puxadas ou incentivadas a continuar andando. Muitas vezes, a pessoa que estava acompanhando a criança nem percebia por que elas queriam parar.

Em meio a todo o vai e vem de pessoas andando apressado e rápido, o artista de rua parecia não existir, ele se assimilava a todas aquelas pessoas que tentavam vender algo nas calçadas, como *chip* de celular, biscoitos, serviços dentários, entre outros. Eram invisíveis. Quem passa com frequência pela Jerônimo Monteiro nem repara mais que existem pessoas tentando abordá-las enquanto caminha. Já está tão automático ignorar e não prestar atenção, que acabam estendendo essa prática para outras atividades e ações que ali acontecem.

Durante uma caminhada atravessando toda a avenida, são percebidas muitas pessoas tentando abordar as outras, entregando panfletos, vendendo algo, tentando convencê-las a almoçar nos restaurantes de que fazem propaganda, tentando levá-las para dentro das lojas. É um grande assédio aos passantes. Em conversa com algumas pessoas que passam por ali frequentemente, elas disseram que depois de um tempo vira hábito ignorar, que fazem sem perceber. Antes, faziam gestos com a cabeça ou com a mão negativamente, mostrando que não queriam, depois, nem isso mais. Disseram que é algo natural e comum.

Na sexta-feira desse segundo momento em campo na Jerônimo Monteiro, aconteceu, comigo, exatamente o que alguns relataram. Passava pelas calçadas e não enxergava e nem escutava mais aqueles que queriam me

abordar. Não escutava mais os gritos das pessoas vendendo *chip* de celular, biscoito, produtos, entregando panfletos. Eles haviam virado parte do constante zumbido da avenida, não me tocavam mais. A habitualidade, a recorrência dessas ações fez com que não os reparasse mais.

Percebendo que havia sido capturado pelo olhar acostumado, rotineiro, tentei voltar a me relacionar com a cidade da forma que havia estudado, que havia pensado na metodologia. Porém, percebi que minha postura era de alguém que estava procurando, que estava atrás de algo e não vivenciando o lugar de forma que ele fosse se mostrando e dando pistas e indícios do que procurava. Decidi, então, naquele momento, encerrar o campo do dia, voltar para casa, afastar-me um pouco da área de estudos, para, no outro dia, ciente do que havia acontecido, tentar voltar com outra postura. Algo que me ajudaria no dia seguinte a me relacionar de outra maneira era o fato de ter me inscrito em uma oficina sobre ilustração contemporânea no SESC-Glória. Eu estaria vivenciando o lugar, participando das várias atividades econômicas, sociais, de lazer e culturais que eram oferecidas na Jerônimo Monteiro.

No dia seguinte, antes de o minicurso começar, conversei com algumas pessoas que também iriam participar. Elas comentaram que há muito tempo não visitavam o Centro e que estavam satisfeitas de haver um espaço como esse localizado onde está, pois, além de ser um centro cultural, algo que não existia na cidade, proporciona, também, um reencontro com o Centro de Vitória. Esse foi um ponto que percebi em várias conversas que tive com pessoas sobre o SESC-Glória e as ações de revitalização que estão acontecendo. Além da importância cultural do espaço, o que ele traz também é a volta do convívio com o Centro, algo que atrai as pessoas nos horários que as lojas estão fechadas, nas noites, nos finais de semana, movimentando a Jerônimo Monteiro em horários em que ela normalmente estaria vazia de pessoas.

2.3 – Relatos de Campo: Primeira Semana (Orla de Camburi)

Assim como na Jerônimo Monteiro, no primeiro dia fiz uma descrição do lugar, dos frequentadores, da movimentação, das formas e funções, dos aparatos e objetos que ali existem. A partir do segundo dia, a relação com ela passou a ser de frequentador, como alguém que estivesse indo aproveitar o que o lugar tem a oferecer.

No primeiro momento, ficou evidente que a praia de Camburi é um local bem diversificado. Atrai praticantes de diversos tipos de atividades, exercícios e esportes, como: corrida, caminhada, ciclismo, patinação, *skate*, frescobol, futebol de areia, futevôlei, vôlei de areia, *beach* tênis, *slackline*, pesca, natação, canoa havaiana, *kitesurf*, *stand up paddle*, capoeira, ginástica localizada, hidroginástica e pessoas que participam das diversas assessorias esportivas espalhadas pelas areias. Além dessas pessoas, o local atrai também banhistas, casais, famílias, turistas, crianças e grupos de amigos. A orla de Camburi é um local da cidade de Vitória que é ponto de atração das mais variadas pessoas, gostos e idades.

Um dos principais pontos turísticos, a orla passou recentemente por uma grande reforma, que começou em 2008 e foi concluída em 2014. Nessa obra, o calçadão foi todo reformado, ganhou nova pavimentação, novos bancos, iluminação, o paisagismo foi alterado, além de ter recebido uma ciclovia que está presente em toda a orla. A última etapa concluída dessa reforma foi centrada nos sete primeiros quiosques da praia, que foram totalmente reformados. Com isso, a praia ganhou diversos banheiros públicos, que ficam sob responsabilidade dos quiosques, e vários chuveiros espalhados ao longo de sua extensão. No calçadão, foram implementadas, também, duas academias populares, voltadas principalmente para os idosos.

Instaladas ao ar livre, as academias são compostas por dez equipamentos que servem para alongar, fortalecer, desenvolver a musculatura em geral e trabalhar a capacidade aeróbica. Os aparelhos, de baixo impacto, simulam atividades do cotidiano das pessoas, como caminhadas, remada, alongador, entre outros⁵.

⁵ Texto retirado do site da Prefeitura Municipal de Vitória. Disponível em: (<http://docplayer.com.br/7597185-Silvio-eduardo-teles-dos-santos-psicologia-das-cores.html>). Acesso em: 10/01/2016.

Essas academias estão instaladas próximas aos quiosques de Serviço de Orientação ao Exercício (SOE). Essa é uma iniciativa municipal, que visa “incentivar a prática regular e correta de exercícios; combater o sedentarismo e auxiliar na prevenção e tratamento de doenças crônico-degenerativas não transmissíveis”⁶. Qualquer pessoa pode participar das aulas oferecidas nos dois módulos, basta comparecer nos dias e horários das atividades desejadas. No SOE que fica localizado na altura do bairro Jardim da Penha, são oferecidas as seguintes aulas:

MATUTINO		
Segunda-Feira	Hidrogenástica	7hs
	Ginástica Localizada	7hs
	Alongamento	8hs
	Vôlei Master	8hs
Terça-Feira	Circuito Funcional	7h
	Alongamento	7:30hs
	Yoga	8hs
Quarta-Feira	Hidrogenástica	7hs
	Ginástica Localizada	7hs
	Alongamento	8hs
	Vôlei Master	8hs
Quinta-feira	Circuito	7hs
	Alongamento	7:30hs
	Yoga	8hs
Sexta-Feira	Hidrogenástica	7hs
	Alongamento	7hs
	Vôlei Master	8hs

Tabela 1: Atividades Matutinas no SOE (Jardim da Penha)

⁶ Texto retirado do site da Prefeitura Municipal de Vitória. Disponível em: (<http://docplayer.com.br/7597185-Silvio-eduardo-teles-dos-santos-psicologia-das-cores.html>). Acesso em: 10/01/2016.

NOTURNO		
Segunda-Feira	Ginástica Localizada	19hs
	Capoeira (nível: avançado)	20hs
Terça-Feira	Alongamento	18:50hs
	Capoeira (todos os níveis)	19:30hs
Quarta-Feira	Círculo (no deck)	19hs
	Capoeira (nível: iniciante)	20hs
Quinta-Feira	Alongamento	18:50hs
	Capoeira (todos os níveis)	19:30hs
Sexta-Feira	Círculo (na areia)	19hs
	Capoeira (roda e musicalização)	19hs

Tabela 2: Atividades Noturnas no SOE (Jardim da Penha)

No SOE localizado na altura do bairro Jardim Camburi, as aulas oferecidas são:

MATUTINO		
Segunda-Feira	Ginástica Localizada	6:30hs
		7:30hs
Terça-Feira	Alongamento	6:30hs
		7:30hs
Quarta-Feira	Ginástica Localizada	6:30hs
		7:30hs
Quinta-Feira	Alongamento	6:30hs
		7:30hs
Sexta-Feira	Ginástica Localizada	6:30hs
		7:30hs
	Vôlei Master	7hs

Tabela 3: Atividades Matutinas no SOE (Jardim Camburi)

NOTURNO		
Segunda-Feira	Ginástica Localizada	19hs
Terça-Feira	Alongamento	19hs

Quarta-Feira	Ginástica Localizada	19hs
Quinta-Feira	Alongamento	19hs
Sexta-Feira	Ginástica Localizada	19hs

Tabela 4: Atividades Noturnas no SOE (Jardim Camburi)

Todas as aulas são ministradas por professores de Educação Física. Dentro do quiosque ficam guardados todos os equipamentos que são utilizados nas aulas, como colchonetes, pesos, anilhas, caneleiras. Há também uma balança e um bebedouro. Existe nesse espaço a possibilidade de se conversar com nutricionistas, que dão dicas e procedimentos para uma alimentação melhor, de forma a contribuir para a necessidade de cada um.

A reforma trouxe, também, cinco grandes áreas de estacionamento, com vagas exclusivas para idosos e deficientes. Outro ganho da cidade com essas obras foi uma pista de *skate*, no quinto bolsão de estacionamento da orla. Em 2013, ela foi construída como um projeto provisório, porém foi tão bem aceita pela comunidade e principalmente pelos praticantes do *skate*, que em 2014 passou por mudanças que transformaram os equipamentos de madeira em obstáculos de alvenaria, garantindo, assim, uma melhor qualidade e durabilidade para o local.

As mudanças ocorridas por conta dessa grande reforma ficaram restritas à parte da praia que está entre a ponte de Camburi e a Avenida Adalberto Simão Nader, tendo a pista de *skate* como ponto de divisão entre a área reestruturada e a área que permaneceu sem reforma. A porção do calçadão que não foi reformada obteve melhorias somente na área em torno do quiosque de Serviço de Orientação ao Exercício (SOE), que recebeu uma das duas academias populares para pessoas idosas. Essa divisão é apenas uma das muitas que podemos perceber na orla de Camburi. Algumas mais sutis e outras bem demarcadas como essa.

Durante o primeiro dia dedicado à descrição, foi percebido que a praia pode ser dividida em cinco setores: o primeiro é a parte da praia que não foi reformada, os outros quatro são divisões da parte reformada, sendo: a ciclovia o segundo; o calçadão o terceiro; o que chamamos de primeira faixa de areia o quarto; e a segunda faixa de areia, abrangendo também o mar, o quinto (Figura 11).



Figura 11: Mapa da Orla de Camburi com as divisões de análise.
 Fonte: Elaborado pelo autor

Essa é uma fragmentação que podemos perceber em decorrência do tipo e da intensidade do uso. A parte que foi reformada está na região que tem os bairros Jardim da Penha e Mata da Praia como vizinhos de frente. O uso dessa área da praia é grande, em decorrência da proximidade dos dois bairros em que predominam as residências. A parte que não foi reformada tem, do outro lado da rua, uma área de preservação, com muitas árvores, não tendo nenhum tipo de construção. Somente mais à frente que há o bairro Jardim Camburi, onde, nessa altura, está localizado o SOE e a academia popular para pessoa idosa.

Nessa parte não reformada, a faixa de areia que se encontra próxima ao calçadão tem uma área de restinga muito extensa, então, não há muito movimento em nenhum dos dois lados por ali. É um trecho pouco iluminado e a pavimentação é de pedras portuguesas, impossibilitando as pessoas de andar de *skate* e patins nessa parte. Muitos que estão se exercitando chegam à pista de *skate*, limite dessas duas porções, e voltam.

A divisão da areia em duas partes é em virtude do tipo de apropriação que as pessoas fazem. A primeira faixa, que está próxima ao calçadão, é mais

utilizada pelas assessorias e pelos adeptos dos esportes como vôlei, futebol de areia e futevôlei. Nessa região é onde estão localizados os coqueiros e castanheiras, gerando sombra para os frequentadores. Na segunda faixa de areia, que também engloba o mar, a utilização gira em torno dos banhistas, pessoas que vão para tomar sol, pescadores e os praticantes de esportes que envolvam a água.

Outro fracionamento que podemos fazer para uma melhor compreensão da orla de Camburi, assim como na Avenida Jerônimo Monteiro, é quanto aos seus horários. Podemos dividir em quatro frações de tempo: a primeira compreende os horários de 5h30 até as 9h; a segunda de 9h até as 16h30; a terceira está entre 16h30 e 21h30; a quarta é após as 21h30.

A primeira fração de tempo é quando começam a chegar as primeiras pessoas do dia à orla de Camburi, junto com o nascer do sol. Há um grande fluxo de pessoas a pé, que chegam dos bairros próximos ou que margeiam a orla (Jardim da Penha, Mata da Praia, Jardim Camburi, Praia do Canto e Bairro República), e um fluxo também de pessoas de bicicleta desses e de diversos outros bairros da cidade. Nesse horário, começam a chegar também os professores das assessorias esportivas para montar seus circuitos funcionais nas areias à espera de seus alunos.

Pouco antes das 7h, a praia tem um de seus ápices de movimento. O calçadão fica repleto de pessoas caminhando e correndo. Quase todos que se encontram na praia nesse momento estão trajando roupas de ginástica, os que fogem a essa tendência estão normalmente de bicicleta, mochilas e vestidos com uniformes dos locais onde trabalham. A ciclovia também é bastante utilizada nesse período, sendo dividida por essas pessoas que a utilizam como meio para chegar até o serviço e por aqueles que a utilizam como lazer, para a prática de uma atividade física.

A faixa de areia próxima ao calçadão é dominada pelas assessorias esportivas e seus alunos. Nas segundas, quartas e sextas-feiras, existem 15 dessas empresas, sendo 13 antes da avenida Adalberto Simão Nader e duas depois. Nas terças e nas quintas-feiras, o número reduz um pouco, caindo para dez, ficando a divisão da seguinte maneira: nove na parte onde houve a reforma e uma na parte não reformada. Na área de transição entre o calçadão

e essa faixa de areia, ficam os vendedores de água de côco. São inúmeros carrinhos espalhados por toda a orla.

Nesse período do dia, o número de *skatistas* e patinadores no calçadão é praticamente zero, os quiosques ainda estão fechados e os quatro bolsões de estacionamento estão praticamente vazios, mostrando que, nesse horário, poucas são as pessoas que chegam à praia de carro. O estacionamento que apresenta mais automóveis parados é o primeiro, no início da praia, onde as pessoas que chegam por esse meio costumam dar início a suas caminhadas e corridas.

A parte da praia que compreende a faixa de areia próxima à água e o mar está quase vazia. Quem movimenta essa área são os praticantes de canoa havaiana, os nadadores e alguns que correm e caminham próximos à água. Um ponto de grande destaque nesse período são os dois SOEs. A população utiliza bastante essas atividades orientadas oferecidas pelo governo. Todas as aulas dão em média 30 pessoas, sendo que a maioria são pessoas na terceira idade.

Depois das 8h, a praia começa a esvaziar, as pessoas já terminaram suas atividades e exercícios matinais e começam a deixar o local. O fluxo agora é da praia em direção aos bairros. Após as 9h, entramos na segunda fração da divisão. O sol já está demasiadamente quente, espantando as últimas pessoas que insistiam em ficar ali por mais algum tempo. Os bancos que existem na orla são de madeira e cobertos, porém, a cobertura é intermitente, fazendo com que não proteja de todo o sol, deixando esses locais de descanso e possíveis sombras também expostos ao forte sol.

Nesse momento, alguns quiosques já abriram, entretanto, o número de pessoas que eles conseguem atrair a essa hora do dia é quase zero. A movimentação fica a cargo dos pontos de ônibus, que ficam localizados entre a ciclovia e a Avenida Dante Micheline. Não há pessoas utilizando a praia para se banhar ou se refrescar, os poucos que entram na água são os nadadores. As assessorias já se recolheram deixando a faixa de areia, que antes elas dominavam, vazia.

Mais para perto do almoço é quando volta a ter um pouco de movimento pelo calçadão, pois os jovens começam a sair das escolas. Nos serviços, é horário de almoço e muitos escolhem a praia como local de

passagem para chegar até suas casas ou restaurantes. Após o almoço, percebemos que algumas pessoas procuram uma sombra para descansar antes de voltar para o trabalho.

Na parte da tarde, começam a aparecer algumas crianças para brincar na areia, pessoas passeando com cachorros, algumas andando pelo calçadão, porém com calças jeans ou bem arrumadas. Nos quiosques, já podemos perceber alguma movimentação, porém muito fraca ainda. No período entre o almoço e a parte da tarde, o local de maior destaque, uso e movimentação é a pista de *skate* e alguns carrinhos de côco, pois pessoas nesse horário vão apenas para comprar um copo ou garrafa, bebem e logo vão embora.

A pista de *skate* começa a ter movimento por volta de 12h30. Em volta dela há algumas árvores que ajudam os *skatistas* a fugirem um pouco do intenso sol e calor que faz na região. Aos poucos, eles vão chegando e permanecem ali por um bom tempo. Nos horários da tarde, quando já não está tão quente, temos uma média de 15 a 20 pessoas utilizando esse espaço.

Após esse período de calma, com o final da tarde chegando, entramos na terceira fração, entre 16h30 e 21h30. O forte sol agora já está baixo, há um maior número de locais com sombra, e a jornada diária de trabalho dos cidadãos vai chegando ao fim. A praia começa a receber os frequentadores que vão movimentá-la nesse período, o de maior contingente populacional do dia. Aos poucos, começam a aparecer as pessoas adeptas da corrida e da caminhada, voltam também as assessorias e seus alunos.

Junto com os esportivamente interessados, começam a aparecer também pessoas passeando, utilizando o calçadão como lazer: namorados, pais com filhos, pessoas com cachorros e aqueles que vão para aproveitar os quiosques. Nesse período do dia, a praia fica cheia e com uma diversidade de interesses e intenções muito grande, diferente da parte da manhã em que o predomínio é a atividade física.

Perto das 19h é quando a orla tem seu ápice de movimentação e assim permanece até umas 20h30. Durante esse período, na primeira faixa de areia, além das assessorias, há escolinhas de vôlei, futebol de areia, futevôlei e *beach tennis*. Os *skatistas* e patinadores se fazem bastante presentes no calçadão e os ciclistas são tantos que, em alguns trechos, atravessar a ciclovia é difícil, devido ao intenso fluxo de bicicletas. As atividades dos SOEs voltam a

ser realizadas, e nas academias populares para pessoas idosas formam-se filas para usar os aparelhos.

Os bolsões de estacionamento, diferente da parte da manhã, estão com suas vagas quase todas ocupadas, mostrando que, nesse momento, a orla recebe muita gente que chega de carro e moto. Nesses estacionamentos, estão pessoas que ficam alugando patins, bicicletas duplas, *skates* e patinetes.

Após as 21h, a praia novamente começa a sofrer um esvaziamento e entra, então, na quarta e última divisão do dia, após as 21h30. No início desse período, ainda encontramos pessoas caminhando, correndo, passeando, bebendo água de côco, aproveitando os quiosques, patinando e andando de *skate* e bicicleta, porém em número reduzido. As escolinhas e assessorias já encerraram suas atividades do dia e a praia aos poucos vai ficando vazia. Lentamente vamos percebendo a redução de pessoas andando ao nosso lado.

Nas quartas, sextas, sábados e domingos, no quiosque um, mais conhecido como K1, acontecem *shows* de forró. Alternam-se dias com entrada franca e dias com custo. Essa cobrança é feita para quem deseja utilizar uma área cercada que o quiosque faz em seu *deck* de madeira, porém muitos ficam na areia ou calçadão dançando. Nesse período, esses *shows* são os que movimentam a orla, porém é algo muito localizado.

Essa dinâmica acontece durante a semana, aos sábados e domingos ela é totalmente alterada. No sábado, o número de pessoas que chegam muito cedo ao calçadão não é tão grande. Os praticantes de exercícios físicos se fazem presentes, mas não são maioria, pois os banhistas aparecem em grande quantidade. Eles costumam frequentar a praia nos horários que durante a semana estão vazios, por causa do calor e da incompatibilidade de horários: parte da manhã e da tarde. Há muitas crianças brincando, os locais onde as assessorias esportivas ficam alocadas são utilizados por pessoas que colocam cangas, cadeiras e guarda-sóis.

Como não há escolinhas durante o final de semana, as traves que estão instaladas nas areias e postes para colocar redes de vôlei são utilizadas pela população. O esporte mais praticado nesse momento é o futevôlei. Podemos perceber, também, um grande número de pessoas jogando frescobol.

Na parte da noite, a praia recebe um grande número de pessoas passeando, namorando ou andando de *skate* e patins. Diferentemente dos dias de semana, os adeptos a essas práticas estão em maior quantidade do que os que a procuram para uma caminhada com fins esportivos. As areias recebem muitos grupos que se reúnem para conversar, tocar violão ou fazer um piquenique. Para os quiosques são os dias mais movimentados.

No domingo, a Avenida Dante Micheline, que acompanha toda a orla, tem a via mais próxima ao calçadão interditada (interdição do trânsito de veículos) para a prática de exercícios físicos e lazer da população, entre as 7h e as 13h. No início, quando a avenida começou a ser interditada, houve certa resistência da população local e a utilização era tímida. Os usuários continuavam utilizando o calçadão, porém, aos poucos, a iniciativa começou a mobilizar as pessoas e houve grande aumento na utilização das faixas interditadas. Hoje, o fechamento da rua proporciona um ótimo local de lazer e divertimento para os moradores de Vitória e cidades vizinhas, principalmente para as crianças, que adoram brincar no espaço que durante a semana é dominado pelos carros. Esse projeto tem o nome de Rua de Lazer e acontece também em outras vias da cidade.

Por conta dessa ação, aos domingos, a praia atrai uma grande quantidade de pessoas. Na parte da manhã, todas as suas áreas estão sendo largamente utilizadas. Os banhistas ocupam a parte referente ao mar e a faixa de areia mais próxima. Indo em direção ao calçadão, estão os praticantes de futebol de areia, vôlei, futevôlei, frescobol. Os corredores, caminhantes, *skatistas*, patinadores, crianças, animais e os que procuram um passeio domingo de manhã utilizam o calçadão e a avenida interditada.

Quando a Dante Micheline é liberada, o sol já espantou muitas pessoas e a hora do almoço fez com que muitos deixassem a praia. Entramos na tarde. O local, antes muito movimentado, tem uma baixa populacional, porém ainda permanecem muitas pessoas nas duas faixas de areia, aproveitando o final de semana.

O período da noite muito se assemelha ao de sábado, mas com a movimentação acabando um pouco mais cedo, em decorrência do dia seguinte ser uma segunda-feira.

2.3.1 – Velocidade / Lentidão

Durante uma caminhada no calçadão, muitas pessoas passam correndo, andando de *skate*, patins e bicicleta ao nosso lado. Quando a movimentação está alta, parece que todo esse dinamismo nos faz andar mais apressadamente, a sensação é que não devemos ficar parados ali naquele local. O ambiente e tudo o que está acontecendo ali nos colocam em movimento. Ficar parado no calçadão parece não ser uma opção.

Em conversa com alguns frequentadores que vão caminhar ou correr, eles comentam que quando estão se exercitando e veem uma pessoa mais velha ou que está acima do peso passando por eles, apressam o passo, aceleram um pouco mais para passar novamente aquela pessoa. Esses acontecimentos são uma forma de incentivo e metas dentro da atividade.

Descendo para a areia, o ritmo das assessorias esportivas presentes na praia também é acelerado. A maioria dos exercícios coloca as pessoas em movimento, correndo, agachando, saltando. Os gritos dos professores de “VAMOS”, “MAIS RÁPIDO”, “CORRE” incentivam não só os alunos, mas também aqueles que estão passando ali perto na hora que são bradados.

Principalmente na parte da manhã, quando os frequentadores da praia vão, quase que em sua maioria, para praticar alguma atividade física, o ambiente que se forma produz a sensação de que precisamos também nos movimentar. Durante o campo em que eu precisava sentar nos bancos para escrever algo, tinha ao meu lado pessoas fazendo abdominais, flexões e exercícios de estabilização. Eu era um dos poucos que não estava praticando algum esporte.

Desci para perto da água e lá também não era muito diferente. Estavam os nadadores, a turma da hidroginástica e as pessoas que optavam por correr na areia. Dentro da água estavam as canoas havaianas e os gritos de seus instrutores para coordenar a remada e deixá-la o máximo possível sincronizada.

Essa sensação/necessidade de se colocar em movimento, de fazer alguma atividade, nem que seja uma caminhada, já não acontece com tanta veemência e energia na parte da noite. Os usos são mais variados. Junto com

os atletas há casais, turistas, pessoas passeando, paradas nos carrinhos de água de côco, nos quiosques, sentadas nos bancos, grupos nas areias, fazendo com que a dinâmica e o ritmo da orla sejam muito variados e não somente o acelerado. Eles se misturam ao longo de todas as áreas da orla. Mesmo no calçadão e na faixa de areia próxima, locais onde as atividades são mais intensas, encontramos pessoas num tempo mais lento, conversando, sentadas, brincando com crianças e animais, batendo fotos, comendo, observando a movimentação.

Na parte da tarde, durante a semana, a praia recebe muitos casais de jovens que vão atrás de um local para namorar. Alguns bancos que estão com sombra e debaixo dos coqueiros e castanheiras que existem na orla são os locais preferidos. Ficam ali aproveitando o visual, o vento fresco que sopra do mar e a companhia.

Apesar de a Orla estar próxima a uma grande avenida da cidade, pouco se ouve o barulho dos carros. Podemos estar correndo, caminhando, andando de bicicleta, ou admirando o mar. Em todas as situações, o barulho rotineiro da cidade não chega até ali. Nossa atenção é desviada para a avenida apenas quando há uma freada mais brusca ou um grande barulho, fora isso, o mar, a areia, os frequentadores, a brisa, o frescor são mais interessantes e agradáveis. Acabamos imergindo nas sensações, emoções e atrativos visuais e sensitivos que nos arrebatam, consumindo toda nossa atenção.

Muitos utilizam a praia na parte da tarde como local de descanso, deitam em cangas, nos bancos, ou em cadeiras de praia, alguns leem livros, revistas ou jornais. Na parte da tarde, há também os *skatistas* que utilizam a pista construída no quinto bolsão de estacionamento. Apesar da velocidade que eles alcançam descendo das rampas e da agilidade com que fazem as manobras, o local é bem tranquilo e sossegado. Muitos vão mais para conversar e ver alguns amigos do que para andar de *skate*.

No final de semana, quando a Avenida Dante Micheline é interditada, ela fica constantemente com um fluxo lento, pois é dividida para trafegar automóveis nos dois sentidos. Esse fato faz com que o trânsito não seja tão sentido, ou que ele interfira na experiência de quem ali está se divertindo. As pessoas que andam de bicicleta e *skate* passam mais rápido do nosso lado do que os carros na outra mão.

De madrugada, quando a praia está vazia e o número de carros é reduzido, estes passam a ser bastante percebidos, pois trafegam em alta velocidade, algumas vezes realizando pegadas e corridas.

2.3.2 – Impessoalidade / Sociabilidade

A orla de Camburi, pelos diferentes tipos de uso que ela possibilita, acarreta, também, diferentes formas de sociabilidade e impessoalidade. Durante uma caminhada pelo calçadão, podemos perceber que muitos que estão correndo ou caminhando passam por pessoas conhecidas e fazem acenos com a mão ou cabeça, ou falam algumas palavras de saudação e continuam suas atividades. Essa prática é algo comum.

Conversando com algumas pessoas, elas disseram que uns são conhecidos do dia a dia e outros da praia mesmo. Por irem sempre praticar atividades físicas, passam por corredores que estão todos os dias ali também. Um, em conversa, relatou que quando se corre com frequência na orla, você acaba conhecendo diversas pessoas que correm também e os adeptos dessa modalidade são muito acolhedores e amigáveis. Ele atribuiu essa união às inúmeras corridas de rua que acontecem pela cidade de Vitória que, muitas vezes, ocorrem aos domingos e na orla mesmo. Essas ações ajudam na aproximação desses praticantes.

Outro fato que chama a atenção é que muitos estão com fones de ouvido, acessório usual para quem pratica alguma atividade física, porém eles não estão querendo evitar aquele lugar ou as pessoas que ali estão. Utilizam para passar mais rápido aquele momento, para distrair enquanto estão correndo ou para animar o exercício. Mesmo com o fone, as pessoas não se furtavam dos cumprimentos. Na parte reformada da orla, há mais ocorrência desses acenos, porém eles estão presentes em todo o calçadão.

Outro lugar em que acontece esse tipo de ação é no mar. Existem muitas escolinhas de canoa havaiana na praia de Camburi e na praia ao lado, a Curva da Jurema. Durante as aulas, pela manhã, quando as canoas passam umas pelas outras, todos gritam “BOM DIA CANOOOA”, como forma de cumprimento e respeito por aqueles que praticam o mesmo esporte. Essas

saudações acontecem, também, quando passam por pessoas de *stand up paddle*.

Pela manhã, muitos vão nadar. Existe uma ilha, denominada Socó, que fica a cerca de 350m da praia. Muitos vão até ela a nado, descansam e depois voltam. Em conversa com um grupo que faz esse trajeto, descobri que eles se reúnem todos os dias para nadar ali e que tentam sempre convidar e atrair mais pessoas. Eles fazem ações para preservação da ilha e da praia, para não sujarem ou matarem a vegetação que ali cresce. Promovem eventos que reúnem uma grande quantidade de nadadores e fazem esse percurso para mostrarem e chamarem a atenção para a preservação e cuidado com a ilha. Algumas vezes, essa mobilização conta com a participação das escolinhas de canoa havaiana e dos praticantes de *stand up paddle*.

Um ponto de grande concentração de pessoas na parte da manhã é o SOE, tanto no de Jardim da Penha quanto no de Jardim Camburi. Aos poucos, as pessoas vão chegando e se juntando próximas ao quiosque esperando o começo das aulas. Quando é ginástica localizada, eles vão pegando os colchonetes, pesos e caneleiras e se alocando no *deck* de madeira destinado a essas atividades. A maioria dos alunos chega a pé e mora nos bairros próximos. Enquanto esperam, muitos ficam conversando, criam-se grupos que muitas vezes se conhecem ali mesmo, na hora, ou se conheceram em outras aulas.

Todas as aulas, além do benefício de estar praticando um exercício, têm essa integração e socialização entre os alunos. A que mais se destaca é a de hidroginástica que acontece no mar. Entre 6h45 e 7h, começam a chegar à praia pessoas, a maioria idosos, trajando suas roupas de banho, touca e, embaixo do braço, uma boia tipo espaguete. Participam dessa aula em média 50 pessoas. Todos chegam muito sorridentes, alegres, falantes, cumprimentando, abraçando todos que ali já estão. Eles fazem um aquecimento na areia, deixam os pertences em um local onde fica um responsável vigiando e vão todos para o mar.

Perto do SOE tem a academia popular para pessoa idosa. No início da manhã e na parte da noite ela recebe muitos frequentadores, porém, com usos diferentes. Na parte da manhã, muitos vão para fazer exercícios, encontrar com os amigos e tomar uma água de côco em seguida. Esse local é um ponto de

encontro entre pessoas mais velhas. Os exercícios são feitos sempre com bom humor e alegria. Já na parte da noite, em que o público no calçadão é mais diversificado, esse local ganha uma nova utilidade: ele vira um grande parquinho para as crianças. Como na praia não tem área destinada para elas com gangorras, balanços, gira-gira, elas se apropriam desse espaço e o transformam num *playground*. Quando chega alguém querendo utilizar um aparelho, as pessoas são sempre muito respeitosas e cordiais. As mães retiram as crianças ou a própria pessoa conversa gentilmente com quem está brincando e pede para usar por um momento.

Existem diversos carrinhos vendendo água de côco ao longo do calçadão, porém um em especial chama bastante atenção. Ele fica localizado no primeiro bolsão de estacionamento e tem mais clientes do que todos os outros. Constantemente ele fica com fila e muitas pessoas ao redor. Isso porque ele é um dos mais baratos da praia e também porque ele disponibiliza, para os fregueses, colheres envoltas em guardanapos e colocadas dentro de uma sacola de *chup-chup*, para quem quiser comer o côco aberto. O freguês pode pegar quantos côcos quiser para comer a massa, mesmo sem comprar a água. Ele também leva um reservatório com água para as pessoas lavarem a mão e ainda oferece papel toalha, sabão líquido e álcool em gel para a higienização completa.

Por todos esses cuidados e zelos com os clientes, esse carrinho de côco, em especial, tornou-se um grande ponto de concentração e encontro da praia de Camburi. Muitos marcam de se encontrar para beber água de côco e depois começar o exercício, ou finalizam ali, para repor as energias. Na parte da tarde, quando a movimentação é bem reduzida, grupos de pessoas chegam, a pé ou de carro, apenas para comprar um côco e conversar um pouco, aproveitando o frescor da praia.

Um local de grande destaque na orla é a pista de *skate*. Seus frequentadores, na maioria jovens, dão muita utilidade para o local. Assim como em outros esportes existentes na praia, podemos encontrar ali quem está começando a prática, passando pelos que já andam há um tempo e já sabem algumas manobras, até chegar aos que já dominam a arte do *skate*. Percebemos que os mais velhos e experientes têm muita paciência e interesse em ensinar os iniciantes ou mais novos. Conversando com um grupo que

estava descansando na sombra de uma árvore ao lado da pista, eles disseram que conheceram os frequentadores do local ali mesmo, andando de *skate*, e que quando chega alguém novo eles tentam enturmá-lo e o apresentam a todos. Se é alguém que está começando a andar de *skate*, eles ensinam algumas técnicas e manobras fáceis de serem realizadas.

Na parte que não está reformada, os pontos de maior concentração são o SOE, como já relatado, os quiosques que existem nessa região e um campo de futebol, onde diversos jogos tradicionais acontecem em dias específicos. Principalmente aos sábados e domingos, uma mesma turma se reúne há anos para jogar bola pela manhã. Nessa área, quem movimenta a região são os moradores do bairro vizinho de frente, Jardim Camburi. Esse lado da praia não costuma receber muitos turistas ou pessoas de outras regiões, porém os que moram perto utilizam com bastante frequência e intensidade os equipamentos urbanos oferecidos nessa localidade.

Quando a praia está em seus horários de intensa utilização, o calçadão e a faixa de areia próxima a ele parecem se misturar em um único grande ambiente, pois as assessorias esportivas estão montadas e seus alunos se exercitando; há pessoas correndo, andando passeando, jogando, transitando, sentadas, conversando, brincando com crianças e animais. Os dois espaços se entrelaçam pelos usos que são comuns e pela quantidade de pessoas.

Nos finais de semana, a orla é um local escolhido por muitos grupos para se reunirem e aproveitarem uma parte do final de semana. Percebemos que as pessoas que vão pelo sol e pela água estão quase sempre em turmas ou em família, porém a relação entre esses grupos pouco acontece. As conversas e contatos de pessoas que não se conhecem ocorrem mais quando há crianças envolvidas, às vezes se estendendo para os responsáveis.

A área menos frequentada e com um menor volume de pessoas é a que fica na parte não reformada, compreendendo desde a pista de *skate* até o início do bairro Jardim Camburi.

2.3.3 – Insegurança / Segurança

Assim como diversas áreas da cidade, na parte da noite, após as 22h, a Orla de Camburi se encontra com um número ínfimo de pessoas, caindo a quase zero nas horas subsequentes. Ficam na praia apenas aqueles que a utilizam como dormitório, montando suas barracas de *camping* na areia. Nesse momento, andar pelo calçadão é algo que gera uma sensação de temor, pois existem muitas ocorrências de assaltos na orla depois das 22h.

Outro fator que causa preocupação nesse horário são os carros que passam muito acima da velocidade permitida para a via (60km/h), além de ultrapassarem vários sinais vermelhos. Como em alguns dias da semana acontece o forró no K1, além das pessoas que vão para os quiosques que ficam abertos até mais tarde ou nos restaurantes que existem do outro lado da Avenida Dante Micheline, há certa movimentação até perto de meia-noite. Nesse horário, pessoas que precisam atravessar a avenida se deparam, muitas vezes, com essas imprudências.

Durante o período de maior movimentação da Orla, os corredores, caminhantes, *skatistas* e patinadores têm que dividir o mesmo espaço, que se torna pequeno para o tanto de frequentadores. As pessoas com *skate* e patins passam muito rápido e próximas às que estão correndo ou caminhando, gerando uma grande apreensão entre estes, que temem um acidente. Pensando em uma forma de melhorar o uso compartilhado do calçadão, a prefeitura pintou uma faixa que divide o local em duas áreas (Figura 12): uma destinada àqueles que querem correr, andar, passear, caminhar com amigos, animais, família, e outra para os *skatistas*, patinadores, ou qualquer pessoa que queira utilizar outro acessório com rodas.



Figura 12: Mosaico evidenciando a divisão do Calçadão na Orla de Camburi.
Fonte: Fotografadas pelo autor

Mesmo com essa marcação, os frequentadores do calçadão ainda convivem com certa perturbação quanto a esse assunto, pois, quando lotado, muitos caminham e correm próximo ao limite demarcado, ficando expostos ao risco de alguém se desequilibrar, perder o controle ou até mesmo sair por um instante de sua área, em alta velocidade, e gerar um acidente.

Outro fluxo de insegurança na orla de Camburi está relacionado à saúde dos frequentadores. Apesar de as últimas medições terem indicado que apenas um local da praia não apresenta balneabilidade adequada, a parte que fica em frente à Avenida Adalberto Simão Nader, a população parece não acreditar, haja vista o histórico da região. Já houve épocas em que quase toda a praia estava imprópria para banho e, de vez em quando, no jornal regional,

há matérias mostrando que na altura de Jardim Camburi ainda existem manilhas liberando esgoto nas águas da praia. Durante entrevistas, muitos diziam não confiar ou não ter coragem de se banhar em Camburi, porém, no final de semana, a praia recebe uma grande quantidade de banhistas.

Na parte que está entre a pista de *skate* e o bairro Jardim Camburi, além da grande faixa de restinga e de não haver qualquer habitação do outro lado da rua, há, no calçadão, grandes árvores que bloqueiam a luz dos poucos refletores que existem no local, deixando esse trecho muitas vezes às escuras. Ao caminhar por toda a praia, é nítida a diferença de luminosidade e de pessoas nessa área. Os bancos que ali existem pouco são utilizados, e não há vendedores de côco. É um grande hiato da orla, muito em função de estar cercada por duas áreas de preservação, a restinga (na areia da praia) e a área que pertence ao aeroporto (localizada na calçada oposta ao calçadão) que não pode ter nenhuma edificação.

Algo que incomoda e gera sensação de insegurança aos frequentadores da praia de Camburi é a falta de guarda-vidas. Eles podem ser observados somente durante o verão, porém as praias são largamente utilizadas por banhistas o ano inteiro. Nas outras épocas do ano, os frequentadores ficam desassistidos desse fundamental serviço. É raro acontecer de alguém se afogar na praia de Camburi, pois ela não é muito agitada ou ondulosa, contudo as pessoas com as quais conversamos apontaram essa falta de guarda-vidas como um fator de insegurança na praia.

Apesar desses problemas e questões, a praia é um local que causa sensação de segurança em boa parte do dia. Desde bem cedo já estão presentes muitas pessoas movimentando a região. Na parte da tarde, em que a quantidade de pessoas é bem reduzida, o local não acarreta em seus frequentadores qualquer sentimento ou sensação de medo, insegurança, inquietação ou coisa do tipo. Pelo contrário, é um local extremamente sossegado, tranquilo e relaxante. Muitos que querem sair por um breve momento da correria e agitação do dia a dia acham um bom refúgio na orla de Camburi.

Na parte da noite, durante o período de grande utilização, o local também transparece muita segurança. Existem muitos policiais que fazem rondas a pé e de bicicleta, dando uma maior sensação de segurança e

tranquilidade aos frequentadores. Durante essa primeira semana de campo, não presenciei nenhuma ocorrência ou atividade em que os policiais, ou até mesmo a própria população, precisassem agir ou interferir.

2.4 – Relatos de Campo: Segunda Semana (Orla de Camburi)

O período da segunda semana de campo na orla de Camburi foi bem próximo ao verão e coincidiu com a primeira semana de férias escolares. Com isso, a movimentação na Orla sofreu algumas modificações, começando pela utilização da faixa de areia mais afastada do calçadão. Quando cheguei a Camburi, segunda-feira, dia 14 de dezembro, algo que eu não presenciei na primeira semana me saltou aos olhos. A grande quantidade de pessoas que estava na praia para se banhar e tomar sol. Havia muitas sombrinhas, cangas, cadeiras e pessoas aproveitando a praia.

A movimentação nessa seção era tanta que o calçadão, que antes atraía maior número de pessoas no período da manhã, naquele momento dividia a preferência com a segunda faixa de areia, mais próxima ao mar. Por volta de 9h, é quando podemos perceber um número maior de pessoas aproveitando a faixa de areia perto do mar.

Na parte da tarde, há uma movimentação maior também nos quiosques, no calçadão e na primeira faixa de areia. Há a presença de mais pessoas caminhando com namorado/as e amigos, procurando por sombras e carrinhos de água de côco para conversar e se refrescar. Há pessoas andando de *skate*, patins e bicicleta.

À noite, percebemos que o número de vendedores na praia aumentou consideravelmente, além de água de côco e milho havia pessoas vendendo cuscuz, doces, uma grande barraca de acarajé, churros, cachorro quente, hambúrguer, até uma moça com uma banca de artesanato pôde ser observada naquela semana.

O número de pessoas andando em grupos era consideravelmente maior em todos os horários do dia. Principalmente no período da noite, quando

as assessorias esportivas ficavam apertadas em meio a vários grupos que sentavam na areia para conversar, para praticar *slackline* ou jogar futevôlei. Além disso, a movimentação no período da noite se estendeu até perto de 22h, que foi quando as pessoas começaram a esvaziar a praia.

Os SOEs e as aulas continuaram como na primeira semana, pois os frequentadores dessas atividades não alteraram sua rotina nas férias escolares (os frequentadores são em sua maioria idosos). A aula que teve um ligeiro aumento de participantes foi a de capoeira, que é atividade em que mais percebemos variações nas faixas etárias dos praticantes das aulas oferecidas pelo SOE.

A pista de *skate* foi outra atividade em que percebemos mudanças em comparação com a primeira semana observada. Notamos que houve aumento na utilização de grupos mais diversos, pessoas aprendendo o esporte e grande rotatividade no local. A ampla coletividade que existia entre os *skatistas* neste local sofreu com esse intenso rodízio, pois muitos que chegavam não conheciam ninguém e ficavam pouco tempo, ou não tinham o mesmo espírito de colaboração e socialização que os frequentadores assíduos adotavam. Porém todos aproveitavam a pista sem problemas ou confrontos.

Na praia, assim como na Avenida Jerônimo Monteiro, existem os roteadores da prefeitura com *Wi-Fi* liberados para a população. Nessa segunda semana, o número de pessoas sentadas nos bancos ou nas areias mexendo no celular cresceu exponencialmente. O celular, que antes era utilizado para ouvir música durante o exercício ou para tirar algumas fotos, agora passa a ser objeto muito visto na mão de diversos frequentadores da Orla.

Nessa semana, observamos que havia salva-vidas ao longo da parte reformada da praia, onde normalmente as pessoas costumam entrar na água. Conversei com alguns frequentadores sobre a possibilidade da praia de Camburi estar poluída e se eles tinham coragem de entrar na água. Alguns responderam que não têm coragem, outros disseram que acham que a praia nunca esteve própria para banho, mas que mesmo assim entram no mar e nunca aconteceu nada.

Durante essa semana, estava ocorrendo um campeonato de vôlei de praia em Camburi. Era o Circuito Capixaba de Vôlei de Praia. Esses jogos atraem muitos espectadores. Foi montada uma grande arena na faixa de areia

próxima ao calçadão e, durante a sexta, sábado e domingo, ocorreram os jogos. Vitória todo ano sedia uma etapa do circuito brasileiro de vôlei de praia, além de desafios internacionais e eventos estaduais.

No domingo, ocorreu uma corrida de rua, atraindo uma grande quantidade de esportistas profissionais e amadores. A parte da Avenida Dante Micheline que é interrompida para os carros foi dividida, ficando metade da pista destinada aos corredores e a outra para os cidadãos que vão aproveitar a rua de lazer. Essas corridas acontecem com bastante frequência na cidade de Vitória, e a Orla sedia muitas delas.

O evento de corrida mais parecia uma grande reunião de amigos. Muitos abraços, sorrisos, conversas, brincadeiras, gargalhadas. Parecia que tinham todos marcado de correr num domingo de manhã. Esse fato me fez lembrar da conversa que tive com alguns corredores na primeira semana, quando disseram que essas corridas estreitam os laços de amizade entre as pessoas que praticam esse esporte e são momentos de se fazer novas amizades.

Durante toda a corrida, assim como observamos no calçadão, quando existem muitas pessoas praticando esse esporte, os acenos e cumprimentos são muito frequentes. Algumas vezes, os atletas se encontram no meio da prova e vão correndo por um tempo juntos, conversando e depois se separam novamente.

O período do verão é quando as assessorias ficam com mais alunos, os esportes náuticos que são praticados na praia passam a ser mais notados e as escolinhas, dos mais variados esportes, recebem um grande número de novas matrículas. A praia de Camburi é um local bastante agitado e movimentado nesse período de férias, verão, final do ano. A praia nessa segunda semana passou a ser um local de grande diversidade durante todo o seu dia, não havendo mais horário em que a atividade física imperasse com tanto domínio.

No amanhecer, quem começa a ocupar a praia são os corredores, ciclistas e caminhantes, porém, logo em seguida, perto de 8h, os banhistas começam a chegar, diversificando os usos.

A Orla, nessa semana, recebeu um grande contingente de pessoas. Entretanto, além dessas mudanças relatadas, também se intensificaram os

processos observados e descobertos na primeira semana de campo. Passou-se a ter mais pessoas caminhando e correndo, passeando, andando de bicicleta, namorando, passeando com animais e com crianças. Os locais comerciais passaram a ficar mais cheios e achar um banco vazio nos horários de grande movimentação era algo difícil. Até os que ficavam localizados na parte mais escura e menos movimentada da praia, entre a pista de *skate* e Jardim Camburi, eram utilizados.

CAPÍTULO 03

O QUE NOS TOCOU

“Um objeto ou lugar atinge realidade concreta quando nossa experiência com ele é total, isto é, mediante todos os sentidos, como também com a mente ativa e reflexiva. Quando residimos por muito tempo em determinado lugar, podemos conhecê-lo intimamente, porém a sua imagem pode não ser nítida, a menos que possamos também vê-lo de fora e pensemos em nossa experiência” (TUAN, 2013, p. 29).

Após as experiências em campo, as conversas, passagens, encontros, desencontros, vozes, sentidos, sensações, emoções, relatos, histórias, casos e acasos que a Avenida Jerônimo Monteiro e a Orla de Camburi nos proporcionaram, faremos neste capítulo o que o geógrafo sino-americano Yi-Fu Tuan (2013) sinaliza como sendo um passo importante para o conhecimento do lugar, na frase de abertura deste capítulo. Percorreremos nossos dados de campo para refletir no significado do que nos aconteceu, nos passou, nos tocou.

Apesar dos relatos de campo terem sido feitos de forma separada para os três pares de fluxos que este trabalho investiga, eles não se manifestam de maneiras isoladas. Estão todos presentes no espaço urbano de forma imbricada, coexistindo e se relacionando com tantos outros.

Durante essas quatro semanas de imersão nas duas áreas de estudo, vivenciamos, presenciamos e observamos muitas formas como os fluxos estudados neste trabalho coabitaram a cidade e fizeram parte de nossas experiências. Na Figura 13, estão registradas algumas situações e ações que identificamos em campo como sendo representativas desses processos. Ao participarmos de um desses momentos e ocorrências, ou observarmos que ao redor existiam pessoas nessas condições e circunstâncias, contabilizávamos como sendo uma manifestação dos fluxos investigados.

Velocidade	Barulho de carros, movimentação apressada ao redor, andar acelerado e veloz, pressa, agilidade, urgência.
Lentidão	Descanso, repouso, pausa, contemplação, lentidão forçada.
Impessoalidade	Não responder a cumprimentos e abordagens, descortesia, indiferença, uso constante de celular e/ou fones de ouvidos, indelicadeza, grosseria e ignorância.
Sociabilidade	Acenos, breves conversas, cumprimentos, longas conversas, saudações afetuosas com abraços, beijos, brincadeiras.
Segurança	Presença de agentes de segurança pública (policiais, guarda-vidas, guardas de trânsito, seguranças particulares), presença de outras pessoas, grande movimentação, confiança, serenidade e tranquilidade.
Insegurança	Estado de vigilância, apreensão, medo

Figura 13: Tabela de categorização das formas de manifestações dos fluxos.

Fonte: Elaborada pelo autor

3.1 – Fluxos de Experiência na Avenida Jerônimo Monteiro

A Avenida Jerônimo Monteiro, como foi descrito nos relatos de campo, é amplamente dominada pelos espaços comerciais. A maioria das pessoas que transita todos os dias pelas suas calçadas, lojas, praças e escritórios, é, em grande parte, moradora de outros bairros e cidades. Esse fato transforma a avenida em um local de grande movimentação nos horários em que as lojas estão em pleno funcionamento, causando um esvaziamento após as 19h horas e finais de semana.

Percebemos que é no período da tarde, durante a semana, que a avenida recebe mais pessoas, é mais movimentada e também em que acontece o maior número de manifestações dos fluxos, haja vista que, durante todo esse horário, as lojas estão abertas e em pleno funcionamento. O

segundo em número de pessoas e manifestação dos fluxos é o período matutino, seguido pelo noturno. Podemos observar esses dados nas tabelas que seguem, mostrando a quantidade absoluta de ocorrências de ocasiões de velocidade e lentidão, impessoalidade e sociabilidade, insegurança e segurança.

TABELAS DE OCORRÊNCIAS DOS FLUXOS NA AVENIDA JERÔNIMO MONTEIRO

VELOCIDADE				
	semana 01			TOTAL SEMANA 01
	MANHÃ	TARDE	NOITE	
SEGUNDA	72	95	28	1057
TERÇA	72	70	27	
QUARTA	63	88	30	
QUINTA	64	82	29	
SEXTA	64	71	38	
SABADO	59	28	39	
DOMINGO	13	6	19	
TOTAL	407	440	210	
	semana 02			TOTAL SEMANA 02
	MANHÃ	TARDE	NOITE	
SEGUNDA	72	77	36	1204
TERÇA	78	80	26	
QUARTA	86	89	31	
QUINTA	70	104	33	
SEXTA	85	89	33	
SABADO	89	43	35	
DOMINGO	19	9	20	
TOTAL	499	491	214	
TOTAL				2261
LENTIDÃO				
	semana 01			TOTAL semana 01
	MANHÃ	TARDE	NOITE	
SEGUNDA	100	124	33	1663
TERÇA	90	128	30	
QUARTA	118	126	74	
QUINTA	107	138	76	
SEXTA	98	132	41	
SABADO	66	57	42	
DOMINGO	46	24	13	
TOTAL	625	729	309	
	semana 02			TOTAL semana 02
	MANHÃ	TARDE	NOITE	
SEGUNDA	91	128	33	1609
TERÇA	88	136	42	
QUARTA	84	110	47	
QUINTA	106	135	52	
SEXTA	88	122	58	
SABADO	88	85	33	
DOMINGO	41	31	11	
TOTAL	586	747	276	
TOTAL				3272

Figura 14: Tabela de ocorrências dos fluxos de Velocidade e Lentidão na Avenida Jerônimo Monteiro.
Fonte: Elaborada pelo autor

IMPESSOALIDADE				
	semana 01			TOTAL semana 01
	MANHÃ	TARDE	NOITE	
SEGUNDA	63	75	27	1012
TERÇA	53	103	37	
QUARTA	62	67	25	
QUINTA	41	71	39	
SEXTA	71	89	34	
SABADO	55	36	20	
DOMINGO	25	10	9	
TOTAL	370	451	191	
	semana 02			TOTAL semana 02
	MANHÃ	TARDE	NOITE	
SEGUNDA	79	94	32	1159
TERÇA	80	105	27	
QUARTA	70	94	33	
QUINTA	75	93	36	
SEXTA	77	86	34	
SABADO	54	46	13	
DOMINGO	14	11	6	
TOTAL	449	529	181	
TOTAL				2171
SOCIABILIDADE				
	semana 01			TOTAL semana 01
	MANHÃ	TARDE	NOITE	
SEGUNDA	85	98	54	1508
TERÇA	95	99	64	
QUARTA	84	101	62	
QUINTA	90	104	64	
SEXTA	85	94	42	
SABADO	78	57	46	
DOMINGO	59	31	16	
TOTAL	576	584	348	
	semana 02			TOTAL semana 02
	MANHÃ	TARDE	NOITE	
SEGUNDA	84	93	60	1481
TERÇA	84	103	54	
QUARTA	81	89	54	
QUINTA	93	107	63	
SEXTA	85	97	51	
SABADO	99	56	41	
DOMINGO	46	28	13	
TOTAL	572	573	336	
TOTAL				2989

Figura 15: Tabela de ocorrência dos fluxos de Impessoalidade e Sociabilidade na Avenida Jerônimo Monteiro.
Fonte: Elaborada pelo autor

SEGURANÇA				
	semana 01			TOTAL semana 01
	MANHÃ	TARDE	NOITE	
SEGUNDA	53	90	28	1054
TERÇA	51	82	34	
QUARTA	43	78	36	
QUINTA	55	89	46	
SEXTA	55	74	30	
SABADO	57	47	41	
DOMINGO	36	21	8	
TOTAL	350	481	223	
	semana 02			TOTAL semana 02
	MANHÃ	TARDE	NOITE	
SEGUNDA	59	88	37	1091
TERÇA	61	88	39	
QUARTA	54	81	33	
QUINTA	57	81	38	
SEXTA	55	75	42	
SABADO	53	47	32	
DOMINGO	35	21	15	
TOTAL	374	481	236	
TOTAL				2145
INSEGURANÇA				
	semana 01			TOTAL semana 01
	MANHÃ	TARDE	NOITE	
SEGUNDA	31	24	34	596
TERÇA	30	31	30	
QUARTA	37	28	41	
QUINTA	31	26	37	
SEXTA	32	28	30	
SABADO	20	30	31	
DOMINGO	15	17	13	
TOTAL	196	184	216	
	semana 02			TOTAL semana 02
	MANHÃ	TARDE	NOITE	
SEGUNDA	27	22	25	523
TERÇA	29	28	23	
QUARTA	30	26	27	
QUINTA	24	29	31	
SEXTA	27	31	37	
SABADO	21	24	29	
DOMINGO	14	14	5	
TOTAL	172	174	177	
TOTAL				1119

Figura 16: Tabela de ocorrências dos fluxos de Insegurança e Segurança na Avenida Jerônimo Monteiro.
Fonte: Elaborada pelo autor

A partir da análise das tabelas, é possível observar que, no período da noite, a queda no número de ocorrências dos fluxos de velocidade e lentidão, impessoalidade e segurança é superior aos 50%. Esse fato é reflexo do esvaziamento que acontece na avenida nesse horário. Para o fluxo de sociabilidade, essa redução também é significativa, ficando próxima aos 50%. O único que se mantém estável, durante todo o dia, apresentando pequenas variações, é o fluxo de insegurança. Apesar dessa semelhança, o tipo de fluxo de insegurança varia nos diferentes horários do dia.

Nos horários em que o dia ainda se inicia, em que a movimentação de pessoas ainda é pequena e no período da noite, quando as lojas já fecharam e os moradores já não circulam mais, nota-se que há um aumento na sensação de medo, haja vista a insegurança e a falta de movimentação na avenida. Bauman (2008) descreveu esse sentimento como sendo “o nome que damos a nossa *incerteza*” (BAUMAN, 2008, p. 8). Esse período é justamente isso, incerto. São muitos casos, acontecimentos e ocorrências de assaltos, arrombamentos e furtos que ocorriam, principalmente, antes do projeto de renovação do Centro Histórico de Vitória.

Já na segunda metade da manhã e na parte da tarde, em que as lojas estão abertas e a movimentação é constante, a sensação de medo não se faz presente, mas sim o estado de vigilância. Notamos pessoas atentas ao celular, à carteira, andando com as bolsas na parte da frente e junto ao corpo para passar nos locais com maior aglomeração de pessoas. Outro fato que causa certo receio e faz muitos ficarem atentos é o trânsito que, como descrito nos relatos de campo, é intenso e bem próximo das estreitas calçadas.

Apesar desses fatos sobre a insegurança, esse não é o fluxo de maior incidência no período noturno, isso porque não são muitas as pessoas que ficam transitando nas partes mais escuras. O fluxo que se destaca neste período é o de sociabilidade, haja vista que a concentração das pessoas nesse horário acontece no eixo Theatro Carlos Gomes, Praça Costa Pereira e SESC-Glória. Neste local, há a feirinha, com barraquinhas de comidas e artesanato, além dos espetáculos, que são constantes. Podemos perceber que, nas noites de quarta e quinta-feira, há um aumento nos fluxos de lentidão. Este, associado ao de sociabilidade, mostra que nos dias de apresentações das orquestras se

eleva o número de pessoas, de relacionamentos e do tempo lento que essas pessoas trazem para o local.

Jane Jacobs (2011) afirma que estas peças de xadrez, “devem ser colocadas para fortalecer e ampliar a vitalidade existente e também ajudar a equilibrar, nos locais estratégicos, os desequilíbrios de horários existentes” (JACOBS, 2011, p. 185). Os eventos culturais que acontecem no Centro de Vitória e que estão se disseminando e crescendo em número de ocorrências e de participantes vêm ajudando na finalidade de levar pessoas a esse local que se voltou “predominantemente para o comércio e tem muito pouca gente depois do horário comercial” (JACOBS, 2011, p. 181)

Essas atrações ajudam o Centro a ter outros tipos de apropriações em horários que não somente o das lojas abertas, atraindo pessoas com intencionalidades e finalidades diversificadas, que vão além da comercial. Esse esforço é fundamental para que a cidade crie diversidade, seja um local atraente e não perigoso e vazio, pois “o total absoluto de pessoas que utiliza as ruas e a maneira como essas pessoas se distribuem ao longo do dia são duas coisas diferentes” (JACOBS, 2011, p. 167). O ideal é que sempre haja gente nas ruas, que os usos e finalidades que o local proporciona sejam variados, de modo a atrair pessoas durante todo o dia, e não uma grande concentração de pessoas apenas em um período, deixando o local deserto nos outros.

Nos finais de semana, exceto o sábado pela manhã, em que as lojas estão abertas, a ocorrência de todos os fluxos cai significativamente. Novamente, fruto de um diminuto número de pessoas movimentando o local. A utilização fica a cargo das pessoas que moram na região e alguns outros que passam por ali para chegar a bares ou estabelecimentos nas proximidades da Jerônimo Monteiro.

Apesar de ser uma rua com predominância comercial, tendo uma tendência à grande ocorrência de fluxos de velocidade e impessoalidade, podemos perceber que eles não são os mais recorrentes. Tais fluxos tiveram em torno de mil situações a menos, cada um, que os de lentidão e sociabilidade. Esse fato fica mais bem observado na Figura 17, que apresenta o grau de intensidade de cada processo.

GRÁFICO DE INTENSIDADE DE FLUXOS NA AVENIDA JERÔNIMO MONTEIRO

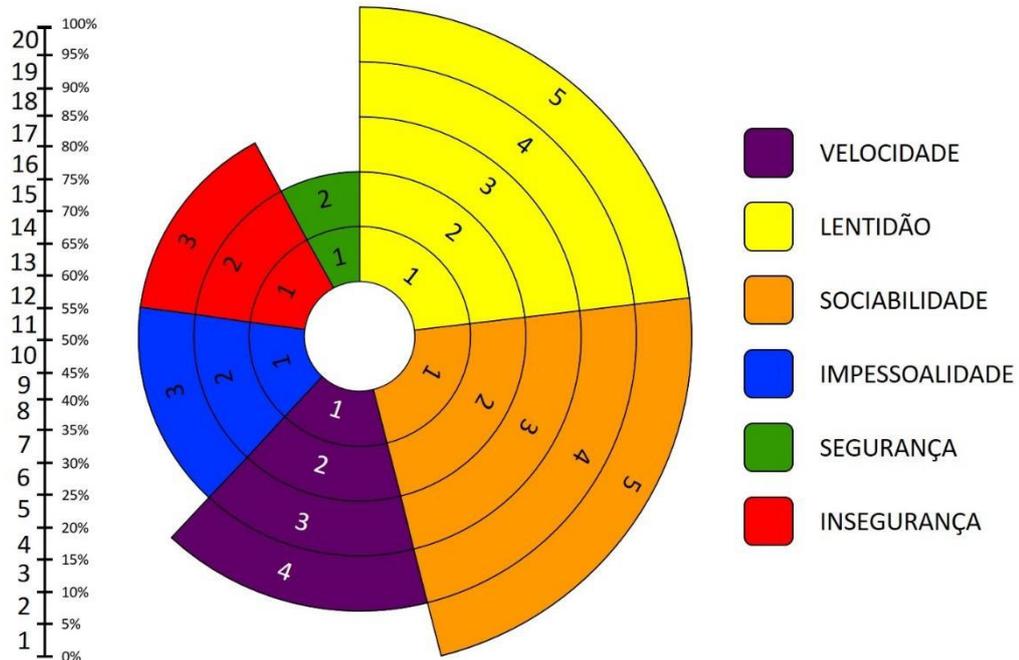


Figura 17: Gráfico de Intensidade de Fluxos na Avenida Jerônimo Monteiro.
Fonte: Elaborada pelo autor

Um fato, porém, que devemos lembrar é que a Avenida foi dividida em cinco locais de análise: calçada da direita, calçada da esquerda, Praça Costa Pereira, Praça Oito e SESC-Glória. O gráfico apresentado é a somatória de todos os processos observados nesses locais. Ele nos mostra que, na junção de todos os dados de campo, sociabilidade e lentidão têm uma intensidade maior do que velocidade e impessoalidade, mas ele não apresenta se esses fluxos são concentrados em locais específicos ou distribuídos ao longo de toda a via. Pensamos, então, numa análise individualizada para cada local que dividimos, buscando compreender melhor os fluxos estudados e demonstrar a predominância em cada divisão de análise, para comparar com os dados absolutos de cada fluxo na Avenida Jerônimo Monteiro.

Começaremos analisando a calçada da direita, local onde o vai e vem de pessoas é mais intenso, onde está localizada a maioria das lojas da avenida e os pontos de ônibus. Podemos observar, na Figura 18, os dados coletados nas duas semanas de campo sobre este local específico.

CALÇADA DA DIREITA			
FLUXOS	TOTAL	ÍNDICE	%
VELOCIDADE	699	0,26	26%
LENTIDÃO	480	0,18	18%
IMPESSOALIDADE	531	0,20	20%
SOCIABILIDADE	413	0,15	15%
SEGURANÇA	383	0,14	14%
INSEGURANÇA	210	0,08	8%
TOTAL DE FLUXOS	2716		

Figura 18: Tabela de valores absolutos de ocorrência dos fluxos (Primeira e segunda semana de campo) na calçada da direita - Avenida Jerônimo Monteiro.
Fonte: Elaborada pelo autor

Como nos mostra a tabela, nessa parte da Avenida foram observadas 2.616 ocorrências dos fluxos estudados. Percebemos que há um predomínio da velocidade, seguida da impessoalidade e da lentidão. A Figura 19 nos apresenta essa graduação de maneira visualmente mais simples.

GRÁFICO DE INTENSIDADE DE FLUXOS NA CALÇADA DA DIREITA

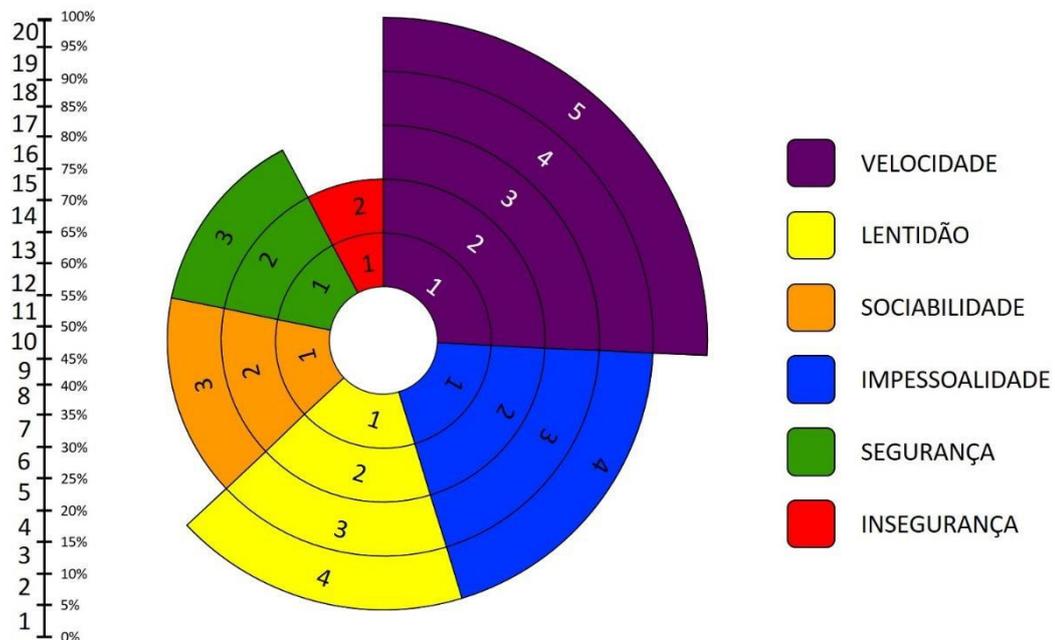


Figura 19: Gráfico de Intensidade de Fluxos na calçada da direita na Avenida Jerônimo Monteiro.
Fonte: Elaborada pelo autor

A velocidade e a impessoalidade prevalecem nessa parte, pois esse é um local predominantemente comercial, onde as pessoas estão voltadas, em sua maioria, para o consumo. Muitas pessoas seguem sempre com um andar apressado e um olhar que pouco desviam, que pouco distraem. Em muitos casos, nem percebem ou não dão atenção a quem tenta lhes entregar algum panfleto, ou alguma propaganda sobre as lojas, restaurantes, clínicas e escritórios.

Bauman (1999) apresenta uma análise dos *shoppings centers* que muito se articula às nossas análises no centro de Vitória, dizendo que:

os shoppings são construídos de forma a manter as pessoas em circulação, olhando ao redor, divertindo-se e entretendo-se sem parar – mas de forma alguma por muito tempo – com inúmeras atrações; não para encorajá-la a parar, a se olhar e conversar, a pensar em analisar e discutir alguma coisa além dos objetos em exposição – não são feitos para passar o tempo de maneira comercialmente desinteressada... (BAUMAN, 1999, p. 33).

A análise feita por Bauman (1999) direcionada aos *shoppings* nos instiga a pensar que as grandes avenidas comerciais também possuem características que ele discute. Os fluxos que foram analisados e contabilizados neste local estiveram bem próximos deste estado a que o autor se refere, em que as pessoas estão sempre com pressa, expostas a grande variedade de produtos e onde o tempo lento e a ação desinteressada não são motivados.

A lentidão aparece como o terceiro em grau de intensidade na calçada da direita, não no que diz respeito ao tipo de fluxo em que as pessoas estão descansando, relaxando, paradas conversando. Aqui predomina a lentidão forçada. São muitas pessoas querendo trafegar em uma estreita calçada, juntamente com a presença de postes, comerciantes de rua, pessoas paradas nos pontos de ônibus. Então, em alguns períodos do dia, a calçada onde predomina o fluxo de velocidade acaba caindo na vagareza. As pessoas não

conseguem andar apressadamente, pois se forma um grande congestionamento na calçada.

Essa lentidão observada na calçada da direita, em alguns momentos do dia, não é a mesma que sentimos na Praça Costa Pereira, visto que na Avenida Jerônimo Monteiro a lentidão não é aquela que nos suscita reflexões, não nos permite pensar a cidade e os processos oriundos desses fluxos a que estamos estudando. A lentidão verificada é aquela que diminui o passo apressado por impossibilidade de prosseguir, de andar pela grande quantidade de pessoas e produtos que dividem a calçada.

A sociabilidade no local se dá muito em função dos lojistas e dos camelôs que interagem constantemente ao longo do dia. Alguns transeuntes assíduos, que passam por ali todos os dias, acabam conhecendo e fazendo amizade com quem trabalha nesta parte da avenida. São muitos cumprimentos, gritos de chamamento, brincadeiras e risadas entre os que trabalham nas calçadas.

Por ser um local muito frequentado ao longo do dia, ele se torna um local seguro, tendo apenas a parte no início da manhã e da noite como momentos de apreensão e medo. Não houve nenhum tumulto, furto, ou problemas nesse sentido durante as duas semanas em que estivemos na Jerônimo Monteiro. Em locais dessa calçada, pudemos perceber a presença de policiais, porém, onde o fluxo é mais intenso, eles apenas observam de longe.

Na calçada da esquerda, existem algumas alterações em comparação com a da direita. Nela há também o predomínio da velocidade e da impessoalidade, porém o terceiro fluxo que mais foi vivenciado e observado foi o de sociabilidade, como podemos perceber na Figura 20 e 21.

CALÇADA DA ESQUERDA			
FLUXOS	TOTAL	ÍNDICE	%
VELOCIDADE	644	0,26	26%
LENTIDÃO	329	0,13	13%
IMPESSOALIDADE	478	0,19	19%
SOCIABILIDADE	436	0,17	17%
SEGURANÇA	323	0,13	13%
INSEGURANÇA	287	0,11	11%
TOTAL DE FLUXOS	2497		

Figura 20: Tabela de valores absolutos de ocorrência dos fluxos (Primeira e segunda semana de campo) na calçada da esquerda - Avenida Jerônimo Monteiro.
Fonte: Elaborada pelo autor

GRÁFICO DE INTENSIDADE DE FLUXOS NA CALÇADA DA ESQUERDA



Figura 21: Gráfico de Intensidade de Fluxos na calçada da esquerda na Avenida Jerônimo Monteiro.
Fonte: Elaborada pelo autor

O número total de fluxos experienciados e notados nas duas calçadas é próximo, porém, na calçada da esquerda, trafegam mais pessoas que trabalham nos escritórios da avenida. Elas também estão com um andar e postura de quem tem pressa e transitam neste lado da via para fugir da multidão que congestionava uma parte do outro lado. Como nesse lado existem

grandes paredes, sem lojas ou qualquer tipo de comércio, a interferência do som dos carros na experiência é muito presente. Poucas vezes conseguimos nos distrair e não perceber isso.

Ao longo do dia, acontece pouca interação entre as pessoas, muitas também não pegam panfletos, ignoram quem está distribuindo e não atendem a chamados dos lojistas para olharem um produto. A sociabilidade e a lentidão, porém, aparecem como terceiro e quarto colocados, respectivamente, na escala de intensidade, pois, na parte da manhã, antes de as empresas e escritórios abrirem, é neste lado da calçada que se concentram os grupos que ficam conversando e rindo antes de entrarem nos prédios, baterem o ponto e começarem a jornada diária.

A segurança do local, assim como de todos os outros da Avenida Jerônimo Monteiro, fica em função do número de pessoas na via pela manhã, tarde e alguns locais e dias à noite. Muitos se sentem seguros por haver muitas pessoas por perto e imaginam que ninguém terá coragem de abordá-los ou de tentar qualquer coisa com tantas testemunhas ou pessoas para interferirem. Porém, como já dito, tomam as precauções necessárias para não serem surpreendidas por furtadores.

A insegurança neste local é um pouco maior que na outra calçada, pois o número de pessoas atravessando fora da faixa é maior desse lado: são os trabalhadores que vão para os restaurantes que ficam concentrados do lado direito. Não há pontos de ônibus neste lado, fazendo com que, na parte da noite, a movimentação, que é pequena, seja menor ainda, pois os que chegam ou saem do centro por meio dos transportes coletivos acabam movimentando a calçada da direita.

Percebemos que nesses dois primeiros locais analisados, a velocidade e a impessoalidade são os fluxos que mais estão presentes e dizem sobre eles, porém, como vimos, na somatória das cinco partes, a lentidão e a sociabilidade foram os fluxos que mais ocorreram na Jerônimo Monteiro. Esse fato se dá em virtude das próximas três partes de estudos serem pontos culturais e praças que existem na avenida, exercendo grande influência no resultado final.

A parcela que será mostrada agora é a da Praça Costa Pereira. A ocorrência de seus fluxos e suas quantidades pode ser observada na Figura 22.

PRAÇA COSTA PEREIRA			
FLUXOS	TOTAL	ÍNDICE	%
VELOCIDADE	483	0,10	10%
LENTIDÃO	1582	0,31	31%
IMPESSOALIDADE	591	0,12	12%
SOCIABILIDADE	1387	0,27	27%
SEGURANÇA	740	0,15	15%
INSEGURANÇA	295	0,06	6%
TOTAL DE FLUXOS	5078		

Figura 22: Tabela de valores absolutos de ocorrência dos fluxos (Primeira e segunda semana de campo) Praça Costa Pereira - Avenida Jerônimo Monteiro.
Fonte: Elaborada pelo autor

Apesar de ser um local menor, na comparação com as duas calçadas analisadas anteriormente, é um ponto de grande concentração e rotatividade de pessoas. O número total de fluxos vividos e observados nesta praça é duas vezes maior que o dos locais anteriores, tendo grande destaque a lentidão e sociabilidade, como bem nos mostra a Figura 23.

GRÁFICO DE INTENSIDADE DE FLUXOS NA PRAÇA COSTA PEREIRA

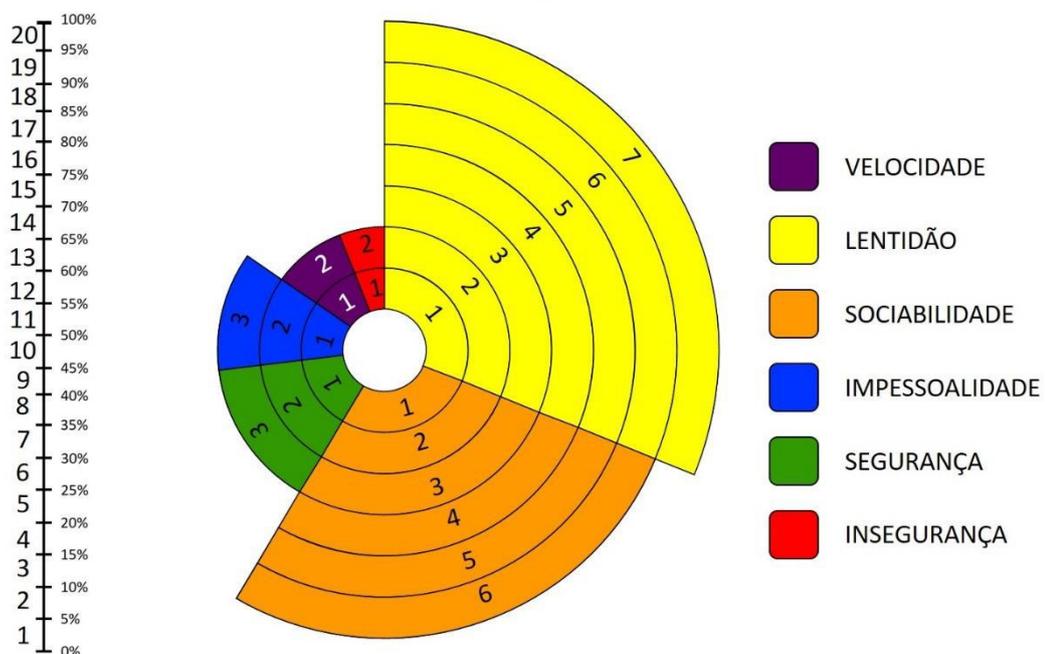


Figura 23: Gráfico de Intensidade de Fluxos na Praça Costa Pereira na Avenida Jerônimo Monteiro.
Fonte: Elaborada pelo autor

As cores frias que dominaram os gráficos das calçadas agora dão lugar às cores quentes, cores que estão ligadas a acolhimento, a entusiasmo, ao calor. Na Praça Costa Pereira, o ambiente transmite exatamente essas sensações. É um local de grande receptividade, onde há muita sombra, bancos, pessoas e tranquilidade. É um local onde o calor humano se faz presente. Não é difícil conseguir uma boa conversa com alguém que esteja sentado à sombra de uma de suas belas árvores. O urbanista português José Garcia Lamas (2007, p. 102) já dizia que “a praça é o lugar intencional do encontro, da permanência, dos acontecimentos, de práticas sociais, de manifestação de vida urbana e comunitária”.

Os fluxos que predominam são os de lentidão e sociabilidade, pois muitos funcionários de lojas e estabelecimentos ao redor, na pausa ou no horário do almoço, bem como cidadãos e transeuntes, a utilizam para descansar. Alguns até se deitam nos bancos, ficam ali relaxados e admirando as belezas e a vida da praça. Muitas são as pessoas que passam os dias ali, conversando com quem se senta ao seu lado. Os bancos presentes são longos, contornando os jardins, favorecendo, dessa forma, as pessoas a se sentarem juntas.

A impessoalidade que aparece como quarta colocada na escala de intensidade se dá por conta dos que procuram a praça para utilizar a *internet* via *Wi-Fi*, disponível de forma gratuita no local, pela prefeitura. Além desse fato, quase não observamos pessoas de caras fechadas, que não respondem a um cumprimento ou que não estejam em harmonia com o clima da praça.

A velocidade e a insegurança aparecem de forma acanhada nesse local, pois mesmo nos horários em que o número de pessoas na Jerônimo Monteiro é bem reduzido, a praça recebe frequentadores e mantém sua dinâmica. Seja por conta da feirinha na parte da noite, por conta das pessoas que aguardam o começo dos espetáculos no Carlos Gomes e no SESC-Glória, ou pelas pessoas que continuam ali após o anoitecer.

A dinâmica dessa praça é mantida nesses horários em que o Centro sofre um esvaziamento, graças à sua localização próxima aos dois locais de atração de pessoas neste horário. A outra praça que existe na Jerônimo Monteiro, que fica localizada entre prédios, não tem esse mesmo contexto.

Podemos perceber, na Figura 24, que o número total de ocorrências na Praça Oito é o mais baixo até agora e que a lentidão predomina, sendo seguida de forma quase semelhante pelos fluxos de velocidade, impessoalidade e sociabilidade, no número de ocorrências.

PRAÇA OITO			
FLUXOS	TOTAL	ÍNDICE	%
VELOCIDADE	355	0,18	18%
LENTIDÃO	451	0,22	22%
IMPESSOALIDADE	352	0,17	17%
SOCIABILIDADE	315	0,16	16%
SEGURANÇA	309	0,15	15%
INSEGURANÇA	242	0,12	12%
TOTAL DE FLUXOS	2024		

Figura 24: Tabela de valores absolutos de ocorrência dos fluxos (Primeira e segunda semana de campo) Praça Oito - Avenida Jerônimo Monteiro.
Fonte: Elaborada pelo autor

A lentidão predomina nesta praça, como podemos observar na Figura 25, pois é um local utilizado mais como descanso e pausas rápidas para os que caminham de forma apressada e veloz pelas duas calçadas da avenida. Ela é um ponto de refúgio do forte calor que faz durante a tarde para os que estão fazendo compras e querem aproveitar uma brisa e um frescor por um pequeno momento. Esse fato faz a impessoalidade crescer, pois muitos utilizam a praça, porém, diferentemente da Costa Pereira, as conversas são mais difíceis e menos constantes. Ali também existe quem esteja em busca da *internet* via *Wi-Fi*, intensificando o fluxo no local.

GRÁFICO DE INTENSIDADE DE FLUXOS NA PRAÇA OITO

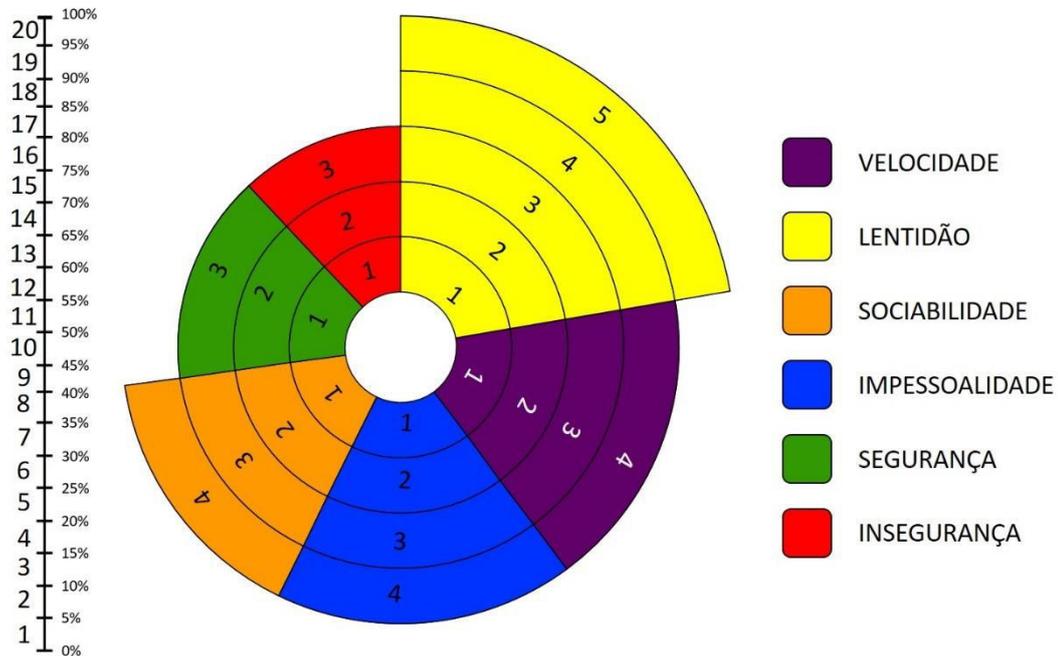


Figura 25: Gráfico de Intensidade de Fluxos na Praça Oito na Avenida Jerônimo Monteiro.
Fonte: Elaborada pelo autor

A velocidade que desponta como segundo fluxo na escala de intensidade da Praça Oito se dá por ela se localizar bem no meio de duas grandes avenidas, a Jerônimo Monteiro e a Princesa Isabel. Esse fato faz com que muitas pessoas a utilizem como passagem de uma para outra, haja vista os poucos locais que oportunizam esse fluxo, em decorrência das grandes quadras que ali existem.

Apesar de todos esses fatos, o local recebe quem queira se sentar em seus bancos, conversar, ficar por um tempo na sombra, de forma tranquila e calma. As pessoas não são tão receptivas como na Costa Pereira, mas poucos são os que se esquivam do contato ou não respondem a um cumprimento. Como descrito nos relatos, os bancos dessa praça são poucos e de dois lugares. Então, quando ela está relativamente cheia, quem chega e quer se sentar tem que dividir o banco com um desconhecido. Alguns não veem problema nisso, chegam, cumprimentam ou fazem um aceno com a cabeça e se sentam. Muitas vezes, acabam conversando ou fazendo comentários gerais para descontrair e ficar mais à vontade, porém, muitos, quando se deparam

com essa situação, preferem curtir a sombra e o frescor em pé mesmo, esperando algum banco vagar por inteiro.

Apesar de ser o local com menor número de ocorrências até agora, a quantidade de fluxos de insegurança muito se assemelha ao dos outros locais. Isso porque, durante a noite, ela fica muito deserta e às escuras. Sua localização é bem afastada da parte mais movimentada no período da noite e próxima ao local onde, antigamente, ficavam os moradores de rua e as garotas de programa. Não é uma praça acolhedora e agradável neste período. Foi o local em que a sensação de medo, de que alguma coisa pudesse acontecer a qualquer momento foi maior em toda a experiência na avenida. O fluxo de insegurança só não é maior por conta do número reduzido de pessoas que frequentam ou transitam por este local.

O último dos cinco locais é o SESC-Glória. Como Vitória é carente de locais voltados para a cultura, com cinemas, que não sejam os de *shoppings* passando apenas os filmes *hollywoodianos*, salas de teatro, espaços para exposições, palestras e bibliotecas, esse local atrai muitas pessoas para a Jerônimo Monteiro. Elas não estão atrás das lojas e do comércio local, e sim em busca de um lazer, entretenimento que o local proporciona. Esse espaço traz uma movimentação para a região nos horários que ele mais precisa, na parte da noite e nos finais de semana.

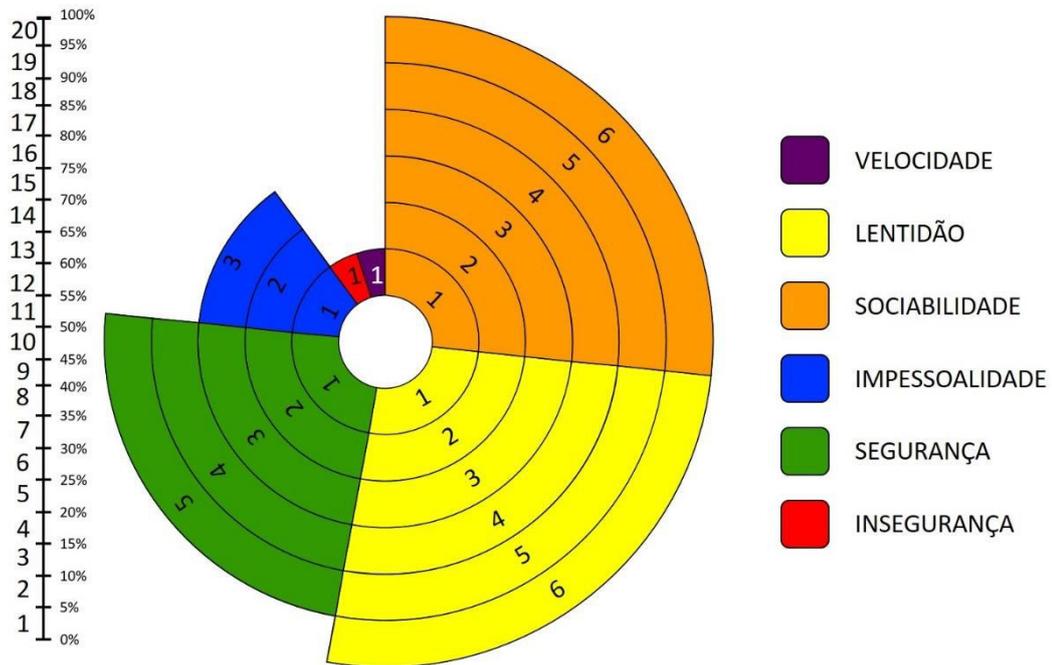
Podemos observar, na Figura 26, que os fluxos de lentidão, sociabilidade e segurança são dominantes. Poucas são as pessoas que experienciam esse espaço de maneira apressada, esse é o fluxo de menor incidência.

SESC-GLÓRIA			
FLUXOS	TOTAL	ÍNDICE	%
VELOCIDADE	80	0,05	5%
LENTIDÃO	430	0,26	26%
IMPESSOALIDADE	219	0,13	13%
SOCIABILIDADE	438	0,27	27%
SEGURANÇA	390	0,24	24%
INSEGURANÇA	85	0,05	5%
TOTAL DE FLUXOS	1642		

Figura 26: Tabela de valores absolutos de ocorrência dos fluxos (Primeira e segunda semana de campo) SESC -Glória - Avenida Jerônimo Monteiro.
Fonte: Elaborada pelo autor

Percebe-se, na Figura 27, que os fluxos que estão relacionados a calma, tranquilidade, contemplação, convívio, relacionamento, logo saltam aos olhos. Nesse ambiente, todos são muito abertos a conversas, ao contato. As palestras e *workshops* que acontecem sempre oportunizam momentos de socialização entre os participantes, como um café ou lanche. Ouvi de muitos que o SESC-Glória era o motivo de eles irem ao centro constantemente. Indo a esse espaço, eles passaram a descobrir outros ambientes do bairro, pois, durante as conversas, as pessoas iam indicando e contando sobre outros lugares interessantes da região. Além disso, na recepção, existem panfletos e informativos de diversas atividades que acontecem espalhadas pelo Centro Histórico da capital capixaba.

GRÁFICO DE INTENSIDADE DE FLUXOS NO SESC-GLÓRIA



*Figura 27: Gráfico de Intensidade de Fluxos no SESC- Glória na Avenida Jerônimo Monteiro.
Fonte: Elaborada pelo autor*

Esse ambiente levou novos frequentadores para o Centro, que passaram a descobrir as maravilhas que ali existem, como igrejas, galerias e museus. Descubram as apresentações das orquestras, tanto no Carlos Gomes como no SESC-Glória, em que os preços dos ingressos são bastante acessíveis. Enfim, ao visitar o Centro com interesses outros que não o comercial, um leque de atividades que antes não era conhecido é descoberto.

Um dos eventos, comenta a moça que fica na recepção do SESC-Glória, que mais atrai as pessoas que pegam os panfletos para saber das atividades que acontecem por ali é o Concerto para a Família, que ocorre aos domingos, no Teatro Carlos Gomes. Esse espetáculo é voltado para as crianças e adolescentes, com apresentações mais curtas, em que são exibidos e tecidos alguns comentários sobre os instrumentos e curiosidades acerca de partituras e a vida de um músico. A recepcionista relata que muitos ficam surpresos ao descobrir o tanto de coisas que acontecem no Centro e que não sabiam.

Os fluxos de impessoalidade que acontecem nesse local são de pessoas que entram apenas para ir ao banheiro ou beber água, utilizando o

espaço apenas como local de parada. A insegurança e a velocidade estão mais presentes nas noites mais movimentadas, quando há apresentações. As filas são formadas em uma calçada, pouco iluminada, de uma rua transversal à Jerônimo Monteiro. Essa, porém, tem um fluxo intenso de carros, pois é continuação de umas das saídas da parte central do bairro.

Após olhar para cada parcela da Jerônimo Monteiro de forma separada, faz-se necessário olhar para elas de forma relacionada, de forma a observar a distribuição e as conexões dos fluxos ao longo da avenida. A Figura 28 nos ajuda nesse processo, pois apresenta a espacialização dos fluxos que registramos em campo.

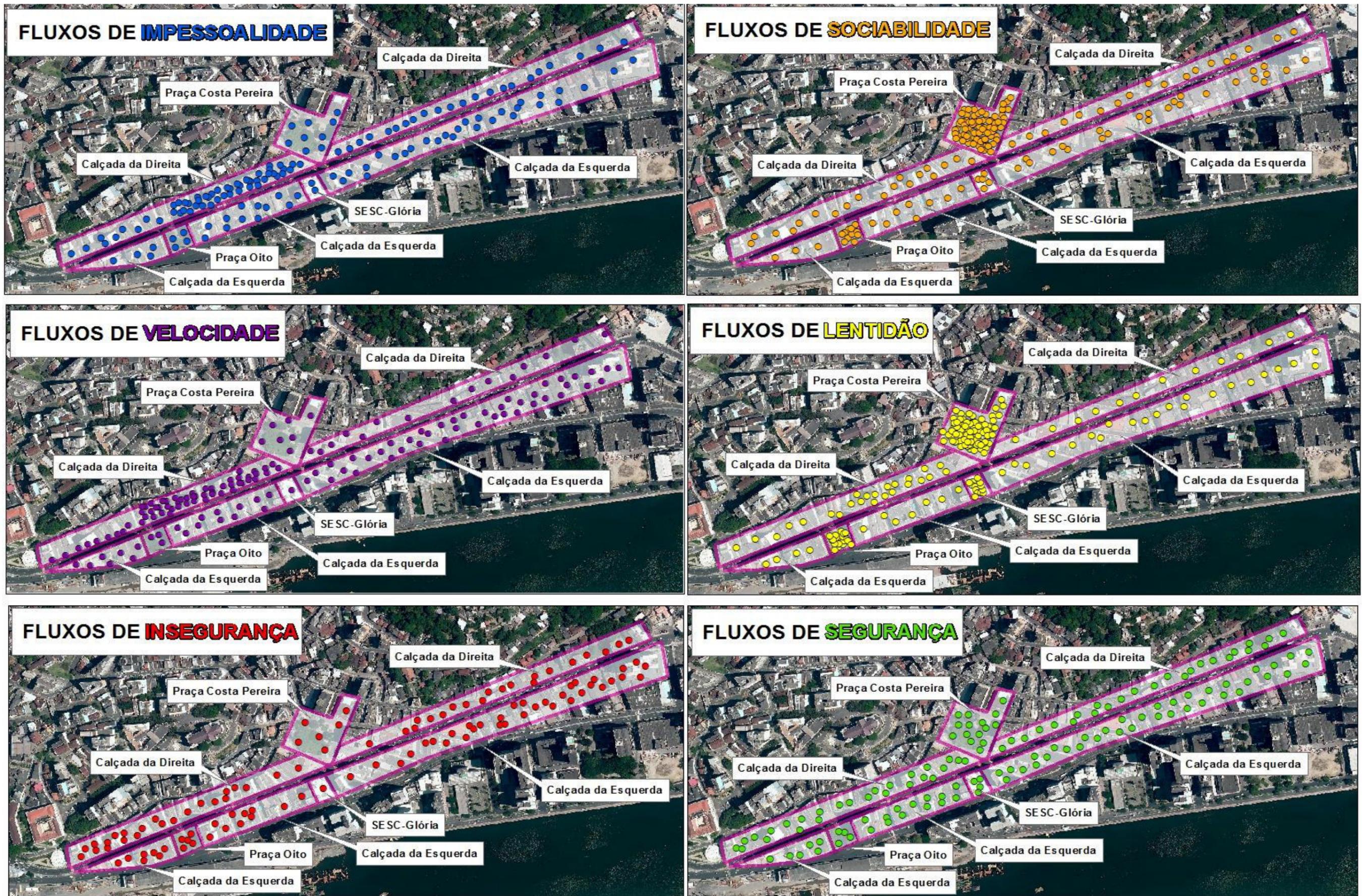


Figura 28: Mapas de espacialização dos Fluxos analisados: Velocidade e Lentidão, Impessoalidade e Sociabilidade, Insegurança e Segurança com a localização das divisões analíticas na Avenida Jerônimo Monteiro.

Fonte:

Elaborada

pele

autor

Os mapas foram importantes para o momento analítico do trabalho, pois nos permitiram mostrar mais claramente como os fluxos estão especializados pela avenida e em cada local que escolhemos analisar individualmente. Com o conhecimento das cinco partes, mais as informações que o mapa nos traz, percebemos o porquê, no resultado total da avenida Jerônimo Monteiro, os fluxos de sociabilidade e lentidão serem os de maior ocorrência e intensidade. Apesar de a avenida ser predominantemente de lojas, comércios e escritórios, e esse tipo de utilização do espaço urbano propiciar fluxos de velocidade e impessoalidade, existem alguns pontos de “resistência” (ASPIS, 2010) em que o tempo lento propicia o pensar mais demorado, a socialização com a cidade e as pessoas.

As praças e o SESC-Glória ocupam uma pequena parte da avenida em relação às outras duas partes de análise, as calçadas. Porém os fluxos de sociabilidade e lentidão que ali acontecem são muito recorrentes e intensos, superando os de impessoalidade e velocidade das outras áreas.

Os moradores, frequentadores e passantes desses locais de lentidão e sociabilidade da Jerônimo Monteiro, insistem em continuar com um cotidiano banhado pela tranquila urbanidade e calma, “como [um] constante movimento de afirmar a vida a que nos está sendo constantemente subtraída” (ASPIS, 2010, p. 11). Apesar de estarem cercados por prédios, pela vida urbana agitada e apressada, esses locais permanecem como pontos destoantes, como contraexemplos.

Durante os dias de investigação nessa avenida do Centro de Vitória, as experiências, vivências, acontecimentos, ocorrências, casos e acasos relacionados à sociabilidade e ao tempo lento nos tocaram e nos passaram muito mais do que os de velocidade e impessoalidade. Eles falavam mais alto, eram mais presentes, chamavam mais atenção. Eles se destacavam no coro cidadão.

Olhar de maneira questionadora e problematizadora os conhecimentos prévios e nos aproximar do que não conhecíamos nos ajudou a descobrir esse lado que ainda pulsa na Jerônimo Monteiro. Ao viver de forma intensa esse lugar, passamos a olhá-lo e a conhecê-lo não através de informações ou histórias que outros nos contavam, mas através de nossas próprias experiências. Construimos e criamos uma versão da avenida que foi baseada

no “saber da experiência” (LARROSA, 2015), um ponto de vista que foi sendo montado e formado pelo que o próprio lugar ia nos mostrando, contando e apresentando.

3.2 – Fluxos de Experiência na Orla de Camburi

Diferentemente da Avenida Jerônimo Monteiro, a orla de Camburi é um local onde o lazer e a prática esportiva são predominantes na apropriação do lugar. Esse fato faz com que os horários de maior movimentação sejam os períodos que antecedem e sucedem os horários que as pessoas estão trabalhando. Os picos de movimentação e utilização desse espaço acontecem na parte da manhã, antes das 8h, e na parte da noite, como podemos observar nas tabelas que mostram a quantidade de fluxos na Orla de Camburi ao longo das duas semanas de investigações.

Durante os campos, os fluxos foram classificados através do que sentíamos, vivenciávamos e observávamos. Estes dois últimos relacionados às maneiras como os autores (Canevacci, Larrosa, Caiafa, Manoel de Barros) nos propuseram entrar em contato com a cidade. Já o sentir está voltado para um saber que Zulmira Áurea Cruz Bomfim discute em seu livro *Cidade e Afetividade*, quando argumenta que “Ter como referência o sentir para compreender a cidade é estar implicado na experiência, no cotidiano, é ter o afeto, as emoções como palco mediador das construções e das descobertas” (BOMFIM, 2010 p. 52).

Na Orla de Camburi, no período da tarde, há uma redução significativa de ocorrência dos fluxos, haja vista o número pequeno de pessoas que frequentam a orla nesse horário. Esse fato foi mais agravante na primeira semana, pois ainda não estava no período de férias escolares, deixando a praia mais vazia nessa parte do dia.

Percebemos que no final de semana, exceto domingo à noite, os fluxos aumentam, pois são os dias em que a orla recebe um grande número de pessoas com as finalidades mais variadas. Uns vão para aproveitar o mar e o

sol; outros para praticar algum esporte, como futevôlei, futebol de areia, frescobol, corrida, caminhada, ciclismo, *skate*; pessoas que vão passear, que levam crianças e animais.

TABELAS DE OCORRÊNCIAS DOS FLUXOS NA ORLA DE CAMBURI

VELOCIDADE				
semana 01				TOTAL SEMANA 01
	MANHÃ	TARDE	NOITE	
SEGUNDA	217	12	240	3146
TERÇA	231	14	260	
QUARTA	228	17	264	
QUINTA	225	12	273	
SEXTA	180	19	222	
SABADO	176	81	102	
DOMINGO	222	78	73	
TOTAL	1479	233	1434	
semana 02				TOTAL SEMANA 02
	MANHÃ	TARDE	NOITE	
SEGUNDA	231	40	252	3514
TERÇA	237	42	256	
QUARTA	248	44	268	
QUINTA	238	53	267	
SEXTA	210	55	233	
SABADO	210	87	113	
DOMINGO	238	95	97	
TOTAL	1612	416	1486	
TOTAL				6660
LENTIDÃO				
semana 01				TOTAL semana 01
	MANHÃ	TARDE	NOITE	
SEGUNDA	59	22	90	1778
TERÇA	47	28	111	
QUARTA	53	25	107	
QUINTA	51	29	114	
SEXTA	38	26	154	
SABADO	147	101	181	
DOMINGO	185	120	90	
TOTAL	580	351	847	
semana 02				TOTAL semana 02
	MANHÃ	TARDE	NOITE	
SEGUNDA	103	54	130	2705
TERÇA	100	84	150	
QUARTA	96	84	137	
QUINTA	107	88	144	
SEXTA	125	113	167	
SABADO	201	133	185	
DOMINGO	202	167	135	
TOTAL	934	723	1048	
TOTAL				4483

Figura 29: Tabela de ocorrências dos fluxos de Velocidade e Lentidão na Orla da Praia de Camburi. Fonte: Elaborada pelo autor.

IMPESSOALIDADE				
semana 01				TOTAL semana 01
	MANHÃ	TARDE	NOITE	
SEGUNDA	99	11	113	1652
TERÇA	112	14	118	
QUARTA	92	13	138	
QUINTA	109	15	118	
SEXTA	97	14	113	
SABADO	85	58	77	
DOMINGO	127	77	52	
TOTAL	721	202	729	
semana 02				TOTAL semana 02
	MANHÃ	TARDE	NOITE	
SEGUNDA	127	49	141	2313
TERÇA	132	49	131	
QUARTA	126	56	135	
QUINTA	131	60	139	
SEXTA	156	68	133	
SABADO	125	100	113	
DOMINGO	153	113	76	
TOTAL	950	495	868	
TOTAL				3965
SOCIABILIDADE				
semana 01				TOTAL semana 01
	MANHÃ	TARDE	NOITE	
SEGUNDA	144	21	167	2737
TERÇA	173	21	182	
QUARTA	176	31	165	
QUINTA	177	33	187	
SEXTA	165	29	179	
SABADO	148	132	139	
DOMINGO	218	154	96	
TOTAL	1201	421	1115	
semana 02				TOTAL semana 02
	MANHÃ	TARDE	NOITE	
SEGUNDA	194	69	195	3617
TERÇA	211	77	223	
QUARTA	200	74	212	
QUINTA	219	83	217	
SEXTA	227	99	193	
SABADO	220	174	174	
DOMINGO	243	174	139	
TOTAL	1514	750	1353	
TOTAL				6354

Figura 30: Tabela de ocorrências dos fluxos de Impessoalidade e Sociabilidade na Orla da Praia de Camburi. Fonte: Elaborada pelo autor.

INSEGURANÇA				
semana 01				TOTAL semana 01
	MANHÃ	TARDE	NOITE	
SEGUNDA	46	5	133	1546
TERÇA	33	2	155	
QUARTA	45	4	153	
QUINTA	42	4	156	
SEXTA	42	7	143	
SABADO	87	69	127	
DOMINGO	125	90	78	
TOTAL	420	181	945	
semana 02				TOTAL semana 02
	MANHÃ	TARDE	NOITE	
SEGUNDA	63	39	145	1808
TERÇA	65	29	144	
QUARTA	64	31	160	
QUINTA	72	39	123	
SEXTA	69	36	144	
SABADO	93	75	127	
DOMINGO	116	71	103	
TOTAL	542	320	946	
TOTAL				3354
SEGURANÇA				
semana 01				TOTAL semana 01
	MANHÃ	TARDE	NOITE	
SEGUNDA	59	15	141	1789
TERÇA	54	24	127	
QUARTA	59	13	142	
QUINTA	53	29	137	
SEXTA	54	15	133	
SABADO	137	95	113	
DOMINGO	191	119	79	
TOTAL	607	310	872	
semana 02				TOTAL semana 02
	MANHÃ	TARDE	NOITE	
SEGUNDA	81	58	143	2126
TERÇA	82	58	138	
QUARTA	67	53	142	
QUINTA	74	58	124	
SEXTA	68	62	132	
SABADO	141	115	124	
DOMINGO	169	133	104	
TOTAL	682	537	907	
TOTAL				3915

Figura 31: Tabela de ocorrências dos fluxos de Insegurança e Segurança na Orla da Praia de Camburi. Fonte: Elaborada pelo autor.

Nesses dias, a parte da tarde não tem uma queda drástica no número de ocorrências, pois muitos não trabalham no final de semana e podem aproveitar por mais tempo esse local de lazer que existe em Vitória.

É de se destacar a quantidade de fluxos de velocidade que foram experienciados e observados ao longo dessas duas semanas, pois muitas pessoas utilizam o calçadão para o exercício de corrida. A grande maioria dos fluxos de velocidade observados na Orla de Camburi se difere dos que acontecem na Jerônimo Monteiro. Um é decorrente da vida acelerada e apressada em que o cotidiano tem sido pautado; o outro é uma característica do esporte que é praticado neste espaço e da sensação que ele nos causa.

Apesar do fluxo de maior intensidade ser o de velocidade, como nos apresenta a Figura 32, os de sociabilidade e lentidão aparecem logo em seguida, mostrando que essa velocidade que predomina no lugar não interfere nas relações, na tranquilidade e na urbanidade.

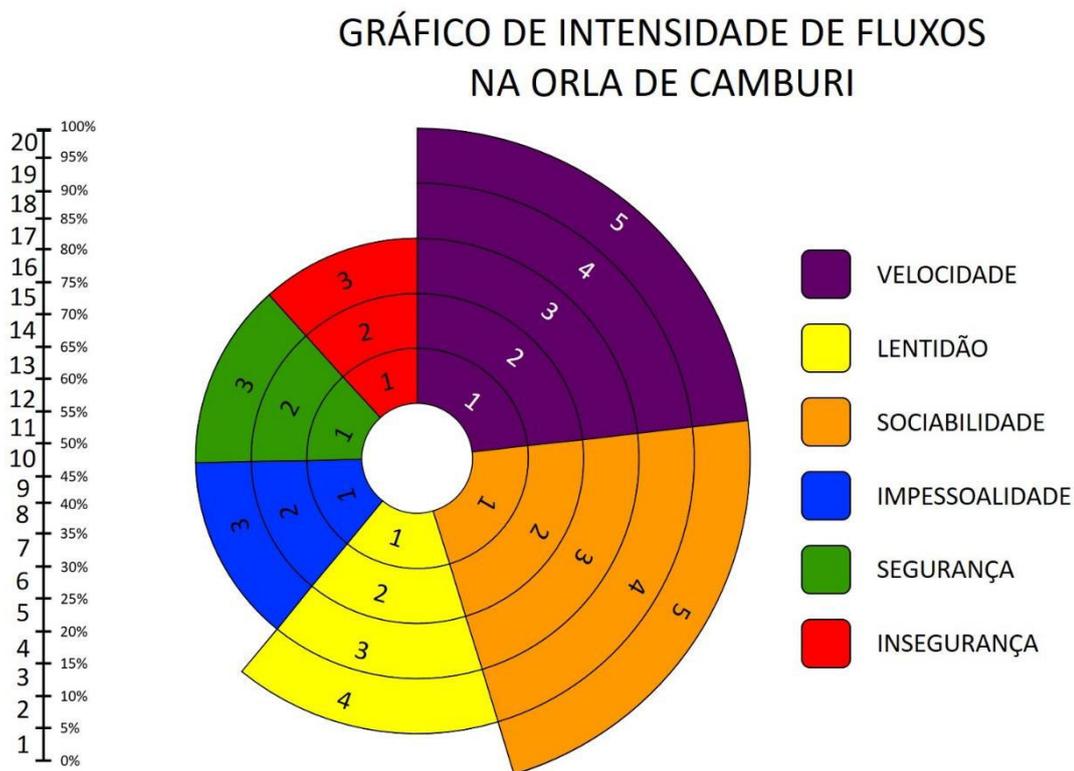


Figura 32: Gráfico de Intensidade de Fluxos na Orla de Camburi.
 Fonte: Elaborada pelo autor.

Assim como foi feito na Jerônimo Monteiro, a Orla de Camburi também foi seccionada em cinco: a primeira é a parte não reformada, as outras quatro são divisões da parte reformada, sendo: a ciclovia, o calçadão, a primeira faixa de areia e a segunda faixa de areia, que compreende o mar também.

A primeira a ser analisada é a parte da praia que não foi reformada. Na Figura 33, estão dispostos os dados coletados. Nessa área, como dito nos relatos de campo, há uma extensa parcela cercada por uma grande faixa de restinga e, do outro lado da rua, uma área de preservação onde não há nenhuma construção. Esse fato faz com que esse setor não tenha outra apropriação que não seja o de passagem para os que correm, caminham ou andam de bicicleta. Por isso o fluxo de velocidade é tão intenso, destoando tanto dos outros.

PARTE NÃO REFORMADA			
FLUXOS	TOTAL	ÍNDICE	%
VELOCIDADE	1653	0,40	40%
LENTIDÃO	454	0,11	11%
IMPESSOALIDADE	744	0,18	18%
SOCIABILIDADE	537	0,13	13%
SEGURANÇA	365	0,09	9%
INSEGURANÇA	430	0,10	10%
TOTAL DE FLUXOS	4183		

Figura 33: Tabela de valores absolutos de ocorrência dos fluxos (Primeira e segunda semana de campo) na Parte não reformada – Orla de Camburi.

Fonte: Elaborada pelo autor.

No final desse setor, quase chegando ao fim da praia, está localizado o SOE. Nesse local é onde acontecem atividades e apropriações variadas nesse setor. Existem as aulas de localizada e alongamento, duas assessorias esportivas e o campo de futebol que constantemente recebe jogos entre amigos. Essas atividades garantem a ocorrência dos fluxos de sociabilidade. O fluxo de impessoalidade, que aparece como segundo em intensidade (Figura 34), que contabilizamos nesta porção da Orla é fruto, principalmente, do uso de celulares e fones de ouvidos.

GRÁFICO DE INTENSIDADE DE FLUXOS NA PARTE NÃO REFORMADA

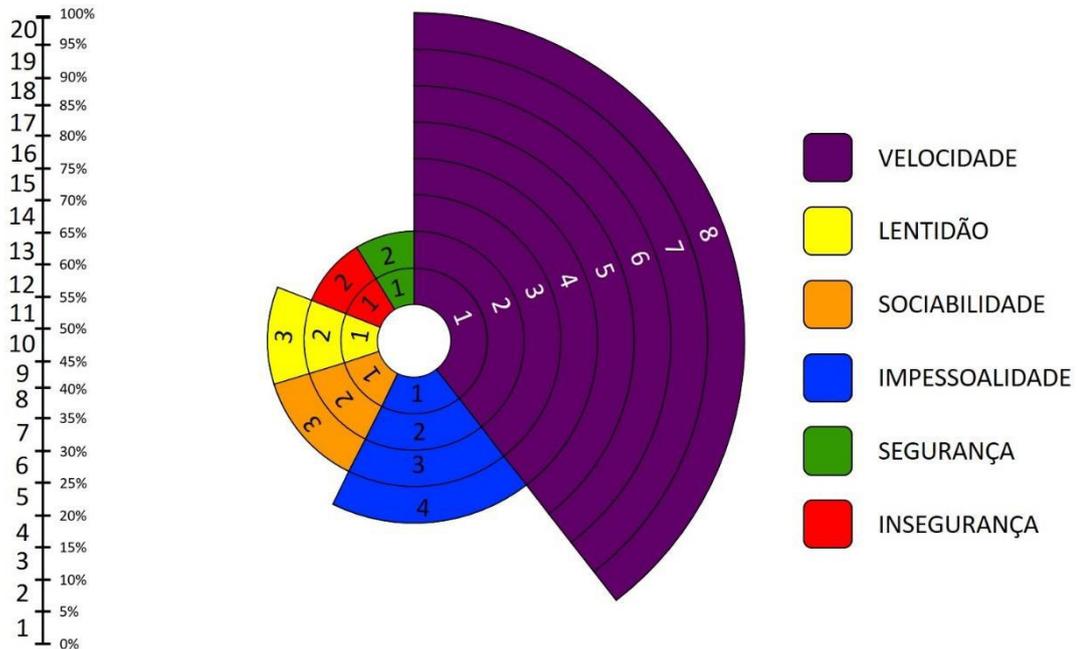


Figura 34: Gráfico de Intensidade de Fluxos na Parte não reformada da Orla de Camburi.
Fonte: Elaborada pelo autor.

Apesar de muitos que praticam atividades na orla utilizarem o celular e o fone como uma maneira de distrair e passar mais rápido o exercício, ou como forma de incentivar durante a prática, nesse setor da praia a utilização não é voltada para essa finalidade. Na parte que fica em frente ao bairro Jardim Camburi, podemos observar a ocorrência de pessoas que vão descansar ou beber água de côco e ficam utilizando a rede *Wi-Fi* disponível ao longo de toda a orla.

Mesmo essa porção não sendo tão utilizada quanto a parte reformada da Orla, percebemos a presença recorrente de pessoas, principalmente os moradores de Jardim Camburi, que fica distante cerca de 20 minutos, caminhando no início da porção já reformada da Orla.

Na parte da noite, por conta dessas características que foram ditas, a apreensão por vezes toma conta de quem passa por ali. São áreas muito escuras, em alguns pontos não há refletores e, quando há, as árvores acabam tampando a luz.

Essa dinâmica é bem diferente da parte reformada, pois não há extensa faixa de restinga e do outro lado da avenida, que acompanha toda a orla, temos sempre áreas residenciais ou comerciais.

Na parte reformada, vamos começar analisando os fluxos na ciclovia. Ela fica localizada entre o calçadão e uma estreita calçada que a separa da Avenida Dante Micheline. Percebemos que a ciclovia da Orla possui uma utilização mista, variando entre pessoas que se deslocam de bicicleta, que praticam exercício físico e as que querem dar um passeio na praia.

CICLOVIA			
FLUXOS	TOTAL	ÍNDICE	%
VELOCIDADE	1209	0,32	32%
LENTIDÃO	351	0,09	9%
IMPESSOALIDADE	186	0,05	5%
SOCIABILIDADE	916	0,24	24%
SEGURANÇA	599	0,16	16%
INSEGURANÇA	521	0,14	14%
TOTAL DE FLUXOS	3782		

Figura 35: Tabela de valores absolutos de ocorrência dos fluxos (Primeira e segunda semana de campo) na Ciclovia – Orla de Camburi.
Fonte: Elaborada pelo autor.

Observamos nessa nossa imersão que seria preciso diferenciar os fluxos de velocidade que identificamos na Orla, pois muitos são decorrentes do tipo de esporte praticado e não reverberações de uma vida pautada pela pressa. Esse fato fica mais claro quando observamos, também, o fluxo de sociabilidade que nos mostra que, mesmo com altos índices de velocidade, entre os frequentadores de Camburi a socialização é algo sempre presente. Pessoas que praticam o exercício ou que utilizam a ciclovia para o lazer estão quase sempre acompanhadas, andando em conjunto com amigos, irmãos, familiares. Percebemos que existe um grande número de pais que vão com seus filhos passear de bicicleta na ciclovia da orla.

GRÁFICO DE INTENSIDADE DE FLUXOS NA CICLOVIA

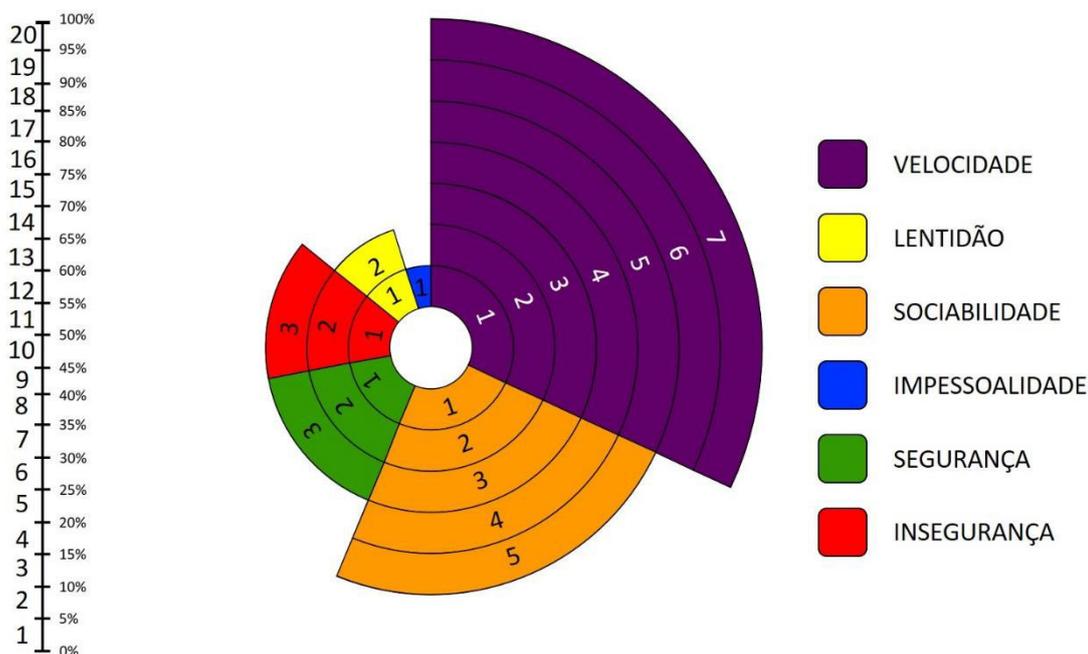


Figura 36: Gráfico de Intensidade de Fluxos na ciclovia da Orla de Camburi.
Fonte: Elaborada pelo autor.

Como nos mostra a Figura 36, os fluxos de segurança e insegurança têm intensidades bem parecidas, isso porque, na ciclovia, uns andam de maneira comedida, prudente, tomando cuidado com pedestres e respeitando as faixas. Porém, quando o número de pessoas é muito elevado, outros querem andar rápido, ultrapassando os mais lentos e acabam entrando na contramão, subindo no calçadão, não respeitando as faixas de pedestre, ou andando demasiadamente rápido.

Esse fato faz elevar também o fluxo de insegurança no calçadão, como está mostrando a Figura 37. Apesar de não ser o mais intenso, ele tem uma ocorrência expressiva, sendo observado 1263 vezes ao longo das duas semanas.

CALÇADÃO			
FLUXOS	TOTAL	ÍNDICE	%
VELOCIDADE	2251	0,22	22%
LENTIDÃO	1559	0,15	15%
IMPESSOALIDADE	1772	0,17	17%
SOCIABILIDADE	2326	0,22	22%
SEGURANÇA	1173	0,11	11%
INSEGURANÇA	1263	0,12	12%
TOTAL DE FLUXOS	10344		

Figura 37: Tabela de valores absolutos de ocorrência dos fluxos (Primeira e segunda semana de campo) no Calçadão – Orla de Camburi.
Fonte: Elaborada pelo autor.

Além dessa tensão entre os ciclistas e os que utilizam o calçadão, outra disputa territorial gera essas tensões e estados de alerta durante uma caminhada ou corrida. São as pessoas que andam de patins e *skate* na faixa destinada a elas no calçadão. Como relatado no capítulo 2, não há uma separação ou qualquer obstáculo entre esses dois locais, apenas uma faixa pintada. Quando o número de usuários é alto, a todo momento observamos pessoas quase sendo atropeladas ou havendo esbarrões e encontros.

GRÁFICO DE INTENSIDADE DE FLUXOS NO CALÇADÃO



Figura 38: Gráfico de Intensidade de Fluxos no calçadão da Orla de Camburi.
Fonte: Elaborada pelo autor.

O fluxo que domina o calçadão, diferentemente das outras partes analisadas, é o de sociabilidade (Figura 38). Ali estão localizados vários carrinhos de côco, os quiosques reformados, o quiosque do SOE com todas as suas aulas, além de outras utilidades que as pessoas dão para essa parte, como local de reunião entre amigos, para namorar e passear. Outro fator que ajuda a sociabilidade ser o fluxo dominante no calçadão são as relações que acontecem entre os que estão correndo, com os acenos e cumprimentos durante o exercício. Este foi o local em que mais observamos e vivenciamos os fluxos que estamos estudando. Isso porque é a parte que recebe a maior quantidade de pessoas, com as finalidades mais variadas. Esse fato faz com que todos os fluxos tenham uma grande intensidade.

A primeira faixa de areia é o segundo lugar com maior quantidade de fluxos registrados (Figura 39), tendo ocorrido 6980 situações. Esse é o local da praia onde predominam as assessorias esportivas, as escolinhas de vôlei de praia, futevôlei e *beach tennis* e a prática do *slackline*.

PRIMEIRA FAIXA DE AREIA			
FLUXOS	TOTAL	ÍNDICE	%
VELOCIDADE	1213	0,17	17%
LENTIDÃO	1253	0,18	18%
IMPESSOALIDADE	884	0,13	13%
SOCIABILIDADE	1653	0,24	24%
SEGURANÇA	1257	0,18	18%
INSEGURANÇA	720	0,10	10%
TOTAL DE FLUXOS	6980		

Figura 39: Tabela de valores absolutos de ocorrência dos fluxos (Primeira e segunda semana de campo) primeira faixa de areia – Orla de Camburi.
Fonte: Elaborada pelo autor.

Esta seção é também procurada pelas pessoas que querem fazer um luau, piqueniques, ou se sentar à sombra de um coqueiro ou castanheira. Os namorados, na parte da tarde, são quem movimentam esse local.

A velocidade aqui não é o fluxo predominante (Figura 40), aparecendo apenas em quarto lugar no grau de ocorrência. Por esses motivos que foram

ditos, a sociabilidade é a mais expressiva, seguida da segurança e da lentidão, pois muitos se sentam extremamente à vontade, pela tranquilidade e serenidade que transparece desse local na parte da tarde, para terem um momento de relaxamento, meditação e descanso.

GRÁFICO DE INTENSIDADE DE FLUXOS NA PRIMEIRA FAIXA DE AREIA

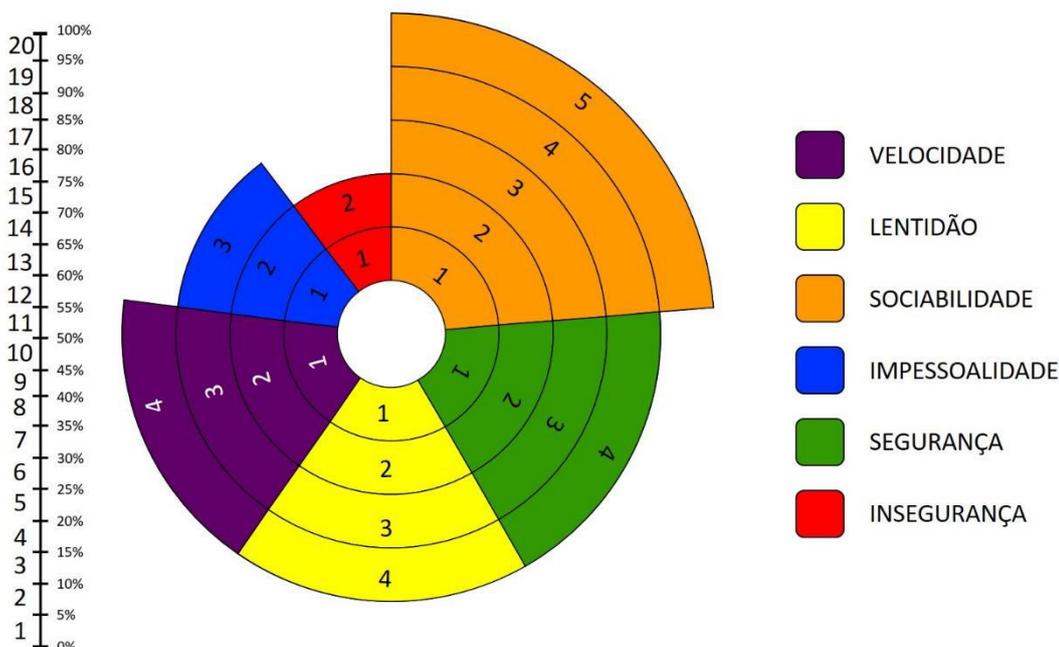


Figura 40: Gráfico de Intensidade de Fluxos na Primeira faixa de areia da Orla de Camburi.
Fonte: Elaborada pelo autor.

A impessoalidade aqui, mais uma vez, é por conta dos celulares e fones de ouvido, que fazem as pessoas não prestarem atenção ao redor, ao que está acontecendo.

Na segunda faixa de areia, há algumas alterações, pois não é uma parte tão voltada para o esporte, e sim para o lazer que a praia e o mar proporcionam. O fluxo de maior ocorrência continua sendo o de sociabilidade (Figura 41), porém, agora, em decorrência dos grupos que vão à praia. Dificilmente observamos pessoas que vão para essa área da praia sozinhas. Quase todas estão em companhia de alguém.

SEGUNDA FAIXA DE AREIA			
FLUXOS	TOTAL	ÍNDICE	%
VELOCIDADE	334	0,10	10%
LENTIDÃO	866	0,25	25%
IMPESSOALIDADE	379	0,11	11%
SOCIABILIDADE	922	0,27	27%
SEGURANÇA	521	0,15	15%
INSEGURANÇA	420	0,12	12%
TOTAL DE FLUXOS	3442		

Figura 41: Tabela de valores absolutos de ocorrência dos fluxos (Primeira e segunda semana de campo) segunda faixa de areia – Orla de Camburi.
Fonte: Elaborada pelo autor.

Ajudando a fazer o fluxo de sociabilidade se destacar nessa parcela da praia, estão os nadadores que se reúnem sempre, e a relação entre os praticantes de esportes náuticos que, ao se cruzarem, sempre se cumprimentam.

Os fluxos que vêm logo em seguida são os de lentidão e segurança (Figura 42), mostrando que o local recebe pessoas que não estão apressadas, correndo ou utilizando qualquer aparelho que as distraiam daquilo que as cerca: praia, sol, amigos, futebol, água, diversão e alegria.

GRÁFICO DE INTENSIDADE DE FLUXOS
NA SEGUNDA FAIXA DE AREIA

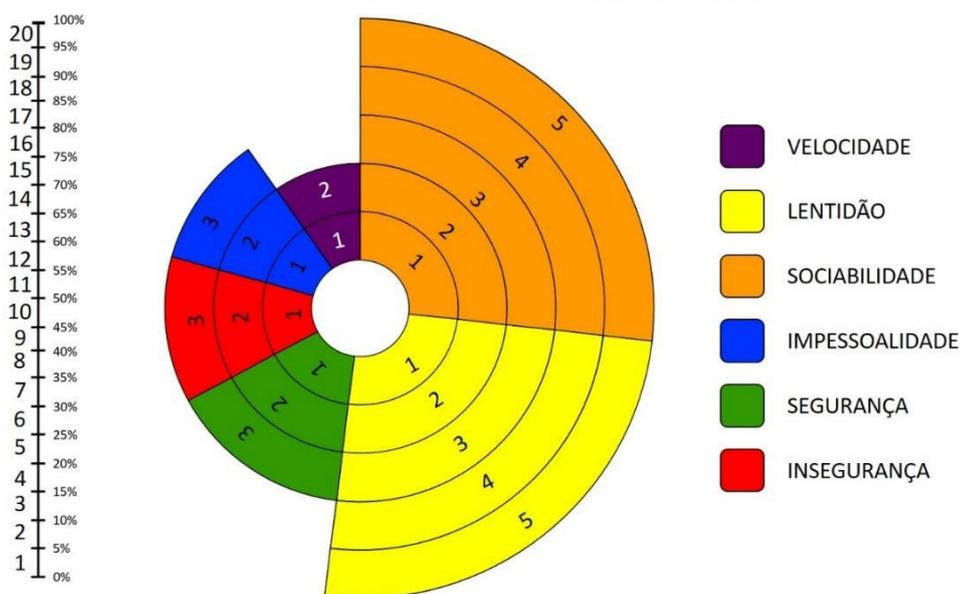


Figura 42: Gráfico de Intensidade de Fluxos na Segunda faixa de areia da Orla de Camburi.
Fonte: Elaborada pelo autor.

Podemos perceber que, à medida que vamos entrando na Orla em direção ao mar de Camburi, o fluxo de velocidade vai diminuindo, chegando ao ponto de ser o último em intensidade na parte mais afastada que é a segunda faixa de areia. Um dos motivos disso é que vamos deixando de escutar e perceber o intenso trânsito que acontece na avenida Dante Micheline, deixamos de ser influenciados e de percebermos pessoas correndo, andando velozmente de patins, *skate* e bicicleta do nosso lado, os gritos e movimentações das pessoas nas assessorias também se perdem na forte e refrescante brisa que sopra do mar. Ao nos sentarmos perto da água, parece que estamos a quilômetros da cidade, pois toda a vida tumultuada e apressada se esvai frente ao momento e às deliciosas sensações que o mar nos traz.

Quero, aqui, porém, chamar a atenção para o fluxo de insegurança nesta parte da praia. Ele vem como quarto colocado devido às incertezas que a população tem quanto à balneabilidade de praia de Camburi. Ela tem um histórico de manilhas lançando esgoto em suas águas, porém, há alguns anos, os órgãos competentes diziam que ela estava própria para banho.

Algumas semanas após o término do campo, foi veiculada na mídia local a seguinte reportagem.

Praia de Camburi está totalmente imprópria para banho

13/02/2016 - 16h50 - Atualizado em 15/02/2016 - 22h06
Autor: Lara Rosado | lrosado@redgazeta.com.br



Avaliação acontece semanalmente e avalia a quantidade de coliformes fecais na água



A classificação da balneabilidade é a indicação da qualidade das águas destinadas à recreação de contato direto e prolongado, como natação, mergulho e lazer. É realizada, em regime de rotina semanal, por meio da coleta de amostras de águas nos referidos pontos e análise laboratorial para a avaliação do indicador coliformes termotolerantes. A Secretaria do Meio Ambiente de Vitória classifica a qualidade das águas como próprias, impróprias e interditadas, de acordo com a concentração do indicador como estabelecido na Resolução CONAMA 274/00.

Figura 43- Manchete de Jornal - Classificação da balneabilidade em Camburi

Fonte: <http://www.gazetaonline.com.br/conteudo/2016/02/noticias/cidades/3928613-praia-de-camburi-esta-totalmente-impropria-para-banho.html>

Após a veiculação dessa matéria, realizaram outras análises, que foram contraditórias. Uma disse que Camburi está própria a receber banhistas. Logo em seguida, saíram outras análises contestando essa afirmação, enfim, essa incerteza é constante na vida dos capixabas. Essa notícia deixa muitas pessoas receosas de continuar tendo contato com a água da praia de Camburi, tanto os banhistas, os nadadores, os alunos da aula de hidroginástica ofertada pelo SOE, quanto os praticantes de canoa havaiana, *Stand up paddle* e outras atividades que envolvam o mar. Apesar do fluxo de insegurança ser o menos recorrente em toda a Orla, esse sentimento atravessa quase todos que a frequentam, sendo impossível quantificar essa desconfiância.

Assim como anteriormente, focar nas parcelas delimitadas nos ajuda a entender o gráfico total da orla e a distribuição dos fluxos, porém, as Figuras 44 e 45 nos dão uma noção melhor da espacialização dos fluxos e de maneira

visualmente mais fácil de entender. Eles foram divididos em duas partes para melhorar a visualização, pois, se fossem colocados em apenas um mapa, a escala seria muito pequena e não conseguiríamos ver a distribuição na parte reformada da praia, pois suas divisões são muito finas e próximas. Dessa forma, os seis primeiros apresentam todos os fluxos na parte não reformada e os outros seis apresentam a parte reformada com suas quatro divisões.



Figura 44: Mapa de espacialização dos Fluxos analisados: Velocidade e Lentidão, Impessoalidade e Sociabilidade, Insegurança e Segurança com a localização das divisões analíticas Parte não Reformada da Orla de Camburi.
Fonte: Elaborado pelo autor



Figura 45: Mapa de espacialização dos Fluxos analisados: Velocidade e Lentidão, Impessoalidade e Sociabilidade, Insegurança e Segurança com a localização das divisões analíticas Parte Reformada da Orla de Camburi.
 Fonte: Elaborado pelo

Os mapas são uma forma mais específica de observar a espacialização dos dados coletados em campo. Começamos apresentando uma visão da Orla de Camburi como um todo, com todas as partes e fluxos de forma conjunta. Depois, focamos em cada parcela de forma separada, analisando e discutindo as características das manifestações nesses locais. Agora, com os mapas, conseguimos observar como se espalham as ocorrências em cada uma das cinco seções, como também conseguimos ver a relação de cada fluxo nas diferentes divisões.

Tanto na ciclovia como no calçadão, os fluxos estão espalhados por toda a extensão, havendo pouca variação dentro dessas seções. Já nas faixas de areia e na parte não reformada, podemos perceber pontos de concentração e de atenuação. Na parte não reformada, o fluxo que está mais relacionado a atividades físicas, o de velocidade, tem uma alta concentração na parte do calçadão que não tem nenhum bairro à sua frente; enquanto os que apresentam características mais de lazer se concentram em frente ao bairro Jardim Camburi.

O calçadão de todos os locais analisados, tanto na Jerônimo Monteiro como em Camburi, é o mais diversificado em experiências e situações que os fluxos estudados atravessam. Todos ocorrem em grande quantidade e de forma intensa. As outras divisões acabam se inclinando para uma ou outra característica, como, por exemplo: a segunda faixa de areia está mais voltada para o lazer, predominando sociabilidade, segurança e lentidão; a primeira faixa de areia sofre um pouco a interferência do calçadão pela proximidade, porém ainda está muito ligada à atividade física. A sociabilidade, que também é grande nesta parte, é diretamente influenciada pela relação entre esses praticantes. O calçadão reúne todas essas características, um local muito utilizado para práticas esportivas, para encontros, conversas, passeios, descanso, pausas, contemplações, reuniões, entre tantas outras atividades que nele são desenvolvidas.

3.3 – Discussões das Relações entre a Avenida Jerônimo Monteiro e a Orla de Camburi

Após as discussões feitas através dos relatos de campo, das tabelas, dos gráficos e dos mapas com as ocorrências espacializadas, trazemos para esse momento do debate, um último elemento gerado através das experiências em campo, o Mapa dos Fluxos de Experiência. Ele aparece mais no sentido de evidenciar os fluxos que foram experienciados durante as quatro semanas de vivências intensas nas duas áreas de investigação.

Ele foi feito a partir de nuvens de palavras, de modo que os tipos de fluxos que mais se repetiam ganhem destaque, ficando com letras maiores e aparecendo mais vezes. Já os de menos ocorrência ficam menores e aparecem menos.

Neste Mapa, ao invés de utilizarmos os fluxos, especializamos suas formas de manifestação (Figura 13, página 108 deste trabalho) para, dessa maneira, podermos atentar se em um lugar em que a impessoalidade é recorrente, ela é observada mais na forma de descortesia ou pela intensa utilização de celulares, por exemplo.

Percebemos que as formas de manifestação dos fluxos são bem variadas nas duas localidades, não tendo um tipo de manifestação dominante em nenhuma das partes em que foram divididas as duas áreas de estudos. A velocidade na Jerônimo Monteiro está muito mais associada ao andar rápido, focado, sem desviar o olhar e observar o que cerca. Uma forma de se relacionar com a cidade que a transforma apenas em um local de passagem, ligando um lugar ao outro. Há pouca relação com o entorno, com as pessoas, com a vida urbana que está sendo desenvolvida ali, pois há um caminho que deve ser superado num menor tempo possível. Essa forma de passar pela cidade torna as pessoas invisíveis, a cidade invisível, as movimentações, relações e interações invisíveis.

Na Orla de Camburi, a velocidade está associada ao lazer, a uma forma de se exercitar. Tanto que percebemos muitos acenos e cumprimentos entre os esportistas, mostrando que, apesar de eles estarem correndo, estão observando e interagindo com o entorno e não distraídos e centrados em chegar a um local de maneira mais rápida.

Na Jerônimo Monteiro, os fluxos são mais localizados, tendo grande intensidade em locais específicos e pouca ocorrência nos outros. Na Orla de Camburi, os fluxos são mais distribuídos ao longo da área de estudo. Apesar do tipo de parcelamento ter sido diferente nas duas áreas - Camburi foi dividida em partes muito cumpridas e finas, compreendendo um grande espaço retilíneo, e a Jerônimo Monteiro foi fracionada em áreas menores e mais quadradas -, quando observamos os mapas com os dados espacializados essa diferença fica clara.

Ao caminhar pelo calçadão da Orla de Camburi, na qualidade de observador dos fluxos de sociabilidade, impessoalidade, lentidão, velocidade, insegurança e segurança, percebemos que eles pouco alteram sua intensidade e variação de ocorrência durante todo o percurso. No início da caminhada até o final, podemos notar uma uniformização. Já na Jerônimo Monteiro, como os fluxos são mais concentrados em determinadas porções, atravessá-la a pé é ser confrontado por situações e sensações muito diferentes, apenas alguns passos de diferença.

Gostaria de chamar atenção para as ocorrências dos fluxos que estão de azul, os de impessoalidade. Sua manifestação na forma de descortesia

aparece claramente apenas nas duas calçadas da Jerônimo Monteiro, pois, nos outros lugares, tanto nesta avenida como na Orla de Camburi, há uma predominância das manifestações relacionadas à utilização de celulares e fones.

Algo já dito aqui é que, em Camburi, muitos utilizam esse recurso para as atividades esportivas, porém há uma grande quantidade de pessoas que utilizam esses aparelhos eletrônicos para conversarem com outras pessoas por meio de mensagens de texto ou voz, em ambas as áreas de estudo. Apesar dessa atividade estar caracterizada neste trabalho como impessoalidade, pois é um estudo de como as pessoas experienciam a avenida Jerônimo Monteiro e a Orla de Camburi, muitas vezes, a intensa utilização tira muito a atenção do cidadão para o entorno, para a dinâmica que está se passando ao seu redor. Porém entendemos que muitas ocorrências de impessoalidade que observamos em campo se tratavam de uma outra forma de sociabilidade.

Ana Maria Nicolai da Costa, em seu texto *A Difícil Tarefa de Compreender os Arranjos Espaciais Contemporâneos*, faz um debate sobre esses novos espaços que estão sendo inseridos na cidade. Ela argumenta que “a vertiginosa difusão das tecnologias de informação e telecomunicação na década de 1990 introduz outro importante elemento nesse cenário: um espaço alternativo ao físico” (NICOLAI-DA-COSTA, 2009, p. 455) e que “o quadro se torna ainda mais complexo quando é levado em conta o hibridismo físico-móvel-virtual dos espaços produzidos pela telefonia celular” (NICOLAI-DA-COSTA, 2009, p. 455).

As possibilidades de fluxos de sociabilidade, com os avanços tecnológicos, foram crescendo e, agora, com os *smartphones*, temos a oportunidade de levar essas novas possibilidades no bolso e conectar esse mundo virtual em qualquer lugar que tenha *internet* ou sinal de celular. Massimo Di Felice, em seu livro *Paisagens Pós-urbanas: o fim da experiência urbana e as formas comunicativas do habitar*, afirma que muitas “experiências de sociabilidade nas paisagens pós-urbanas são resultado de interações com a mídia eletrônica que, inserindo-se entre o sujeito e as paisagens, modifica a ambos quebrando distâncias e diferenças” (DI FELICE, 2009, p. 193), e complementa falando que o sujeito e as “paisagens, neste novo cenário, contaminam-se e redefinem-se a partir das interferências midiáticas. Ao se

apertar um botão de 'play', ou de 'on', muda-se a função social, trocam-se as paisagens e passa-se a interagir de outro modo" (DI FELICE, 2009, p. 193).

Outro fato que diferencia muito uma área da outra é que, na Orla, as horas de intensa utilização durante a semana são poucas, ficando centradas em duas horas pela manhã e três na parte da noite; já no final de semana ela é intensamente ocupada durante todo o dia. Quando as pessoas tomam este lugar, as experiências e os fluxos são intensos, abundantes e acentuados, atravessam-nos e nos passam de formas ativas e energéticas, somos tomados pela grande quantidade de atividades, usos e finalidades que a população atribui a esta localidade. Esse fato é notado quando analisamos o total de fluxos nas duas áreas. Em Camburi, foram experienciados e observados mais que o dobro de fluxos, ficando com 28.731 no total, ao passo que, na Jerônimo Monteiro, a somatória foi de 13.957.

No Centro de Vitória, a avenida tem grande movimentação de segunda a sexta, durante todo o dia, tendo as noites como pontos de menor movimentação. Nos finais de semana, o período mais movimentado é o sábado pela manhã e as noites, quando há espetáculos. Os fluxos, apesar de eles serem concentrados em locais específicos da avenida, são distribuídos ao longo de todo o dia, sendo o de insegurança o único que ocorre quase que inteiramente na parte da noite.

Percebemos que o tipo de atividade que é desenvolvida nas áreas de estudo interfere muito em sua movimentação diária. Elas têm basicamente dois fatores de atração cada uma, o comércio e os teatros na Jerônimo Monteiro e as atividades físicas e lazer na orla de Camburi. Esses fatores não são suficientes para atrair pessoas durante todo o dia para essas áreas. Na primeira, grande parte é tomada por um esvaziamento quando as lojas fecham suas portas; já a segunda é amplamente utilizada após a saída das pessoas do trabalho. Jane Jacobs (2011) nos alerta que, para uma rua ser segura, promover contatos e relacionamentos e ser interessante para investidores, empresários e para a própria cidade e população, deve possuir fatores de atração que levem pessoas diferentes, em horários diferentes, com finalidades diversificadas para aquela rua, tornando-a movimentada durante todos os períodos do dia. Se o local tem apenas um fator de atração, raramente ele

consegue gerar essa dinâmica, fazendo com que, no período do dia, ele não atue como fator de atração e o lugar sofra um significativo esvaziamento.

Tanto a Jerônimo Monteiro como a Orla de Camburi têm os fluxos de velocidade, sociabilidade e lentidão como os que mais atuam na experiência e no passar das pessoas por esses lugares. Esse fato mostra que, apesar da vida urbana, em grande parte, ser pautada pela pressa e rapidez em diversas atividades do dia, impessoalidade e automatismos das ações ao longo do nosso cotidiano, se começarmos a deixar a cidade e as pessoas nos passarem e nos acontecerem, ao invés de apenas passarmos por elas, ainda encontramos momentos, ações e atitudes que vão na contramão da pressa e da velocidade nas grandes cidades. Herman Hesse, no final do século XIX, já dizia que, quando adotamos essa postura,

paulatinamente, sem esforço, o olhar também se educará como mensageiro de muitos pequenos encantos, para a contemplação da natureza, das ruas, para apreender a inesgotável comicidade da vida miúda. Daí ao olhar artisticamente educado, teremos meio caminho vencido, o principal é o começo: abrir os olhos (HESSE, 1977, p. 11)

REVERBERAÇÕES

O cotidiano das cidades é pautado pelo que Queiroz Filho denomina de “grandes marcas do viver citadino contemporâneo” (QUEIROZ FILHO et al, 2013): a velocidade, a impessoalidade e a insegurança. Esses fluxos que hoje em dia afetam nossas experiências, Herman Hesse (1977), em seu texto *As Pequenas Alegrias*, do final do século XIX, já escrevia sobre as reverberações causadas por eles, mostrando ser uma problemática citadina antiga.

Autores como Bauman (1999, 2008, 2009), Marandola Jr. (2011), Jane Jacobs (2011), Janice Caiafa (2003, 2005, 2007) e Virilio (2014) também se debruçam em pensar como esses fluxos interferem e atravessam nossa relação com a cidade e com seus cidadãos. Em suas discussões, porém, eles apontam para a existência de linhas de fuga, de momentos e ações que ainda resistam, que “insistem em existir” (ASPIS, 2010, p. 11) nessa cidade funcionalista. Dessa forma, apontam para fluxos de sociabilidade, lentidão e segurança.

Este trabalho se propôs a pesquisar como os fluxos de impessoalidade, sociabilidade, velocidade, lentidão, insegurança e segurança se manifestam e se relacionam em/com dois pontos da cidade de Vitória-ES, a Avenida Jerônimo Monteiro e a Orla de Camburi. Essas investigações ocorreram através de estudos em campo, de forma que pudéssemos experienciar e observar como as dinâmicas locais eram atravessadas e marcadas por esses fluxos.

Como sempre morei na cidade onde essa pesquisa foi realizada, é natural que tenha conhecimentos e informações sobre as áreas de estudo, porém, procuramos amparo em autores como Canevacci (2004), Larrosa (2015), Skliar (2014) e Queiroz Filho (2010) para pensarmos uma metodologia de campo e uma forma de experienciar a cidade de modo que esses pré-conhecimentos não guiassem nosso olhar ou nos fizessem repetir apenas o familiar.

Os campos foram divididos em quatro semanas, duas na avenida Jerônimo Monteiro, no Centro de Vitória, e outras duas na Orla da Praia de

Camburi, de modo que cada área de estudo fosse vivenciada duas vezes, de maneira intercalada. Durante esse processo, foram registrados os momentos, experiências, relações e sentimentos que nos passaram, afetaram-nos e que juntos foram base para análise dos fluxos estudados. Assinalamos, também, o que pode ser apreendido com observações e com os conhecimentos, histórias e experiências que nos foram contados durante conversas com os frequentadores da Jerônimo Monteiro e da Orla de Camburi.

Durante os campos, as áreas de estudo foram seccionadas, de forma que pudéssemos analisar não só os fluxos ao longo de toda a sua extensão, como também em partes localizadas, objetivando compreender como eles são distribuídos. A Avenida Jerônimo Monteiro foi dividida em calçada da direita, calçada da esquerda, praça Costa Pereira, praça Oito e Sesc-Glória. A Orla de Camburi também ficou fracionada em cinco: parte não reformada, ciclovia, calçadão, primeira faixa de areia, segunda faixa de areia.

Com os dados coletados, foram produzidos relatos de campo, tabelas, gráficos e mapas. Esses diversos materiais foram necessários para dizer sobre o campo, pois cada um traz um elemento novo para a discussão. Os relatos de campo tiveram dois objetivos. O primeiro foi de descrição dos locais estudados, levando em consideração os horários de movimentação, as pessoas que frequentavam, as finalidades delas, os tipos de apropriação do lugar, as atividades que ali eram desenvolvidas e feitas, os equipamentos urbanos ali existentes e a diferença de dinâmica ao longo da área. O segundo objetivo foi pautado pela narração das experiências ali vivenciadas, descrevendo as situações e os afetamentos, compartilhamentos e relações que foram sendo criadas e vividas, tanto com a cidade quanto com as pessoas.

Com as tabelas, tivemos o objetivo de apresentar os resultados absolutos de cada local de estudo e suas divisões. Elas foram importantes, também, para a elaboração dos gráficos, gestados a partir delas como uma outra maneira de apresentar os resultados. Buscamos, por meio dessa outra forma de apresentação, exibir a intensidade de cada fluxo que posteriormente foram especializados com o auxílio dos mapas.

Nesses elementos criados com os dados de campo, cada fluxo foi associado a uma cor específica. Essa relação foi pensada a partir de suas características, dessa forma, buscamos embasamentos teórico-metodológicos

na psicologia das cores para essa aproximação. Foi considerada a complementariedade entre elas, suas classificações entre cores quentes (que estão relacionadas à excitação, ao calor, ao entusiasmo) e cores frias (associadas ao distanciamento, à frieza, à indiferença) e, por último, consideramos a teoria das cores, formulada por Goethe (1993). Ele afirma que cada cor desperta em nós um tipo de sentimento e sensação e fez uma descrição dessa relação, classificando cada cor ao estímulo que ela produz. Dessa forma, embasados nessas premissas, nossa categorização ganhou a seguinte configuração:

- O **ROXO** foi associado à velocidade;
- O **AMARELO** foi associado à lentidão;
- O **AZUL** foi associado à impessoalidade;
- O **LARANJA** foi associado à sociabilidade;
- O **VERDE** foi associado à segurança;
- O **VERMELHO** foi associado à insegurança.

Com os dados de campo coletados e os produtos criados, observamos que as duas áreas de estudos têm dinâmicas e distribuições espaciais dos fluxos muito divergentes. Na Avenida Jerônimo Monteiro, os fluxos são mais centralizados, tendo as praças e o Sesc-Glória como locais onde a sociabilidade e a lentidão predominam, eles reverberam de forma intensa na experiência que temos com esses lugares. Já nas calçadas, onde estão as lojas e os vários prédios de escritórios, os fluxos que se destacam são os de velocidade e impessoalidade. Na Orla de Camburi, eles são mais distribuídos ao longo de sua extensão, de forma que, ao caminhar pela orla, os fluxos são recorrentes durante todo o caminho. O ponto de maior enfoque é o calçadão, onde todos os fluxos acontecem com grande intensidade e reincidência.

A Avenida Jerônimo Monteiro é uma área muito comercial da cidade de Vitória, por isso seu pico de movimentação nas calçadas está compreendido no horário em que as lojas estão abertas, de 8h30 até as 18h. Antes desse período e após, ela sofre um grande esvaziamento, pois não contém muitos outros atrativos populacionais para movimentar a avenida quando as lojas

estão fechadas. O que movimenta a avenida pela manhã é o fluxo de moradores das áreas ao redor, que seguem para a jornada diária e, na parte da noite, são as apresentações da OSES e da Orquestra da FAMES.

Na Orla de Camburi, a dinâmica é outra. Por ser um local de lazer, as maiores movimentações acontecem exatamente nos horários que antecedem a jornada diária de trabalho, tendo como horários de maior expressão dos fluxos estudados de 6h até as 8h e, depois, de 17h30 até 21h.

As formas de manifestação de cada fluxo nas duas áreas de estudo também são diversificadas. Na avenida do Centro de Vitória, os fluxos de velocidade são reverberações da pressa e rapidez, em que a vida contemporânea tem sido pautada. Já na Orla, são características das atividades ali desenvolvidas, como corrida, ciclismo e *skate*. A sociabilidade na Jerônimo Monteiro é impulsionada pelas longas conversas, contatos e a grande convivência que acontece na praça Costa Pereira. Na Orla de Camburi, é mais misturada, tendo como grandes ocorrências acenos e cumprimentos rápidos, quando conhecidos se cruzam durante o exercício no calçadão, bem como pelas rodas de amigos e familiares que aproveitam esse espaço para distrair, relaxar, levar a família.

Apesar de os dois serem fortemente influenciados por este fluxo, na Jerônimo Monteiro ele proporciona uma integração maior com pessoas desconhecidas; já na Orla, esse fluxo é sustentado por grupos de pessoas que já se conhecem e utilizam este local para encontros e reuniões.

Assim como nos apresentaram os autores que estudam as influências desses fluxos no cotidiano das cidades, percebemos que as duas áreas de estudo são fortemente marcadas por apenas um fator de atração populacional dominante, o comércio em uma e, na outra, o lazer, fazendo com que tenham esvaziamentos populacionais em determinados períodos do dia. Outro fator que ficou perceptível é a forma fria e acelerada como muitas pessoas experienciam as ruas da cidade, mantendo pouco contato visual, constantemente nos celulares e com fones de ouvido, raramente desviando o olhar para o entorno, compartilhando o espaço urbano.

Apesar dessas situações e relações, ainda existem movimentos de resistência frente a essa problemática. Isso é observado quando olhamos para os fluxos que foram mais recorrentes nas duas áreas. Temos os fluxos de

lentidão e sociabilidade como os dois primeiros na Jerônimo Monteiro e como segundo e terceiro na Orla de Camburi.

Esse aspecto nos mostra que, apesar do cotidiano ser fortemente pautado pelos fluxos de velocidade, impessoalidade e insegurança, os momentos e locais onde há resistências, onde há convívio, relação, o tempo lento da conversa, da reflexão, do comedimento, os fluxos que ali são inaugurados e manifestados têm uma potencialidade e intensidade.

A forma de apresentação dos resultados deste trabalho foi pensada de modo que, primeiro, pudéssemos ter os relatos de experiência com as duas áreas de estudo, uma narrativa mais afetiva, onde aos poucos, através das situações que os relatos contam, as pessoas pudessem ir conhecendo e se familiarizando com a dinâmica tanto da Jerônimo Monteiro como da Orla de Camburi. Depois, lançamos mão das tabelas, gráficos e mapas, de modo que nesta parte da discussão, as pessoas já estariam afetadas pelos relatos de campo e pudessem aproximar esse conhecimento qualitativo dos quantitativos.

Sendo assim, os dados obtidos ao longo dessa pesquisa foi criando uma versão das áreas de estudo como um todo e aos poucos a escala foi sendo alterada e foi-se adentrando e focando em cada divisão separadamente, onde fomos capazes de analisar quais fluxos mais as influenciavam. Dessa forma, pensando todas as áreas isoladas e, depois, analisando as relações e as confluências entre elas, teríamos um melhor entendimento da dinâmica e da distribuição espacial dos fluxos na Jerônimo Monteiro e na Orla de Camburi.

A metodologia utilizada em campo foi de grande importância para o resultado final desta pesquisa, pois, nos permitiu sair do lugar comum, das versões midiáticas e preconceitos que tínhamos sobre a Jerônimo Monteiro e a Orla de Camburi. Ela, porém, também apresentou algumas dificuldades e resistências e posso apontar aqui que a de maior relevância foi na análise da segurança e insegurança, esses dois fluxos de experiência são muito mais sentidos, são intensivos, sendo muito difícil de serem quantificados. Não que os outros não passem por uma sensibilidade, porém, quando falamos de sociabilidade ou de velocidade, podemos quantificar quantos acenos, quantas pessoas conversando ou andando de maneira acelerada, quantos cumprimentos ocorreram em um dado lugar, ao longo de um período de tempo, já no caso da insegurança e segurança essa quantificação fica mais

complicada, pois, está muito relacionado com o que o investigador sente, experiência, ou dos relatos que as pessoas contam para ele. Tivemos dificuldade neste sentido, de tornar esses dois fluxos observáveis também e não somente, sentidos e experienciados.

Outro fator dessa metodologia utilizada, foi que, não podíamos estar em todos os lugares da avenida o tempo inteiro, então, o resultado quantitativo não foi o total de ocorrências que aconteceu nas duas áreas de estudo ao longo das quatro semanas e sim, a quantidade de ocorrências que observamos e experienciamos ao longo de nossas vivências e imersões.

Apesar dos percalços, a metodologia foi potente no sentido de que conseguimos trabalhar tanto com dados qualitativos, quanto quantitativos, e eles foram se completando, misturando, nos ajudando a fazer uma análise integrando e interagindo os dois, nos ajudando a fazer uma versão sobre a avenida Jerônimo Monteiro e a Orla de Camburi. Ela nos possibilitou entrar em contato com a pluralidade dos lugares estudados e a dar voz as diversas vozes que existem e que falam, que contam, narram sobre a experiência cidadina e sobre o lugar.

Essa pesquisa oportunizou-nos uma relação mais comedida, mais demorada, prestando atenção não só no que saltava aos olhos, mas também nas relações e miudezas que estavam escondidas no espetáculo das ruas. Foi uma metodologia que nos permitiu aprender a conhecer por meio de experiências vividas, e não de informações recebidas. Transformamo-nos em “sujeitos de experiência” (LARROSA, 2015), este “seria algo como um território de passagem, algo como uma superfície sensível que aquilo que acontece afeta de algum modo, produz alguns afetos, inscreve algumas marcas, deixa alguns vestígios, alguns efeitos” (LARROSA, 2015, p, 25)

Este trabalho possibilitou uma nova visão da cidade, uma outra relação com ela, mais aberta, mais exposta às casualidades, às possibilidades e aos acasos, uma outra maneira de vivenciá-la, de aproveitar as “pequenas alegrias” (HESSE, 1977), de gozar aquilo que não nos pode ser roubado, mas que tem passado despercebido:

*Um pedaço do céu, um muro de jardim coberto por ramos verdes,
um cavalo vigoroso, um bonito cão, um grupo de crianças, uma bela
cabeça de mulher – tudo isso não nos pode ser roubado. Quem
começou, pode ver coisas preciosas numa caminhada, sem perder um
minuto de tempo. E essa contemplação absolutamente não cansa,
mas fortifica e repousa,
e não só aos olhos.*

Herman Hesse

BIBLIOGRAFIA

ASPIS, Renata Lima. Resistências nas sociedades de controle: um ensino de filosofia e sub-versões In: AMORIM, Antonio Carlos; GALLO, Sílvio e OLIVEIRA JR, Wenceslao Machado (orgs). **Conexões: Deleuze e Imagem e Pensamento e** Rio de Janeiro: Editora DP et alli. 2010.

AUGÉ, Marc. **Por uma antropologia da mobilidade**. Tradução de Bruno César Cavalcanti e Raquel Rocha de Almeida Barros. Maceió: EDUFAL : UNESP, 2010. 109 p.

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: as consequências humanas**. Tradução de Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

_____. **Modernidade Líquida**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

_____. **Medo Líquido**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BARROS, Manoel de. **Poesia Completa**. São Paulo: Leya, 2010.

BINDÁ, Andréa Havt; LOUREIRO JR., Eduardo; SANTOS, Fabiano dos. **Mapeando o Viver Contemporâneo**. 2004. Disponível em: <<http://www.serfran.pro.br/hipertexto/hiper.html>>. Acesso em: 05/10/2014.

BOMFIM, Zulmira Áurea Cruz. **Cidade e afetividade: estima e construção dos mapas afetivos de Barcelona e de São Paulo**. Fortaleza: Edições UFC, 2010.

[CAIAFA, Janice](#). **Comunicação e diferença nas cidades**. Lugar Comum (UFRJ), Rio de Janeiro, v. 1, n.18, p. 91-101, 2003

_____. Comunicação e Expressão nas Viagens de Ônibus. In: **Revista Comunicação e Cultura**. 2005. Acesso em: 15/06/2015, disponível em:

<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/view/3450/2516>

_____. **Aventura das Cidades**: ensaios e etnografias. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007. v. 1. 181p

CANEVACCI, Massimo. **A Cidade Polifônica**: ensaios sobre a antropologia da comunicação urbana. Tradução de Cecília Prada. São Paulo: Studio Nobel, 2004.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Trad. Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DELIJAICOV, Alexandre. **A cidade - obra de arte coletiva**: Alexandre Delijaicov at TEDxJardins. Palestra do professor Alexandre Delijaicov, 15'19", 2014. Disponível em: <<https://youtu.be/2MXOAO7OKO4>>. Acesso 19/02/2015.

DIAS, Fernando Paulo Rosa. **A "dromologia" de Paul Virilio e a arquitectura contemporânea**: reflexões sobre a crise da "Polis" e da "Domus". Arte teoria, Lisboa, 7, 2005. 234-248. Disponível em: <<http://repositorio.ul.pt/handle/10451/7756>>. Acesso em: 13 mar. 2015.

DI FELICE, Massimo. **Paisagens Pós-urbanas**: o fim da experiência urbana e as formas comunicativas do habitar – São Paulo: Annablume, 2009.

ELTON, Elmo. **Logradouros antigos de Vitória**. Vitória, IJSN, 1986.

GOETHE. Johann Wolfgang von. **Doutrina das cores**. Trad. Marco Giannotti – São Paulo: Nova Alexandria, 1993)

HESSE, Hermann. **Pequenas Alegrias**. Trad. Lya Luft. Rio de Janeiro: Record, 1977.

JACOBS. Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. Trad. Carlos S. Mendes Rosa – 3ª ed. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

LAMAS, José Garcia. **Morfologia urbana e desenho da cidade**. Porto: ORGALImpressores, 2007.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. In: **Revista Brasileira de Educação**. 2002. Disponível em:

<[http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE19/RBDE1904JORGELARROSA BON DIA.pdf](http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE19/RBDE1904JORGELARROSA_BON_DIA.pdf)>. Acesso em: 21/10/2012.

_____. **Tremores**: escritos sobre a experiência. Tradução de Cristina Antunes e João Wanderley Geraldi. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

MARANDOLA JR., Eduardo. Mobilidades contemporâneas: distribuição espacial da população, vulnerabilidade e espaços de vida nas aglomerações urbanas. In: CUNHA, J. M. P. **Mobilidade espacial da população**: desafios teóricos e metodológicos para o seu estudo. Campinas: Nepo/UNICAMP, 2011. p. 95-115.

MASSEY, Doreen. **Pelo Espaço**: uma nova política da espacialidade. Trad.: Hilda Pareto Maciel e Rogério Haesbaert. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

NICOLAI-DA-COSTA, Ana Maria. **A difícil tarefa de compreender os arranjos espaciais contemporâneos**. Psicologia e Sociedade, 2010. 455-462.

OLIVEIRA, Livia de. O Sentido de Lugar. In: MARANDOLA JR., Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia (Orgs.) **Qual o espaço do lugar?** Geografia, Epistemologia, Fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012. p.3-16.

OLIVEIRA JR, Wenceslao Machado. **Videos, resistências e geografias menores - linguagens e maneiras contemporâneas de resistir**. Terra Livre, v. 1, p. 161-176, 2010.

PECHMAN, Robert M. **Olhares sobre a cidade**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994.

POSSEBON, Ennio. A teoria das cores de Goethe. In: **Contribuições para a Óptica de J. W. von Goethe**: Antroposófica. 2011. Acesso em 21/12/2015. Disponível em: <http://www.sab.org.br/portal/images/Artigos/artes/teoria-das-cores-de-goethe/teoriadascors-enniopossebon.pdf>

QUEIROZ FILHO, Antonio Carlos. **A edição dos lugares**: sobre fotografias e a política espacial das imagens. ETD – Educação Temática Digital, Campinas, v.11, n.2, p.33-53, jun. 2010.

_____. Desviando Olhares: Estéticas-políticas dos relatos de viagem. **Geograficidade**. Número Especial, Educação pelas imagens e suas geografias, v.2, p. 104-114, primavera. 2012.

_____. (2015) **Geografias Impuras**: quando a paisagem pega delírio e faz do lugar o seu reflexo (ou o contrário). Texto-base da participação na mesa-redonda "Trabalho de Campo e Mundo Vivido", realizada durante o VI SEGNUM, em Diamantina-MG, outubro de 2015.

QUEIROZ FILHO, Antônio Carlos.; BORGES, Rafael Fafá; DAMIANI, Hadassa Pimentel. **Rasuras e Experimentações**: apontamentos sobre ImagemCidade-Experiência. Entre Lugar, Dourados, 7, 2013. 68-85.

RELPH, Edward. Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência de lugar. In: MARANDOLA JR., Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia (Orgs.) **Qual o espaço do lugar?** Geografia, Epistemologia, Fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012. p.17-32.

RIVEIRO, Emanuel. **Psicologia das Cores e suas representações pelo mundo**. 2014. Acesso em: 05/02/2016. Disponível em: <http://mundodapsi.com/cores-e-emocoes/>

SANTOS, Silvio Eduardo Teles dos. **Psicologia das cores**. 2000. Acesso em: 12/02/2016. Disponível em: <http://docplayer.com.br/7597185-Silvio-eduardo-teles-dos-santos-psicologia-das-cores.html>

SKLIAR, Carlos. **Desobedecer a Linguagem**: Educar. Tradução de Giane Lessa. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

TORRES, Fabianne Oliveira. **A Imagem a Ser Consumida**: Política Visual, Imaginação Espacial e a Estética dos Vídeos Turísticos no Estado do Espírito Santo. 25/03/2014. 114f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa da Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Espírito Santo. 2014.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Trad.: Livia de Oliveira – Londrina: Eduel, 2012.

_____. **Espaço e Lugar**: a perspectiva da experiência. Tradução: Livia de Oliveira – Londrina; Editora Eduel, 2013.

VATTIMO, Gianni. **A Sociedade Transparente**. Trad.: Hossein Shooja e Isabel Santos. Lisboa: Relógio D'Água, 1992.

VIRILIO, Paul. **O Espaço Crítico**. Tradução de Paulo Roberto Pires. 2ª. ed. Rio de Janeiro: 34, 2014. 128 p.